

MARIANA LIMA MARQUES

***A DOMINAÇÃO, O TEMPO E O VENTO: DOMINAÇÃO PESSOAL E
PATRIARCALISMO NO ROMANCE HISTÓRICO DE ÉRICO
VERÍSSIMO***

Este exemplar
corresponde à redação
final da dissertação
defendida diante da
Comissão Julgadora
em 17/06/2009.

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Departamento
de Sociologia do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas
da Universidade Estadual de
Campinas sob a orientação do
Prof^a. Dra. Gilda Figueiredo
Portugal Gouvêa.

BANCA

Prof^a. Dra. Gilda Figueiredo Portugal Gouvêa – DS/IFCH/UNICAMP (Orientadora)

Prof^a. Dra. Elide Rugai Bastos - DS/IFCH/UNICAMP

Prof^a. Dra. Suzi Frankl Sperber – DTL/IEL/UNICAMP

JUNHO / 2009

MARIANA LIMA MARQUES

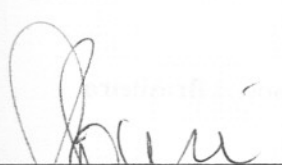
C₂
R-1157

***A DOMINAÇÃO, O TEMPO E O VENTO: DOMINAÇÃO PESSOAL E
PATRIARCALISMO NO ROMANCE HISTÓRICO DE ÉRICO
VERÍSSIMO***

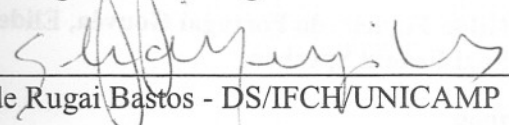
Dissertação de Mestrado
apresentada ao Departamento
de Sociologia do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas
da Universidade Estadual de
Campinas sob a orientação do
Prof^a. Dra. Gilda Figueiredo
Portugal Gouvêa

Este exemplar
corresponde à redação
final da dissertação
defendida diante da
Comissão Julgadora
em 17/06/2009

BANCA



Prof^a. Dra. Gilda Figueiredo Portugal Gouvêa – DS/IFCH/UNICAMP (Orientadora)



Prof^a. Dra. Elide Rugai Bastos - DS/IFCH/UNICAMP



Prof^a. Dra. Suzi Frankl Sperber – DTL/IEL/UNICAMP

JUNHO / 2009

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

M348d **Marques, Mariana Lima**
A dominação, o tempo e o vento: dominação pessoal e
patriarcalismo no romance histórico de Érico Veríssimo /
Mariana Lima Marques. - - Campinas, SP : [s. n.], 2009.

Orientador: Gilda Figueiredo Portugal Gouvêa
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Veríssimo, Érico, 1905-1975. 2. Patriarcado. 3. Literatura
e sociedade. I. Gouvêa, Gilda Figueiredo Portugal.
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas. III. Título.

(cn\ifch)

Título em inglês: The domination, the time and the wind: personal domination
and patriarchy in Ericos Verissimo's historic novel

Palavras chaves em inglês (keywords) : Patriarchy
Literature and society

Área de Concentração: Pensamento Social Brasileiro

Titulação: Mestre em Sociologia

Banca examinadora: Gilda Figueiredo Portugal Gouvêa, Elide Rugai Bastos,
Suzi Frankl Sperber

Data da defesa: 17-06-2009

Programa de Pós-Graduação: Sociologia

**Para Marilza, Waldir, Gabriela,
Warzinho e Renato, respectivamente Ana
Terra, Babalo, Bibiana, Zeca e Floriano
de minha vida.
E para Maia, a minha Comandante**

Resumo

A presente Dissertação de Mestrado tem por objetivo analisar no romance histórico de Érico Veríssimo *O Tempo e o Vento* como a questão da dominação pessoal se apresenta no decorrer de 200 anos de história do Rio Grande do Sul. Dessa forma, sendo evidente de nossa formação social o caráter patrimonialista de dominação pessoal, pretende-se analisar como Érico Veríssimo deixa transparecer tais características, levando em consideração a trajetória de suas personagens evidenciadas principalmente através das relações entre as famílias Terra-Cambará, Amaral e Caré e os demais clãs da cidade fictícia de Santa Fé.

Abstract

The present Master's Dissertation seeks to analyze, inside of Érico Veríssimo's historic novel *O Tempo e o Vento* how the question of the personal domination presents itself throughout the 200-year span of the Rio Grande do Sul's history. That way, being evident the patrimonial characteristic of Personal Domination in our social formation, it tries to analyze how Érico Veríssimo lets said characteristics show themselves, taking in consideration the journey of his characters, showed mainly through the interactions between the families Terra-Cambará, Amaral and Caré and the other clans of the fictitious city of Santa Fé.

Agradecimentos

A literatura propõe um mundo de aventuras para aqueles que quando ainda muito pequenos, não têm autonomia para irem sozinhos aos mais diversos lugares. A leitura, no início da década de 90, ainda era o grande instrumento de conhecimento: o mundo ainda não conhecia amplamente as maravilhas que a Internet traria para os jovens das mais diferentes culturas conectados na rede mundial a partir, sobretudo, dos anos 2000. O curso de Teoria Literária apenas não se fez seguir em decorrência dos acontecimentos presenciados num mundo que conhecia de perto a nova ordem mundial: a queda do muro de Berlim, a mudança nos limites dos países e as guerras que desse contexto surgiram e que redesenharam o mapa-múndi, e eleição democrática de 1989 e o *impeachment* do presidente Fernando Collor de Melo. Entender todo esse mundo que se modificava cotidianamente foi justamente a inquietação que determinou o caminho para a Sociologia.

O amor pela literatura fundou bases que se mantiveram fortemente presentes na vida da socióloga que se formou em 2006 e que, em 2007, ingressou no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Campinas. Embora foco de preconceito nos primeiros semestres de curso, a paixão pela Sociologia Rural também se fez presente. Ao lembrar que minha mãe Marilza havia dito certa vez que gostaria de me chamar de Ana Terra, em homenagem a uma personagem extremamente forte que Érico Veríssimo havia composto para *O Tempo e o Vento*, e numa conversa com minha irmã Gabriela, surgiu a idéia de estudar a origem e ascensão de uma família em uma sociedade patrimonial e patriarcal como a brasileira. Por tratar-se justamente disso, a obra máxima de Érico foi escolhida.

Assim, agradeço aqui primeiramente minha mãe, Marilza Lima Marques, que como diz Floriano Cambará em *O Tempo e o Vento* e sem levar em conta as críticas que as

feministas fazem sobre o trecho, é justamente o “chão firme” que nos sustenta. Basilar, essencial. Duas palavras fortes e que dispensam outras para explicar sua importância em todo o meu processo de crescimento.

À minha irmã Gabriela Lima Marques, que praticamente me presenteou com este objeto de investigação. Leitora de Érico Veríssimo desde a mais tenra idade e estudante de Letras, seu carinho e observações sempre pontuais fizeram do caminho de amadurecimento pessoal e de escrita muito mais suave. Que o vagaluminho continue iluminando, com sua doce luz, meu caminho para sempre.

Ao meu pai querido, Waldir Marques, que assim como Babalo não esmorece frente às dificuldades e mantém a conduta e a doçura apesar de tudo.

Ao meu irmão Warzinho, o “Erê” da casa, por adoçar e tornar tolerável os momentos mais difíceis.

Ao meu companheiro Renato Pastor, que como Floriano, autor de *O Tempo e o Vento*, é o artista que contorna com suas linhas (precisas e objetivas), o meu caminho que não pode ser outro sem seguir os seus passos.

À Maia que, com sua lealdade, acompanhou os principais eventos de minha iniciação na vida adulta, mas que não pôde presenciar a finalização desta dissertação. À Picchi que, com sua chegada e destruição de várias anotações acadêmicas, alegrou o caminho deixado por Maia. E muito obrigada, Max, pelo fiel companheirismo.

Agradeço à minha família acadêmica, Gilda Figueiredo Portugal Gouvêa e Antonio Carlos Dias Junior, respectivamente mãe e irmão, pela amizade, pelo companheirismo, pelas horas de auxílio na leitura deste texto e pela importância fundamental em minha vida.

Às amadas Bianca e Yara Nicolau Milan, pelo apoio psicológico e acadêmico durante a escrita. E pelo amor e amizades, que há mais de 18 anos são tão verdadeiros.

Aos professores Maria da Glória Bordini, Elide Rugai Bastos, Mauro Rovai, Sérgio Silva e Flávio Woolf Aguiar, pela orientação e atenção. À Suzi Frankl Sperber por me fazer resgatar a poesia que existe nas ciências humanas e me convencer de que, não importam quantos anos se passem, as possibilidades de encontrarmos anjos na terra jamais se esgotam.

Aos companheiros de vida Renato Gomes, João Henrique Melo, Patrícia da Silva Santos, Daniel Rodrigo Vieira, Patrícia Lima Jacowatz, Daura Gomes, Cynthia Jazra Nakamura, Edileuza da Silva, Priscila Marianne, Letícia Rhyvenne e Daniele Tega, tão fundamentais em meu crescimento pessoal e acadêmico.

Aos indispensáveis Maria Lídia Zillete e Mauricio José de Abreu, por ajudar a sustentar a estrutura básica de tudo.

Aos queridos Felipe Carvalho, Ana Patrícia Rameiro, Walter Valdevino da Silva, Thiago Galante de Souza, Julia Bertino Moreira, Mateus Zeferino, Lourdinha Coccozza, Marina Rebeca Saraiva, Giselle Vianna, Ana Carolina Bazzo, Valter, Maria e Marcela Pastor, Orson Camargo, Paola Gambarotto, Marcos Rehder, Thaís Cavalcante Martins, Elisângela da Silva Santos, Marcella Bresciani, Luciane Boldrin, Thaís Tartalha do Nascimento, Thiago Gonçalves, Maria Regina Pereira de Lima e Michele Saqui.

Por último, um agradecimentos especial à CAPES que, ao financiar projetos, possibilita a realização de pesquisas que iluminam o significado de nossa cultura e formação social, incentivando a preservação de nosso sentimento nacional.

Sumário

Introdução	15
-------------------	-----------

CAPÍTULO I - Sociedade e literatura: metodologia, memória e contexto

1.1 A objetividade do tempo e a subjetividade do vento: análise de conteúdo e fenomenologia	23
1.2. Poeta e historiador	27
1.3. Linguagem e prática social: o contexto	30
1.4. O caráter mimético da obra	34
1.5 O tempo e o vento para os homens livres	40

CAPÍTULO II - A dominação n' *O Continente*

2.1. A herança lusitana e a figura do agregado	45
2.2 O tempo, o vento e a dominação pessoal	52
2.3. A dominação pessoal n' <i>O Continente</i>	53
2.4. De Chico Rodrigues a Rodrigo Cambará: a malandragem entre a ordem e a desordem	57
2.5. Ana Terra: marca d'água feminina no mundo patriarcal	61
2.6. Coronel Ricardo Amaral, senhor e dono de Santa Fé	63
2.7. Bibiana Terra Cambará e a luta pela permanência da tradição	67
2.8. A raça dos Caré	72
2.9. Ismália Caré	74
2.10 Licurgo e a ascensão dos Terra -Cambará	78

CAPÍTULO III – O retrato do patriarca	
3.1. A importância do pai	83
3.2. O Sobrado como topo do mundo	85
3.3. Como o galo Chantecler	87
3.4. Fidelidades desinteressadas	95
3.5. O retrato que se desbota	100
 CAPÍTULO IV – Um <i>Arquipélago</i> de ilhas perdidas	
4.1. Ilhas denominadas	105
4.2. Toríbio	107
4.3. Floriano, o autor de <i>O Tempo e o Vento</i>	109
4.4. Cabo Laurito	117
4.5. Amor ao invés de piedade	119
 CAPÍTULO V - Conclusão	125
 APÊDICE – Um breve resumo de <i>O Tempo e o Vento</i>	131
 BIBLIOGRAFIA	143

“Nenhum homem é uma ilha... O diabo é que cada um de nós é mesmo uma ilha, e nessa solidão, nessa separação, na dificuldade de comunicação e verdadeira comunhão com os outros reside quase toda a angústia de existir.”

Floriano, em *O Arquipélago I – O Tempo e o Vento*, Érico Veríssimo

INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho é fruto de uma grande inquietação: será possível uma obra literária ser passível de uma análise sociológica? Se sim, como um fenômeno tão característico de nossa formação social – a dominação pessoal – se apresenta (ou não) nas histórias que os autores brasileiros contam? Entrando em contato com autores como Antonio Candido¹, Raymundo Faoro², Roberto Schwarz³ e lendo a dissertação de mestrado do colega de curso e universidade Jean Carlos Faustino⁴, conversando com os professores Maria da Glória Bordini⁵ e Flávio Wolf Aguiar⁶, percebeu-se que a empreitada era sim, possível. Mais que isso: válida. Partindo deste princípio e sendo necessário um recorte, o autor escolhido foi Érico Veríssimo, e o romance, sua obra-prima *O Tempo e o Vento*.

A escolha de Érico Veríssimo (1905-1975) se fez através do interesse pela história do Rio Grande e pelo prefácio escrito por Jorge Amado que diz que *O Tempo e o Vento* não é apenas a história do Rio Grande, mas também se remete à história do Brasil. Tal afirmação do autor baiano foi alvo de várias reflexões quando da entrevista para ingresso no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e também na ocasião do exame de

¹ CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo; Publifolha, 2000

² FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: a origem do patronato brasileiro*. Vol. 1 e 2. São Paulo: Publifolha, 2000.

³ SCHWARZ, Roberto. *Um Mestre na Periferia do Capitalismo*. 4ª Ed. Rio de Janeiro - São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2000.

⁴ FAUSTINO, Jean Carlo. *A ética do amor em Dostoiévski: uma análise sociológica do romance O idiota*. Campinas, SP: [s.n.], 2004.

⁵ Diretora do Acervo Nacional da obra de Érico Veríssimo

⁶ Professor Doutor em Teoria Literária da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP

qualificação. Penso que embasadas textualmente na presente dissertação, a opção por tal enfoque (que, durante a escrita do texto se dissolveu) tenha sido justificada.

Porém, o ingresso de um sociólogo no mundo da literatura não se faz de maneira impetuosa: é preciso cautela ao ingressar em um território tão desconhecido. Talvez tenha sido esta a maior das dificuldades. Para isso, se fez uso de uma bibliografia diversa que enriqueceu e propiciou o caminhar (não menos tortuoso) pela teoria e crítica literária.

Assim, nasceu o primeiro capítulo que se intitula “Sociedade e literatura: metodologia, memória e contexto”, que justifica a análise empreendida através do que Laurence Bardin⁷ propõe como análise de conteúdo em concomitância com a justificativa da escolha fenomenológica – qualitativa com o auxílio de autores como Maria Aparecida Viggiani Bicudo⁸, e Antonio Chizzotti⁹, onde se pretendeu construir um diálogo entre os autores da metodologia proposta com sociólogos, filósofos e literatos que estudaram a questão da inserção da sociologia no mundo literário e da relação desse tipo de obra com a realidade social vivida. Ou seja, o que se visou foi estabelecer um contraponto embasado sobre a análise das relações sociais entre os proprietários e os homens livres vitimizados pela dominação pessoal por intermédio de artifícios socializadores como o favor, o compadrio e a proteção, características tão inerentes a uma sociedade de caráter patriarcalista. Assim, análise deveria levar em conta, o viés fenomenológico, inserindo dessa forma o autor Érico Veríssimo como sujeito significativo que, através da descrição minuciosa de seu texto, revela a história do Rio Grande e as relações sociais que nela se desenvolveram. A fenomenologia encontra amparo nas ferramentas de método clínico que a

⁷ BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Op. Cit.

⁸ BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A pesquisa fenomenológica à procura de procedimentos rigorosos in Fenomenologia: confrontos e avanços. Op. Cit.

⁹ CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. Op. Cit.

análise qualitativa propõe, assim como na análise de conteúdo, que nega a leitura simplória da realidade.

Delimitadas as ferramentas de análise, insere-se a questão do trato da memória em *O Tempo e o Vento*. Para Aristóteles¹⁰, os ofícios de historiador e de poeta se diferenciam, sendo o primeiro aquele que reporta o que aconteceu, enquanto que o poeta propõe aquilo que poderia ter acontecido. Desenvolve-se então a idéia de que Érico Veríssimo une em *O Tempo e o Vento* ambas pretensões: desenvolve através do mito aquilo que, por questões temporais não viveu e reporta o que teve oportunidade de presenciar. Nesse sentido, o estudo do caráter mimético da obra literária se fez de maneira muito importante na dissertação que se apresenta. Embasando a análise por intermédio de autores fundamentais como Eric Auerbach¹¹, Lucien Goldman¹², George Lukács¹³, A. A. Mendilow¹⁴, Pierre Bourdieu¹⁵, Antonio Candido e Anatol Rosenfeld¹⁶, lê-se que a trilogia composta por Veríssimo tem como grande mérito o enfoque das classes menos privilegiadas deslocadas do contexto grotesco em que geralmente se inseriam. Tal qualidade teria conferido à obra, para os gaúchos, uma história que melhor lhes propõe o mundo do Continente de São Pedro. A acepção de Lukács ilumina a concepção de Goldman, quando este afirma que o grande escritor é aquele que cria um universo imaginário que melhor propõe o mundo

¹⁰ SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. Memória em Questão: uma perspectiva histórico-cultural. Revista Educação e Sociedade, ano XXI, nº 71 – Julho de 2000.

¹¹ AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

¹² GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do Romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

¹³ LUKÁCS, Georg. *Teoria do Romance*. Rio de Janeiro – São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 200.

¹⁴ MENDILOW. A. A. *O Tempo e o Romance*. Trad. Flavio Wolf. Porto Alegre: Globo, 1972.

¹⁵ BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

¹⁶ CANDIDO, Antonio et. al. *A personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

real¹⁷. Talvez seja esta a causa de os gaúchos, segundo alguns críticos de Veríssimo¹⁸, considerarem *O Tempo e o Vento* como a história oficial do Rio Grande.

Neste sentido, ainda no capítulo I, aborda-se a importância do contexto histórico que delimitou a escrita da trilogia. A grande novidade da Revolução de 30 que desembocou no Estado Novo, assim como o movimento modernista que se fazia presente desde o início da década de 20 e aqui abordado principalmente no que tange à sua segunda fase no que se refere à literatura brasileira - que primou pelo regionalismo como forma de expressão - , embasa o diálogo que se estabeleceu levando em consideração a tríade autor – obra - público.

Estabelecidas tais bases de análise, ingressamos no mundo da ficção que Veríssimo teceu para contar 200 anos de história gaúcha, onde se destacam, justamente, os trechos iniciais em que Érico Veríssimo dá voz aos desvalidos: os cantos em itálico que intercalam um e outro capítulo de *O Continente* se fizeram como ponto de partida da análise aqui apreendida. Seguindo ainda a linha destes significativos textos do primeiro volume de *O Tempo e o Vento*, através da análise dos capítulos e embasando-as principalmente com a ajuda do texto em que Fernando Henrique Cardoso versa sobre o Brasil meridional¹⁹, traça-se um plano de como se estabeleceram no Rio Grande do Sul diferentes grupos (com destaque para os açorianos e vicentistas, mestiços) que configuravam a camada dos “homens livres” que se subordinavam aos moldes patriarcalistas de poder.

¹⁷ Cf. GOLDMANN, Luciën. *Sociologia do Romance*, Op. Cit.

¹⁸ Sandra Pesavento é uma das estudiosas de Veríssimo que apontam esse caráter de *O Tempo e o Vento*. PESAVENTO, Sandra Jatahy. A memória da terra: missão feminina – leituras do sul do Brasil a partir d’O Tempo e o Vento, de Érico Veríssimo in PESAVENTO, Sandra Jatahy et al. *Érico Veríssimo: o Romance da História*. Op. Cit, pp. 185-206.

¹⁹ CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

Isso feito, a análise sociológica da configuração de tais grupos sociais no Rio Grande do Sul se dá sob embasamento sociológico adotando as concepções de Max Weber²⁰ (quando se utiliza a concepção de dominação pessoal com base em moldes tradicionais) e Raymundo Faoro²¹, que vem definir que o Brasil se moldou socialmente à imagem da metrópole Portugal, constituindo no novo mundo os mesmos estamentos políticos que tivera origem com a formação do estado português. Delimitadas tais questões teóricas, os demais capítulos a partir de então se dividirão em três, que, sucessivamente, analisam a trilogia que compõe *O Tempo e o Vento*.

Iniciando com *O Continente*, destaca-se a questão dos párias da sociedade, que Veríssimo denomina como “raça dos Caré”. Traçando um histórico de submissão, caracteriza-se tal estrato social como aquele passível - dentro de uma sociedade moldada pelo patriarcalismo - de dominação pessoal por nada ter acumulado de próprio durante toda a sua história. Mais uma vez utilizando-se da base sociológica escolhida já apresentada para tecer a presente análise, apóia-se também em Maria Sylvia de Carvalho Franco²² no trato da questão da alienação da vontade alheia por aquele (representado pelo “senhor”) que detém a ascendência moral e social sobre esta. Ainda sobre a questão, analisa-se sob os preceitos da dialética da malandragem, desenvolvida por Antonio Candido²³ e argumentada por Roberto Schwarz²⁴ a trajetória de Chico Rodrigues, ancestral daquele que seria uma das personagens mais famosas de Érico Veríssimo, o Capitão Rodrigo. A “existência sem

²⁰ WEBER, Max. Os tipos de dominação in *Economia e Sociedade*. Brasília: Editora UnB, 1994, p. 148, vol. I.

²¹ FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: a origem do patronato brasileiro*, Op. Cit.

²² FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

²³ CANDIDO, Antonio. *O Discurso e a Cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

²⁴ SCHWARZ, Roberto. *Que Horas São?* 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

culpa” de Chico Rodrigues configura um mundo em que, aqueles que não poderiam preceder da ordem vigente (senhorial e patrimonial), nem se classificar entre a dos escravos, se localizavam em uma camada intermediária, caracterizando o trânsito entre “a ordem e a desordem”²⁵ inerente àqueles que sofrem a dominação pessoal.

O patriarca é abordado através de alguns personagens-chaves de *O Continente*. Iniciando a análise por Maneco Terra, se encontra o primeiro indivíduo significativo para a análise que aqui se propõe na pessoa do Coronel Ricardo Amaral, que, beneficiado com terras cedidas pela Coroa, constitui o povoado que daria origem à cidade de Santa Fé, que cresce sob o seu domínio pessoal até o surgimento da emblemática figura de Rodrigo Cambará, que, com seu carisma, faz estremecer o poderio tradicional dos Amaral. Ainda no mesmo volume, através da perspicaz figura de sua esposa, Bibiana, os agora Terra-Cambará tomam o controle da mais opulenta construção de Santa Fé – o Sobrado, que fora construído nas terras que Ricardo Amaral primeiramente cedera a Ana Terra – numa manobra que faz com que a família agora encabeçada por Bibiana passe do *status* de dominada para aquela que domina através da ascendência social, econômica e política. É ainda em *O Continente* que se destaca a ascensão de Licurgo Cambará como o nome que substituiria definitivamente o legado dos Amaral no comando da cidade de Santa Fé, assim como através desta personagem inserem-se importantes figuras na análise proposta, como sua amante Ismália Caré, o agregado Fandango e seus filhos Rodrigo e Toríbio.

O segundo volume de *O Tempo e o Vento* vem enfocar justamente a figura do filho mais novo de Licurgo. Rodrigo Terra-Cambará retorna a Santa Fé com um diploma de médico no início do século XX e é a personagem que justifica o título da segunda parte da trilogia. *O Retrato* enfoca as empreitadas, os mandos e desmandos daquele que personifica

²⁵ Cf. CANDIDO, Antonio. Pressupostos (salvo engano) da dialética da malandragem. *O discurso e a cidade*. Op. Cit.

todas as vontades de um senhor absoluto. Dotado de uma formação declaradamente iluminista, Rodrigo se posiciona na história como um “mandão contra o mandonismo”, ou seja; condena todas as formas de dominação dos mais fracos por parte daqueles que possuem poder, porém, comete inúmeros abusos sob a tutela de sua ascendência social que subordina homens e vontades. Seu declínio, retratado nas últimas páginas de *O Retrato*, naquele que se configura como o capítulo “A sombra do anjo”, se sedimenta em “Uma vela para o negrinho” onde a velha Maria Valéria e o filho mais velho de Rodrigo Terra-Cambará, Floriano, tentam entender o porquê do esfacelamento da família que fora entroncada pelo Capitão Rodrigo.

A fragmentação do Continente em um arquipélago de ilhas perdidas é justamente o fio-condutor de *O Arquipélago*. O último volume da trilogia, além de revelar que ela fora escrita pelo romancista Floriano numa tentativa de entender o porquê da divisão de sua família, apresenta profundas reflexões acerca da formação social patriarcal do Rio Grande do Sul e do Brasil e a lúcida consciência de personagens como a de Sílvia, a agregada do Sobrado que, como outras personagens, ao ver Rodrigo Terra-Cambará à beira da morte, reflete sua condição subalterna tendo como palco uma sociedade que tenta se destradicionalizar e ingressar na modernidade de moldes urbanos do período que se institui entre a Revolução de 30 e o fim do Estado Novo em 1945.

A conclusão da presente dissertação se fará a partir da análise de que *O Tempo e o Vento*, ao contar 200 anos de história do Rio Grande, também desenvolve questões tão inerentes à formação social brasileira, como a dominação pessoal que se baseia no patrimonialismo e no patriarcalismo, que, segundo Fernando Henrique Cardoso, tem fortes influências do sistema escravocrata e que determinou não só no Rio Grande do Sul, uma

herança de domínio de moldes tradicionais que reflete suas influências na literatura brasileira.

CAPÍTULO 1. SOCIEDADE E LITERATURA: METODOLOGIA, MEMÓRIA E CONTEXTO

1. 1. A objetividade do tempo e a subjetividade do vento: análise de conteúdo e fenomenologia como métodos de análise.

O romance é uma narrativa fictícia em prosa que visa iluminar a experiência e o comportamento humanos dentro das limitações impostas pelo meio da linguagem e pelas necessidades de forma, através, da maior aproximação possível do que apreendemos como realidade.

A. A. Mendilow, *O Tempo e o Romance*

Antonio Candido coloca em *Literatura e Sociedade* que atualmente consiste truísmo dizer que a literatura e as demais formas de arte refletem o modelo social vigente em certo período histórico. Tal afirmação é fundamental para o entendimento de fato da análise proposta em *O Tempo e o Vento*²⁶. Para um sociólogo, ingressar no mundo da Teoria Literária é sem dúvida, uma tarefa árdua e desafiadora. No caso aqui apresentado, o desafio consiste, sobretudo, na tentativa de examinar a tese que realça uma característica social brasileira – a dominação pessoal –, através da leitura e estudo do romance histórico de Érico Veríssimo, averiguando a validade de tal análise apreendendo, desde já, que a obra de arte jamais deve ser considerada uma cópia fiel da sociedade que a inspirou. A ilusão de realidade se dá na construção interna da obra: como se desenham, como se constroem as personagens e como o autor deixa sua marca pessoal no documento redigido. Sendo assim, o enfoque consistirá na análise das relações sociais que se apresentam no romance, sobretudo no que se diz respeito às classes intermediárias da sociedade - aquelas que não se apresentam nem como senhores, nem como escravos (antes e depois da abolição da escravidão, em 1888) -, evidenciando como através de uma situação histórica houve a alienação da vontade de uns em nome do poder pessoal de outros.

²⁶ Será trabalhada aqui a trilogia editada pelo Círculo do Livro. VERÍSSIMO, Érico. *O Tempo e o Vento*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

Tal escolha se faz a partir do momento em que tal parcela da sociedade se localiza como flutuante dentro do quadro social. Apesar de não serem escravos, viviam do favor daqueles ao quais prestavam serviços e de quem obtinham proteção. Olhar para tais atores é um bom caminho para se observar as várias formas de dominação pessoal.

Inicialmente, almejou-se a abordagem fenomenológica da dominação pessoal em *O Tempo e o Vento*, apoiada na análise de conteúdo e análise qualitativa, contando com autores como Maria Aparecida Viggiani Bicudo²⁷, Laurence Bardin²⁸ e Antonio Chizzotti²⁹, construindo um diálogo entre os autores da metodologia proposta com sociólogos, filósofos e literatos que estudaram a questão da inserção da sociologia no mundo literário e da relação desse tipo de obra com a realidade social vivida.

A fenomenologia define que o método a ser utilizado é o de ir até a “coisa” como ela se manifesta, num exercício que leva à verdade. No trato da literatura, o método se complica, pois como diz A. A. Mendilow, ela se configura como uma leitura ilusória da realidade, que é algo criado por quem faz sua leitura e que não existe de fato³⁰: o que existe, é a ilusão de que se construiu uma verdade³¹.

²⁷ BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A pesquisa fenomenológica à procura de procedimentos rigorosos in Fenomenologia: confrontos e avanços. Op. Cit.

²⁸ BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Op. Cit.

²⁹ CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. Op. Cit.

³⁰ MENDILOW. A. A. *O Tempo e o Romance*. Op. Cit. p.40.

³¹ Sobre ser a literatura uma leitura ilusória da realidade, averiguou-se durante a pesquisa que vários outros autores avaliaram tal questão. Para Pierre Bourdieu, a ilusão feita acerca da realidade que se expressa nas obras de arte é uma ilusão compartilhada por todo o grupo social (BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte*. Op. Cit). Para Antonio Candido, (CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo; Publifolha, 2000), a literatura entra em consonância com a realidade à medida que esta atua como componente de uma estrutura literária que pode ser estudada em si mesma. Porém, considera que jamais se deve esquecer do caráter deformante que a arte estabelece para com a realidade. Georg Lukács concebe o romance como um gênero literário no qual valores autênticos (ou seja, os sociais) não se apresentam na obra sob forma de personagens conscientes ou realidades concretas. São valores que existem de forma abstrata e conceitual somente na consciência do romancista. Dessa forma, a literatura significa a reflexão feita a partir de uma realidade vivida, transportando a vida cotidiana para o plano literário, e ao traçar uma realidade que abrange apenas o limite do sujeito que está escrevendo o mundo descrito acaba sendo uma interpretação desses limites, fazendo da arte

Para os propósitos do presente trabalho o que se analisa fenomenologicamente é o fato de ser Érico Veríssimo o sujeito em questão, ou seja, ‘a coisa mesma’ que apresentou em *O Tempo e o Vento* aquilo que lhe fazia sentido, descrevendo o percebido retirado diretamente da realidade através da linguagem em forma de obra literária. Assim, o sujeito significativo, então, é Érico Veríssimo e a descrição é a fonte da obtenção de dados. A linguagem utilizada pelo autor é a do Modernismo Regional, dentro do contexto histórico do Estado Novo ³².

Também a análise qualitativa busca tais aspectos partindo do princípio de que existe uma relação dinâmica entre o sujeito e o objeto, num vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do indivíduo tal como a fenomenologia propõe. Se, a pesquisa fenomenológica trabalha com a totalidade das descrições para que o descrito comece a

uma distorção da realidade que busca a totalidade oculta da vida. A concepção de realidade na literatura para Lukács se constitui como a ironia que aqui significa a busca do indivíduo por um mundo que lhe seja adequado. Para o autor, o escritor vive num mundo sem deus e exerce sua liberdade de criação a partir de certa realidade que é a sua, e que se eleva a partir do momento que as categorias coincidem com a situação do mundo. A vida passa a ser obra de arte a partir do momento que o autor a vê como tal. Para o autor de *Teoria do Romance*, vida e forma moldam as realidades, e são as realidades que dão ensejo às formas. Lukács ainda que o conteúdo da criação literária é um sintoma de cisão entre o interior e o exterior, evidenciada pela diferença entre o eu e o mundo. O autor fundamenta o sentido de ser a literatura uma ilusão: ela é uma realidade visionária do mundo que nos é adequado e consiste numa realidade criada. A relevância da obra reside naquele fator estrutural que o sujeito postula e o objeto que ele escolhe salientar. A personalidade do artista ressoa sua interpretação do sentido do mundo. Lukács diz que o sujeito reflete na obra aquilo que ele é, ou seja, aquilo em que ele se transformou a partir do meio social em que vive ou viveu. Segundo Hegel, diz Lukács, os elementos do romance são abstratos, uma vez que o homem sente a realidade como sendo a sua realidade a única verdadeira, sem entender que a completude do mundo é imperfeita (LUKÁCS, Georg. *Teoria do Romance*. Op. Cit.). Anatol Rosenfeld, em “Literatura e Personagem”, (ROSENFELD, Anatol. *Literatura e personagem in* CANDIDO, Antonio et. al. *A personagem de Ficção*. Op. Cit.) apresenta a idéia de que a mimese representa algo além da realidade, cuja referência pode ou não se referir aos objetos ônticos. Ou seja, o texto ficcional projeta contextos e mundos intencionais. As imagens puramente intencionais significam a ilusão que carregam uma intenção de verdade. Segundo o autor, a aparência do real se dá através de pormenores circunstanciais, sendo que essa intenção de aparência de realidade é o que revela a mimese, que inclusive, pode acabar se sobrepondo à realidade, uma vez que o mundo mediado apresenta características puramente intencionais, o que lhe confere uma densidade que acaba por encobrir a realidade histórica. Apesar dessas propriedades, o autor ressalta que essas construções intencionais jamais adquirem determinação completa da realidade de fato. Conseqüentemente, segundo o autor, as personagens são, por boa parte dos leitores tomadas como referência ao mundo exterior, uma vez que a função mimética é abordada como reflexo do mundo empírico, o que faz com que a obra de arte confira aos leitores uma liberdade que a vida real jamais concederia.

³² Citando Ricoeur, Bicudo escreve que “toda a linguagem, ao dizer, interpreta. Ela é o ao mesmo tempo interpretação de uma realidade e uma interpretação que pode ser auto-interpretação daquele que fala da realidade” (BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A pesquisa fenomenológica à procura de procedimentos rigorosos. In *Fenomenologia: confrontos e avanços*. Op. Cit., 79-80.)

fazer sentido, a técnica aqui utilizada será a análise de Érico Veríssimo com relação a autores do Pensamento Social, analisando como se apresenta em sua obra um aspecto da realidade social brasileira que é a dominação pessoal fincada em determinantes históricos de nossa formação social. Quando se propõe uma análise qualitativa, o que se adota é o método clínico, que para o autor significa a análise do homem em um determinado momento e em uma dada cultura, captando acontecimentos específicos num determinado contexto. Esta técnica procura reduzir o volume amplo de informações contidas em uma comunicação a algumas características particulares ou categorias conceituais que permitam passar dos elementos descritivos à interpretação ou investigar a compreensão dos atores sociais no contexto cultural em que produzem a informação, ou enfim, verificando a influência desse contexto no estilo, na forma e no conteúdo da comunicação³³.

Consistindo a linguagem em uma forma de comunicação, a análise de conteúdo, aqui utilizada com base no trabalho de Laurence Bardin, vem com presteza analisar as comunicações propostas pela linguagem que interpreta a realidade, e não a relata como verdade, através da análise minuciosa de documentos. Tal instrumento, segundo a autora, é de importância valiosa, uma vez que ultrapassa o sentido conferido pela compreensão espontânea dos fatos ao negar a simples leitura do real, a partir da análise de conteúdo se constroem planos concisos de investigação³⁴.

Se o analista é aquele que faz o trabalho de poda que delimita as unidades de codificação, a intenção é, através do discurso de Veríssimo, fazer a análise da representação da realidade. Analisar além da superfície do texto de Érico Veríssimo é deduzir o que determinou tais características do romance, ou seja, o contexto fenomenológico em que foi escrito, realçando o sentido que se encontra em segundo plano. No caso, aqui se trata de

³³ CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. Op. Cit., p. 99.

³⁴ BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Op. Cit, p. 24.

como a questão da dominação pessoal aparece em *O Tempo e o Vento*, representada pela linguagem que conta 200 anos de história do Rio Grande do Sul, analisando e trabalhando todos os vestígios que os documentos de pesquisa podem suscitar.

Como em análise de conteúdo a mensagem pode ser submetida a uma ou mais dimensões, a proposta de Bardin³⁵ vem ao encontro da metodologia aqui proposta. Dessa forma, Érico Veríssimo é o emissor, produtor de mensagens, sendo um indivíduo nascido no Rio Grande do Sul, inserido num contexto histórico e numa cultura que embasam a sua concepção de realidade transposta para a ficção em *O Tempo e o Vento*, que, em forma de livro, se constitui como a mensagem que o emissor nos passa, onde estudaremos a significação através da inferência de como se presencia a dominação pessoal no discurso que ele tece em seu romance histórico.

1.2. Poeta e historiador

O caráter mimético que faz Veríssimo da construção da cidade de Santa Fé se dá através da semelhança que o autor traça da cidade imaginária com sua cidade natal, Cruz Alta. O autor tinha bom conhecimento dos mandos e desmandos daqueles que ali muito detinham, pois à sua época, situava-se Cruz Alta numa região agrícola politicamente conturbada e liderada pelos oligarcas locais. Tais vivências impregnadas de fatores externos, vivenciados por Érico Veríssimo desde a mais tenra idade configuram o plano de fundo que servirá de base para a construção de *O Tempo e o Vento*.

³⁵ Cf. BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Op. Cit.

Existem diversos modos de se pensar e falar sobre história: herdamos a memória sem saber, sendo que tais elementos se impregnam nos *modus* contemporâneos do autor embora possam se apresentar como resquícios de memória estabilizados ou esquecidos³⁶.

Aristóteles diferencia os ofícios de historiador e de poeta: segundo ele, o primeiro reporta aquilo que aconteceu, enquanto que o segundo propõe aquilo que pode ter acontecido. Nesse sentido, Érico Veríssimo une as duas pretensões: recorre às nove musas geradas por Mnemosine para recuperar o passado não vivido por ele, contemplando o presente com a história dos primórdios do Rio Grande do Sul inaugurada pela figura mítica por ele criada, Pedro Missioneiro. Em contrapartida, de forma jornalística, ao escrever os últimos volumes de *O Tempo e o Vento* tenta com a maior fidelidade aos fatos narrar o desenrolar do Estado Novo em 1945, tecendo um discurso que entra em consonância com o significado do radical da palavra história: *histor*, do grego, significa “aquele que viu”, ou seja, aquele que é testemunha dos acontecimentos, diferente daquele que conhece os acontecimentos através do que lhe foi con(can)tado.

Érico Veríssimo tinha por intuito contar a história de seu estado natal de uma forma diferente das que eram apresentadas nos currículos escolares, ou pelos textos de autores regionais. Assim, Veríssimo priorizou as formas primárias de obtenção de dados, utilizando histórias de vida no lugar de pesquisa bibliográfica. Pessoas que viveram a história do Rio Grande configuravam a principal inspiração do escritor, que desconfiava de outras fontes por temer manipulações dos fatos históricos. As histórias que seguem gerações pela tradição criada ao contá-las e passá-las adiante têm como características as de serem praticadas e estabilizadas pela manutenção que se dá através da oralidade. As histórias

³⁶ Tais modos que servem de trato da história foram abordados pela Prof^a Ana Luiza Bustamante Smolka no artigo intitulado “Memória em Questão: uma perspectiva histórico-cultural”. Revista Educação e Sociedade, ano XXI, nº 71 – Julho de 2000.

devem ser lembradas por todos e corresponder às necessidades de memorização das pessoas. O caráter errante do gaúcho, valente, desafiador, assim como o histórico de pilhagem de terras e rivalidade com os castelhanos devem ter sido pontos comuns de recepção de Veríssimo ao usar de testemunhas para a composição de seu romance histórico. Segundo Platão, a história memorizada é uma forma de consciência compartilhada: a tradição, os costumes e as leis permanecem como um estado mental e oral de um povo. A memória se constitui então, como conhecimento da verdade da alma, que vem a ser a recordação³⁷.

Jeanne-Marie Gagnebin³⁸ propõe que a busca que se dá através do testemunho é o esforço racional que se resumiria na dicotomia *logos* X *mithos*. Ao recriar a história do índio Pedro, fica evidente a atmosfera mítica na qual se inscreve a personagem. Porém, num esforço que busca a fidelidade ao real, Érico Veríssimo cria a cidade fictícia de Santa Fé e seus personagens que não existiram presenciam e atuam na história junto de figuras historicamente reverenciadas. É assim que os Cambará recebem a visita de Pinheiro Machado e tempos mais tarde vão se escandalizar com o assassinato do mesmo. Da mesma forma é que o clã dos Cambará apoiará a candidatura de Rui Barbosa em revelia a de Hermes da Fonseca, fonte de atritos e de injúrias durante as eleições de 1910. Veríssimo cria um mundo para contar a história da formação do seu estado, enfocando o ápice e o declínio de uma tradicional família dos pampas brasileiros. Sua criação conta aos

³⁷ Contudo, Platão acredita que a mimese é uma sedução, e por ser sombra da sombra, cópia da cópia, ela é duvidosa. Para Platão, a escrita obliteraria a memória, pois para o pensador, o que está escrito e o que é verdadeiro são dois elementos que se contrapõem, pois é impossível associar a reminiscência da essência e a lembrança da escrita. Já para Aristóteles, as impressões sensoriais são fontes básicas de conhecimento. A memória, para este pensador, é o estado de afeição ao que já passou, sendo a mimese a imitação da natureza e como representação, ela também representa conhecimento. PLATÃO, *Fédon*. In *Diálogos: Fédon, Sofista, Político*. Ediouro, s/d.

³⁸ Cf. GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

descendentes do Continente de São Pedro o seu passado, num romance que representa a realidade (não vivida por Veríssimo) da história do Rio Grande.

Ao narrar o que não viveu, Veríssimo, através da imaginação, quebra limites enriquecendo a memória preservada daquilo que ele viveu e presenciou³⁹. Assim, se colocando a criar intimamente ao lado de pessoas que de fato viveram momentos importantes do Rio Grande, acumularam-se nesse processo experiências que o induziram a priorizar a idéia de família e descendência⁴⁰.

1.3. Linguagem e prática social: o contexto

“Por sobre tudo isso, sempre e sempre o vento e a solidão, os horizontes sem fim e o tempo. (...) E ainda as criaturas tristes e pacientes, esperando, vendo o tempo passar com o vento, e o vento agitar os coqueiros e os coqueiros acenar para as distâncias”.

Érico Veríssimo, *O resto é silêncio*.

O contexto em que a obra começou a ser escrita é o do Estado Novo, no qual a proposta de Getúlio Vargas é o fortalecimento do sentimento nacional evidenciado no ato simbólico de queima das bandeiras regionais. Assim, cada região vem apresentar suas peculiaridades ao Brasil, no movimento da segunda geração modernista brasileira que é fortemente caracterizada pelo Regionalismo. A arte, como sistema de comunicação, é o que interessa ao sociólogo e o artista sob impulso de uma necessidade interior orienta-se segundo os padrões de sua época. No caso, Veríssimo se refere a um sistema já definido de idéias: o início da escrita do romance coincide com o período do término do Estado Novo, onde, na literatura, o Regionalismo representa uma das principais vias de definição da

³⁹ A idéia de que o homem, ao imaginar o que não viu ou viveu, ampliando o círculo de sua própria experiência é uma contribuição de Vygotsky. Cf. VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001

⁴⁰ BORDINI, Maria da Glória. O continente: um romance de formação? Pós-colonialismo e identidade política, Idem, p.56.

consciência local e as circunstâncias sociais propiciam maneiras diferentes de interpretação. Segundo Antonio Candido, houve uma mudança na concepção da relação entre literatura e a peculiaridade mestiça de nossa formação. O modernismo vem colocar nossas deficiências e peculiaridades (com relação a Europa), num patamar que as rotula como superioridades, tentando explicações e tecendo sínteses que visavam o conhecimento do país. Pode-se dizer que o modernismo preparou caminhos para uma arte interessada na investigação histórico-sociológica do país.

Contextualizando, A. A. Mendilow diz que o tempo apresenta forte influência na ficção, que por sua vez corresponde às pressões da época afetando vários aspectos do texto literário, como o tema, a forma e a linguagem. Trabalhar o problema do tempo é trabalhar em prol do sentimento de realidade que a obra propõe. Se formos analisar pelo viés de Candido⁴¹, toda a situação social representa o externo, que exerce papel importante na constituição dessa estrutura literária e torna-se por esse motivo, interno por ser fator social importante na composição da obra de arte, idéia que é complementado aqui pela análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin: “trata-se de descobrir as conexões que possam existir entre o exterior e o discurso, entre as relações de força e relações de sentido entre condições de produção e processos de produção”.⁴²

O Tempo e o Vento foi publicado entre os anos de 1949 e 1961, e se analisarmos, como propõe Candido⁴³ a dialética dos aspectos internos e externos e seu produto final, pode-se apontar a questão da Revolução de 30 e de seu desembocar no Estado Novo de 1937, que apresentou uma intenção unificadora que visava quebrar o isolamento regional

⁴¹ Cf. CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Op. Cit.

⁴² Idem, p.209.

⁴³ Cf. CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Op. Cit.

do Brasil. Antonio Candido aponta o Estado Novo como responsável por mudanças nas formas de comunicação literária. Segundo ele,

“A instauração do Estado Novo, ditatorial e antidemocrático marcaria o início de uma fase nova. Ele coincide realmente com o zênite do modernismo ideológico e uma recrudescência do espiritualismo, estético e ideológico, que vimos perdurar ao lado dele, tendo começado antes e mais de uma vez convergido nos seus esforços de luta contra o academicismo”.⁴⁴

Ao mesmo tempo em que o Estado Novo enaltecia características regionais, também visava impingir no povo um sentimento de brasilidade. Os escritores estavam apresentando seus estados ao Brasil, numa tentativa que, ao mesmo tempo integrava e destacava as diversidades de nosso país. *O Tempo e o Vento*, assim como outras obras do mesmo período, reflete um movimento que visava à invenção de uma cultura brasileira, como escreve Mário Maestri:

“(...) durante a ‘proclamação ao povo brasileiro’ de 10 de novembro de 1937, Vargas denunciou o ‘caudilhismo regional’ como ameaça da unidade brasileira. Em gesto simbólico, mandou queimar publicamente as bandeiras regionais, entre elas, a criada em 1891, por Castilhos e Borges, seus velhos mestres. O Estado Novo promoveu a invenção da cultura brasileira, substrato da identidade nacional proposta e imposta. Apoiou fortemente a seleção futebolística nacional, o carnaval e o samba cariocas, o surgimento de arquitetura moderna nacional, etc.”⁴⁵.

⁴⁴ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Op. Cit. p. 115.

⁴⁵ MAESTRI, Mário. *A invenção da tradição: o movimento tradicionalista gaúcho*. Disponível em http://www.lainsignia.org/2002/septiembre/dial_011.htm, acessado em 15.07.2008.

Érico Veríssimo é o agente individual que toma para si a tarefa de apresentar a obra que remonta a história de seu povo no sentido que abarca o regional e o nacional, e assim, tanto ele quanto outros escritores regionalistas acabam sendo reconhecidos pela sociedade como intérpretes daquela realidade. A arte de Veríssimo é coletiva na medida em que ele consegue se identificar com as aspirações e valores de seu tempo⁴⁶. Logo, podemos considerar que *O Tempo e o Vento* se constitui como um bem coletivo, uma vez que representa a história do povo do antigo Continente de São Pedro e apresenta aos demais brasileiros a saga do Rio Grande, remontando a história da nação brasileira ao abordar aspectos que configuram a origem da sua constituição.

Dessa forma, caracteriza-se no presente trabalho a questão do diálogo autor, obra e público. Lucién Goldmann⁴⁷ nos diz que os fatores externos, ou seja, sociais, influem no interno e podem ser transformadores à medida que são influenciados pelas transformações sociais. Na concepção do autor de *A Sociologia do Romance*, os fatores externos e internos interagem. Dessa forma, a sociologia destrincha tais elos propostos por tal dialética, vinculando as unidades coletivas, o que significa que o meio influencia o sujeito que cria em sua concepção própria de arte. Para Goldmann, o grande escritor é aquele que cria um universo imaginário que é coerente para com a estrutura do grupo onde foi concebida.

Inserindo o autor no diálogo proposto (autor – obra – público), podemos citar Maria da Glória Bordini⁴⁸. Sobre o modelo mimético adotado por Veríssimo, diz a autora que este reflete sobre estruturas conceituais, sendo essa atividade mimética auto-refletida, o que na

⁴⁶ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Op. Cit. p. 23.

⁴⁷ Cf. GOLDMANN, Lucién. *A Sociologia do Romance*. Op. Cit.

⁴⁸ Diretora do Acervo Nacional Érico Veríssimo em Porto Alegre e estudiosa da obra de Veríssimo, dissertou em sua Tese de Doutorado sobre a criação literária do autor de *O Tempo e o Vento*.

opinião de Bordini, o circunscreveria entre os procedimentos criativos característicos da modernidade.

Podemos observar que Veríssimo não separa linguagem de prática social, ou seja, ele considera que os signos se encontram carregados de elementos socialmente construídos, que nunca se comportam como neutros. Sendo assim, o repertório de Érico se encontra cheio de experiência humana, num exercício que leva a crer que a obra se configura como elemento não apenas intelectual, mas como fruto do cotidiano⁴⁹. As práticas e relações sociais estão inseridas no texto de forma que características fortes da sociedade afloram no documento final produzido. Maria da Glória Bordini lembra que Veríssimo considera como a melhor maneira de compreender a história de uma nação o conhecimento aprofundado da obra produzida por seus escritores⁵⁰. Assim, podemos justificar a opção aqui feita da análise do fenômeno sociológico da dominação pessoal através da história do Rio Grande do Sul, compreendendo assim, a dominação pessoal inerente à sociedade brasileira.

Como romancista, Érico acreditava que se deveria viver concomitantemente em dois mundos: o mundo do escrever e o mundo do escrito, ressaltando o empenho que resultasse no sentimento de verdade transposto para a literatura. O romance se constitui como um mosaico de vida⁵¹, onde o trabalho da memória é projetar o real através da palavra, que tem por função convencer o leitor da reorganização da objetividade empírica.

1.4- O caráter mimético da obra

⁴⁹ GOLDMANN, Lucién. *A Sociologia do Romance*. Op. Cit. pp. 32-33.

⁵⁰ Idem, p.39.

⁵¹ BORDINI, Maria da Glória. *Criação literária em Érico Veríssimo*. Op. Cit., p.82.

O Tempo e o Vento é um romance histórico no qual a apreensão do que é real é feita através da história da formação do Rio Grande do Sul, onde personagens reais se confundem com os fictícios criados por Érico Veríssimo. A representação proposta tem como mérito o enfoque parcial das classes menos privilegiadas, os trabalhadores liberais, o padeiro, o dono da confeitaria ou da venda, mas, sobretudo o enfoque da “raça dos Caré”, como é chamada a casta dos descendentes do errante Chiru, que dá origem a uma leva de agregados que vivem para servir os donos das terras de Santa Fé, hora os Amarais, hora os Cambarás, estes protagonistas da trilogia. Esta abordagem do mundo das classes menos privilegiadas, de forma não representarem mero artifício pitoresco, confere verossimilhança à obra⁵².

Ao mesmo tempo, se configura como uma obra que entra em consonância com seu tempo. O momento peculiar pelo qual passava o Brasil, o fenômeno do Estado Novo, o fortalecimento do sentimento de nacional ao mesmo tempo em que os autores apresentavam as minúcias e problemas de suas regiões ao Brasil.

⁵² O enfoque “espumante” da sociedade é o que confere às obras escritas até o século XIX a baixa representação da realidade. A tese é brilhantemente desenvolvida por Erich Auerbach, que escreve sobre a evolução da representação da realidade na literatura Ocidental, ressaltando o fato de que a sociedade foi, por muito tempo, descrita superficialmente, sem fazer alusão às classes populares, e, quando feita, o povo aparece sempre como artifício do grotesco, representando figuras que levam o leitor ao riso. Além disso, essas personagens são sempre vistas do ponto de vista da nobreza ou da classe dominante em determinado tempo histórico. A sociedade, nos escritos mais antigos, não aparece como problema histórico. Ela aparece no máximo como problema moral, o que demonstra o limite do seu realismo e limitação de sua consciência histórica, caracterizada, na sua gênese, pela retórica e pelo moralismo, que são inconciliáveis com a compreensão da realidade como evolução de forças. Quando apresentados os problemas das classes menos favorecidas, esses problemas nunca aparecem como sendo deles próprios: o que se vive são as aventuras e as desventuras da vida do senhor. Em “O Santarrão”, onde se discursa sobre a representação da realidade na obra de Molière. Auerbach ainda diz que, para o realismo se realizar, seria de suma importância que o povo fosse incluído como tema sério e parte fundamental da sociedade que tenta descrever. (AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.)

Sandra Jatahy Pesavento⁵³, também estudiosa da obra de Veríssimo, diz que o público consagrou a história de *O Tempo e o Vento* como a verdadeira história do Rio Grande do Sul, tamanho efeito de verdade que o autor conseguiu produzir ao tratar das memórias do Continente de São Pedro. Baseando-se nas idéias de Anatol Rosenfeld⁵⁴, no caso de *O Tempo e o Vento*, a mimese se sobrepôs, encobrindo a realidade histórica. Podemos considerar ainda que ocorra aquilo que propõe Georg Lukács⁵⁵: a saga do continente cortou as amarras com o mundo ao criar um outro que melhor explica sua matéria originária. A narrativa de Veríssimo é pendular, pois ela relativiza posições: o autor tece um discurso que substitui o acontecido, porém, buscando sempre o sentido da realidade⁵⁶. A diferença do real e do não-real dá lugar ao imaginário, sobretudo ao contar aquilo que o autor não viveu, ou seja, aquilo que é historicamente incerto. Ao recriar o mito de Pedro Missioneiro, por exemplo, Veríssimo desvenda a totalidade oculta da vida criando um mundo que lhe pareceu adequado através do mito do índio que acreditava ser filho da Rosa Mística, mundo que fora aceito e consagrado pelo público gaúcho como sua obra maior. Para que as representações do romancista tenham sentido de verdade, dois elementos importam enquanto conjunção: a narrativa deve estar de acordo com as vivências sociais, assim como ser reconhecida pelo grupo⁵⁷. Nesse sentido, Heloisa Jochims Reichel⁵⁸ diz que o romance de Érico apresenta caráter regionalista, pois o gaúcho identifica na obra a sua

⁵³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. A memória da terra: missão feminina – leituras do sul do Brasil a partir d'O Tempo e o Vento, de Érico Veríssimo in PESAVENTO, Sandra Jatahy et al. *Érico Veríssimo: o Romance da História*. Op. Cit, pp. 185-206.

⁵⁴ Cf. ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem in CANDIDO, Antonio et. al. *A personagem de Ficção*, Op. Cit.

⁵⁵ LUKÁCS, Georg. *Teoria do Romance*. Op. Cit.

⁵⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. A narrativa pendular: as fronteiras simbólicas da história e da literatura in PESAVENTO, Sandra Jatahy et al. *Érico Veríssimo: o Romance da História*. Op. Cit. pp. 41.

⁵⁷ Cf. CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Op. Cit.

⁵⁸ REICHEL, Heloisa Jochims. A identidade sul-rio-grandense no imaginário de Érico Veríssimo, Idem, p. 209.

história e a história do Rio Grande do Sul, já que o sul-rio-grandense é um mestiço como todo brasileiro. Os dois séculos recontados por Veríssimo “desfilam com velocidade, com o tempo concretizado em ações em que o histórico e o ficcional se mesclam indistinguíveis, e o que a História não consegue registrar acaba sendo suprido pela imaginação que sonda o verossímil e com ele preenche as lacunas temporais”⁵⁹.

Para Regina Zilberman e Maria da Glória Bordini⁶⁰, *O Tempo e o Vento* se constitui como uma obra paradigmática por resumir a trajetória de diversas classes sociais. É a obra, que, segundo as autoras, depois de escrita, “resolve” o problema do romance histórico no Brasil, retomando a idéia de Erich Auerbach da criação do sentimento de realidade através da exposição da vida do povo sem enfoque que privilegiasse o grotesco, e, dentro dessa exposição, não omitindo a violência e, entre as diversas formas desta, podemos inserir a dominação pessoal.

O Tempo e o Vento representa uma reflexão sobre o Rio Grande do Sul. Conta a história de um legado familiar que se apresenta como estrutura de poder social que evolui do chefe de família ao chefe de Estado, na mescla que Veríssimo faz entre o real e o fictício. Como diz Robson Pereira Gonçalves, o evento e a verdade do invento: o que é narrado como verdade não é a história oficial, pois ela é fracionada pelo evento do sublime que se marca pela invenção⁶¹.

A ficção modernista se configura como romance social que busca a caracterização dos tipos de cada região. Nesse caso, o meio é condição para a formação do indivíduo, e a

⁵⁹ BORDINI, Maria da Glória. O Continente: um romance de formação? Pós-colonialismo e identidade política in GONÇALVES, Robson Pereira (org). *O Tempo e o Vento – 50 anos*. SP, RS: EDUSC e Editora UFSM, 2000, p.62.

⁶⁰ BORDINI, Maria da Glória, e ZILBERMAN, Regina. O Tempo e o Vento revisitado in *O Tempo e o Vento: História, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, pp.13-20.

⁶¹ GONÇALVES, Robson Pereira. No galope do tempo in GONÇALVES, Robson Pereira (org). *O Tempo e o Vento – 50 anos*. Op. Cit pp. 13-14.

realidade desse meio deve ser conhecida para que a narrativa tenha sucesso na representação da realidade. O romance de Veríssimo se caracteriza por inaugurar, fora dos limites de São Paulo, o romance urbano, e mesmo nestes já é enfocada a questão da decadência do patriarcado rural, assim como o histórico de dominação pessoal. O mundo vivenciado por Clarissa no romance homônimo, assim como sua continuação em *Música ao Longe*, é exatamente a sociedade criada por Veríssimo em *O Arquipélago*, último volume de *O Tempo e o Vento*, onde a tradicional sociedade agrária do Rio Grande aparece descaracterizada e substituída por uma burguesia formada principalmente por descendentes dos imigrantes alemães e italianos.

O romance de 30 é um ensaio sobre o problema da propriedade no Brasil; as disputas pelo poder existem e quem mais perde em decorrência delas são as classes que sofrem no presente o sufocamento gerado pela herança do passado⁶². O tema, para Veríssimo, é assunto de livros que antecedem *O Tempo e o Vento*, como por exemplo, a parte inicial de *Um Lugar ao Sol*, que representa uma sátira ao caudilhismo como exposição do gauchismo: o personagem Campolargo é temido e respeitado, permanecendo no poder durante 30 anos, sem nenhuma oposição, mandando, desmandando e dispondo da vontade daqueles que nada tinham em proveito próprio. Segundo Flávio Loureiro Chaves, o general Campolargo representa o Rio Grande do passado⁶³.

Ainda inserido no chamado ciclo de Porto Alegre, *Caminhos Cruzados* também debate a tradição do patriarcado rural *versus* a burguesia da cidade. No meio urbano, há o desencantamento com a sociedade que se desumaniza e as personagens, que agora experimentam uma nova roupagem do Rio Grande, que se *destradicionaliza* e se urbaniza,

⁶² CHAVES, Flávio Loureiro. Érico Veríssimo – realismo & sociedade. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.p.43.

⁶³ Idem, p.48.

tirando dos filhos da tradição toda e qualquer proteção que a ordem social antes lhes garantia. Porém, como diz Chaves, “permanece viva, entretanto a sua mentalidade, o seu espírito, a sua tradição, ora alimentada pela História e pela literatura oficial da província, ora manifesta nas ações de seus descendentes”⁶⁴.

Érico é realista na medida em que faz dos destinos um processo histórico. Em *Um Lugar ao Sol*, se inicia a reflexão histórica na obra de Veríssimo e na ficção brasileira. A história passa a ser condição de verdade ao escrever, tanto das personagens quanto do leitor que reconhece a realidade vivida. A condição de dominação passa gerações, fazendo com que os filhos mesmo que inseridos numa lógica racional se utilizem do *ethos* adquirido na tradição, como é exposto, por exemplo, em *Saga*. Os romances do ciclo de Porto Alegre querem mostrar o papel dos herdeiros da tradição desempenhado na cidade aburguesada, que não representam mais o poder e nem controlam mais a ordem social, sendo a partir desse momento parte de uma multidão:

“O que é romance de 1949 senão a história do homem vista através da história do Rio Grande, e a história do Rio Grande vista através da história duma família, cuja união é, aí, sinônimo de permanência da vida e cuja corrupção decreta falência da totalidade dos valores, só restando então ao ultimo descendente da estirpe empreender a sua recuperação através da escritura dum... romance?”⁶⁵.

Resumindo, Érico Veríssimo conta 200 anos de história do Continente de São Pedro. Escreve apaixonadamente sobre os diversos povos que formaram o seu Rio Grande, das disputas pelas fronteiras, das invasões castelhanas, do amor entre um índio e uma paulista de Sorocaba e do conseqüente nascimento de Pedro Terra, da fundação de uma cidade chamada Santa Fé, do poderio dos Amaral e da ascensão dos Cambará através da

⁶⁴ CHAVES, Flávio Loureiro. *Érico Veríssimo – realismo & sociedade*. Op. Cit. p. 43

⁶⁵ Idem, p.66.

manobra perspicaz de Bibiana ao casar o filho Bolívar com Luzia, neta de um grande comerciante vindo do nordeste, que construiu um importante personagem de *O Tempo e o Vento* – o Sobrado – nas terras que fora outrora de Pedro Terra, pai de Bibiana. Consolida a ascensão dos Terra-Cambará na figura de Licurgo, homem austero cuja única fraqueza é o amor pela mestiça Ismália Caré. Leva a modernidade até Santa Fé quando Rodrigo Cambará volta a cidade, trazendo suas publicações francesas e sua formação em Medicina direto da capital Porto Alegre. E reconta todos esses anos históricos sem deixar de lado a classe intermediária da sociedade: aqueles que eram livres, mas não eram proprietários.

Assim, tendo o pano de fundo do presente trabalho já tecido, se dará início a análise de como se apresenta em *O Tempo e o Vento*, a dominação pessoal, tão inerente à nossa formação social e observável na ilusão compartilhada e contada em mais de 2000 páginas por Érico Veríssimo.

1.5- O tempo e o vento para os homens livres

Os três volumes que compõem *O Tempo e o Vento* contam a história de uma sociedade que evolui do poder familiar para o poder Estatal, sendo que para isso, autoras como Regina Zilberman⁶⁶ enunciam a análise fazendo alusão à história grega de Orestes e Electra, que ao vingar a morte do pai, dão fim à dinastia de suas famílias (eles não têm descendentes), iniciando então o momento em que o Estado substitui o legado familiar no poder. O romance histórico nasceu da necessidade de narradores contarem o passado, a fim de fortalecer a identidade nacional a partir do século XIX. Um exemplo no Brasil é o de

⁶⁶ ZILBERMAN, Regina. Saga familiar e história política. GONÇALVES, Robson Pereira (org). O Tempo e o Vento – 50 anos. Op. Cit, pp. 25-42.

José de Alencar, que já dizia que a história de um país se escreve na forma de romance histórico.

Nesse sentido, a história do Rio Grande é a história da disputa entre pequenos proprietários de um lado, pilheiros e coronéis do outro. O recorte social que ocorre em *O Tempo e o Vento* é minucioso e peculiar, pois Érico Veríssimo coloca os proprietários e os desvalidos em lados opostos, onde a voz de quem não fala à sociedade, na maioria das vezes, aparece em *O Continente* em cantos destacados em itálico que têm a função de intercalar os capítulos do primeiro volume, montando o quebra-cabeça e mostrando que o volume inaugural de *O Tempo e o Vento* se configura justamente como a saga da ascensão política de uma família. Tais cantos são “formados pelo deserdado, o miserável, o explorado, introduzindo o povo ao lado das classes que das quais se conta a história e amainando, por meio da face comum dos inonimados, a forte individualização dos autores principais”⁶⁷.

O Tempo e o Vento apresenta uma extensa reflexão sobre a identidade brasileira; a descendência da família Terra-Cambará se confunde com a história de Santa Fé, e, por esse motivo, tais aspectos podem retratar a sociedade brasileira. Santa Fé pode ser observada como um microcosmo do país.

Apesar de consistir em um relato ficcional, o texto que Veríssimo escreve contando a história do Rio Grande não é menos verdadeiro: versa sobre a constituição de um povo, onde os grupos de indivíduos que se situam à margem da sociedade aparecem conforme permitem os detentores do poder.⁶⁸

⁶⁷ CANDIDO, Antonio. *Érico Veríssimo de trinta a setenta* in CHAVES, Flávio Loureiro (org.). *O Contador de Histórias*. Porto Alegre: Editora Globo, 1978, p.44.

⁶⁸ A autora Marilene Weinhardt escreveu sobre o assunto: “A primeira acusação que se pode levantar contra esse modo de ler diz respeito ao nivelamento produzido entre fatos históricos e atos ficcionais. A seguinte é a de que está afirmando que a ficção contém tudo o que seria objeto da história, propondo-se, portanto, que

A história da ascensão da família Cambará é desde o começo uma saga de opressão. De Pedro Missioneiro até o cabo Lauro Caré, evidenciam-se os aspectos de dominação pessoal e marginalidade social. Os oprimidos desaparecem em certos momentos do romance, mas se mantêm presentes mesmo que ocultos: aparecem quando se inicia uma refeição, quando se focaliza o Angico e as mestiças Carés (objeto de desejo dos Cambará), e até mesmo quando o padeiro da cidade reverencia o Dr. Rodrigo Terra Cambará. Estão sempre ali, margeando aqueles que fazem rodar a história. Se há no romance a configuração de uma base narrativa que apresenta um jogo de forças, isso se dá porque o continente de São Pedro já nasce desterritorializado e povoado por pessoas sem lugares próprios, situação que configura um cenário de exclusão, rebeldia e dominação. Assim sendo, o espaço que aqueles que ascenderam socialmente escolhem para viver se constitui como uma personagem importante do romance. O Sobrado, que fora, inclusive, representado no cinema⁶⁹ sobre o contexto do cerco ao mesmo durante a Revolução de 1895, (episódio que eleva Licurgo Cambará como grande líder político de Santa Fé), é elemento que representa no romance o poder patriarcal. “O Sobrado” é o título de cinco capítulos de *O Continente*, numa escrita que enfatiza a tradição de concentração de poder nas mãos de poucos, tão característica do Brasil, que se deu no Rio Grande do Sul principalmente através da pilhagem e da concessão de sesmarias, atribuindo a poucos o status de patriarcas autoritários e despóticos, caracterizados em *O Tempo e o Vento* num primeiro plano pelos Amaral e sucessivamente, pelos Terra-Cambará.

A história de guerreiros e de sua decadência e ressurreição nos filhos urbanizados que passam a exercer seu mando de outra forma no Rio Grande do século XX é descrita nas

seria dispensável. O discurso romanesco produz, de fato, esse nivelamento. Tudo o que ele relata é, por princípio, ficcional, tenha ou não referente externo. A excelência dessa equiparação, quando o escritor opta por recorrer ao externo, é um dos fatores de realização do romance, o que não significa que a fusão se projete para além das fronteiras do tempo e do espaço do romance” Idem, p. 100.

⁶⁹ Dirigido por Walter George Durst e Cassiano Gabus Mendes, o filme data de 1956.

páginas de *O Tempo e o Vento*. Dessa forma, a violência perde toda e qualquer conotação positiva como, por exemplo, o sinônimo de coragem, pois a brutalidade é sistematizada e se transforma em instrumento de uma classe que finge negá-la, mas alicerça nessa mesma violência vários privilégios.

“O caudilho é feroz, mas tem razão histórica. A violência é atroz, mas se combina tanto ao bem quanto ao mal. Como? Por quê? A resposta está na vida dos Amaraís e dos Cambarás, dos Campolargos e dos Vacarianos, tanto os pioneiros que conquistam e defendem a terra quanto os coronelões que desfrutam e oprimem, ou os doutores e negociistas que saem deles para levar a sua marca à política do estado e da Nação”⁷⁰.

São enfocadas em *O Tempo e o Vento* mudanças trazidas pelo século XX, assim como a permanência da tradição patrimonial, pois a sociedade brasileira deste século ainda é patriarcal e os laços familiares muito fortes. Sendo assim, o tempo e o vento passam e moldam destinos dos habitantes de Santa Fé e de todo o Brasil. Mudam os tempos, mudam as famílias que detêm o poder, mas algumas características são insolúveis na ordem social brasileira, que leva consigo um histórico impregnado de dominação pessoal.

O Tempo e o Vento representa uma descoberta nacional, retratando uma sociedade viva e articulada onde Veríssimo trata a classe dominante com complacência e mostra solidariedade para com os oprimidos. Esse caráter de representação do todo se anuncia desde o início do artigo de Jacques Leenhardt⁷¹, que diz que o romance histórico de Veríssimo anuncia a partir do título a construção de uma realidade histórica, que trata da história da nação brasileira. Em *O Tempo e o Vento*, o que foi é o que será, configurando

⁷⁰ CANDIDO, Antonio. Érico Veríssimo de trinta a setenta. *Op. Cit*, p. 49.

⁷¹ LEENHARDT, Jacques. Narrativa e história em O tempo e o vento, de Érico Veríssimo. Idem, pp.25-40.

um círculo onde apesar da decadência dos coronéis, a dominação da vontade alheia por parte daqueles que detém o poder persiste.

2. A DOMINAÇÃO NO CONTINENTE

2.1 – A herança lusitana e a figura do agregado

As origens da dominação pessoal, fenômeno sociológico do qual se propõe a análise no presente trabalho, se fundamentam na gênese do Estado português. Portugal, primeiro Estado Nacional da Europa, se subordinava a um grande detentor de terras, que representava ao mesmo tempo a figura do chefe militar. A guerra que resultou no alargamento do território é a base sob a qual se assenta o poder da Coroa, que consolidou imenso patrimônio rural, cuja propriedade se confundia com o domínio da casa real numa má distinção entre o público e o privado. As terras perdidas ou tomadas pela Coroa dos aldeões que morriam sem prole também constituíam parte do latifúndio, num sistema onde o senhor das terras e o senhor da guerra eram a mesma pessoa. O fenômeno que permeia a pessoa do rei de Portugal é formado pela junção de duas características políticas em um só corpo, o *dominare* e o *regnare*. O *dominare* seria a condição, de um proprietário que se assenhora da terra sem governá-la: o poder sobre as terras é a base do poder da Coroa, enquanto o *regnare* significa a soberania do monarca sobre o país⁷².

O rei se transformou no centro supremo das decisões; o poder real não dispersou, impedindo assim a formação de uma camada autônoma formada por nobres proprietários. Não há intermediários entre a base superior e a inferior da sociedade: um manda e os outros obedecem. Os forais asseguravam o predomínio do exercício do poder do rei sobre as terras, que não seriam de mais ninguém senão dele.

⁷² Raymundo Faoro propõe a distinção entre o *dominare* e o *regnare* no primeiro volume de *Os Donos do Poder*: FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder*. Op. Cit. p.07.

Tal ascendência do rei deu origem a um domesticamento do povo sem o aniquilamento da pobreza, sendo essa uma importante característica que se imprime na sociedade portuguesa. A propriedade do rei, composta de terras e tesouros acaba, desde já, confundindo os aspectos público e particular do Estado. “A Coroa criava rendas de seus bens, envolvia o patrimônio particular, manipulava, o comércio para sustentar o séquito, garantia a segurança de seu domínio”⁷³. Através da personificação do *regnare* e do *dominare*, e também através da herança da influência do direito romano, Portugal leva para o quadro administrativo do país um exército de súditos, caracterizando a administração estatal com um modelo irracional, fortemente ligada à tradição e contaminada pela pessoalidade. A riqueza do titular é perpétua e eminente, prendendo os servidores a uma rede patriarcal onde os mesmos representam a extensão da casa do soberano. O Estado patrimonial atravessa séculos, não respeitando privilégios ou antigas linhagens. Tais fatores se reúnem na formação do estado patrimonial português, o que virá causar reflexos na sociedade brasileira formada a partir da colonização.

Quando, após a Revolução de Avis, a monarquia se redefine com o auxílio da burguesia, emerge uma nova estrutura que se insere aos moldes patrimoniais do Estado português, marcados por privilégios senhoriais e territoriais. Tal realidade requeria um novo tipo de burocracia, e esta passou então, a se fundamentar no estamento formado por membros que “pensam e agem conscientes de pertencer a um mesmo grupo, a um círculo elevado e qualificado para o exercício do poder”⁷⁴.

O estamento supõe distância social e a conquista de vantagens exclusivas, além de impingir regras às camadas menos favorecidas. Consiste num grupo que domina e amordaça a sociedade. A lógica da lei e das decisões vigentes no estamento estava longe,

⁷³ FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder*. Op. Cit. p.13

⁷⁴ Idem, p.52.

como já se disse, da impessoalidade e da igualdade: tudo era submetido à vontade do monarca. Tal tradição patrimonial, desenvolvida no estamento, distingue a propriedade do direito de reger, ou seja, a distinção já antes explicitada entre *dominare* e *regnare*, que é acumulada pelo rei de Portugal. Consolida-se, logo a peculiar estrutura política fundamentada no estamento. Ela fecha-se em si, caracterizando-se burocraticamente não no sentido racional da estrutura, mas no sentido em que pessoas privilegiadas se apropriam dos cargos carregados de poderes sempre em consonância com o do monarca.

A monarquia portuguesa acostumou o povo a servir. Habitua-o à inércia de quem tudo espera das decisões que vêm sempre de um patamar superior, acabando por inibir o sentimento de liberdade e de vontade própria, fundando um padrão de conduta de um grupo que representa a minoria, ou seja, o estamento infunde-se à maioria, exercendo assim o poder em nome do grupo e não a favor de uma nação. Tais observações são contundentes na formação de certa inércia política do povo brasileiro, já que a estrutura política e social atravessou o Atlântico junto com as caravelas vindas de além-mar, sendo determinante para basear a concepção de dominação pessoal aqui apreendida.

Os navios que para a América vieram não traziam o povo que formaria uma nação, mas funcionários que serviam para comandar e guerrear, obreiros de uma empresa comercial sediada em Lisboa. O estado Português fora imposto à colônia antes mesmo que ela fosse povoada, e permanece íntegro durante séculos. O Brasil depois de descoberto se transformou num objeto de lucro e vantagens, sendo tratado pela Coroa como um grande negócio do rei integrado à estrutura patriarcal portuguesa.

O governo que Portugal estabelece no Brasil é marcado pelo privatismo e pelo arbítrio, características que se aliam ao exercício do poder privado de funções públicas e o exercício público de atribuições. O déspota colonial e o potentado privado têm suas origens

desvendadas, e que não se esgotam com a formação do estamento colonial que controla como na metrópole a economia e a sociedade. Já nas primeiras páginas de *O Tempo e o Vento*, no episódio d' "A Fonte", Érico Veríssimo destaca que o governo português, a fim de garantir a posse de territórios localizados na parte meridional do Brasil, distribuíra carta de sesmaria, dando origem a uma privilegiada classe de proprietários:

“E naqueles últimos vinte anos muitos lagunistas e vicentistas se haviam fixado em vários pontos do Continente, estabelecendo invernadas e currais que mais tarde se transformavam em estâncias. Contava-se até que quase todos eles já tinham conseguido cartas de sesmaria. E o fato de os portugueses haverem fundado em 1737 um presídio militar no Rio Grande indicava que estavam decididos a tomar posse definitiva do Rio Grande de São Pedro”.⁷⁵

O que podemos perceber na citação anterior e que é de grande valia aqui ressaltar é o caráter violento que surge como artifício da forma estamental e arbitrária de poder. A violência é parte de extrema importância das relações sociais, sendo elemento constitutivo destas e configurando parte fundamental da questão aqui trabalhada - a dominação pessoal. Diz Érico Veríssimo que

“Os vagamundos aventureiros que passam por ali, riem daquelas gentes pacatas, que respeitam a lei e odeiam a guerra, que falam cantando e às vezes perguntam: aonde vades? Acham engraçadas suas caras, suas casas, suas comidas, suas roupas, seus cantares, suas danças: o feliz amor, o sarrabaio, a chamarrita. E nas quermesses de maio mofam da Pomba do Divino. Mas muitos deles tomam parte nas cavalhadas, que é a guerra dos cristãos contra os mouros.

⁷⁵ VERÍSSIMO, Érico. *O Continente*. Op. Cit, p. 28.

E quando esses homens sujos, de mosquetes a tiracolo, chapéu de couro na cabeça, facão na cinta, vêem os açorianos suando ao sol das lavouras de trigo ou mourejando nas suas oficinas, e as mulheres graves e caladas em casa curtindo o couro, fiando, tecendo, cozinhando, lavando, cuidando dos filhos – sacodem as cabeças guedelhudas e não compreendem como é que um cristão pode ficar sempre no mesmo lugar, a fazer a mesma coisa o dia inteiro, a vida inteira.

Montam a cavalo e se vão felizes para suas andanças e lidas”.⁷⁶

Grande parte da população livre da colônia fora usada na economia mercantil, sobretudo os homens livres expropriados que não foram integrados à produção executada nos latifúndios ou terras cedidas para o uso de outros. Há assim, a formação de uma ralé: um conjunto de homens dispensáveis, desvinculados dos processos essenciais da economia, que se caracteriza na figura do agregado, que, objeto do exercício da dominação pessoal, mesmo alguns séculos depois teria sua condição imutável, confirmando que se deslocaram para o Brasil os mesmos moldes que forjaram a sociedade lusa. Sendo assim, o coronel, o capanga e o latifundiário são exemplos estáveis na sociedade que se forma no Brasil: “Preso ao litoral, entre o sertão inabordável e os mares, o velho agregado colonial tendia chegar ao nosso tempo, imutável sob o emperramento de uma centralização estúpida, realizando a anomalia de deslocar para uma terra nova, o ambiente moral de uma sociedade velha”⁷⁷.

Se, a história social do Brasil, assim como a sua formação, está fortemente ligada às origens da sociedade patrimonial estamental portuguesa, e que Érico Veríssimo, ao contar a

⁷⁶ VERÍSSIMO, Érico. *O Continente*. Op. Cit, p.67.

⁷⁷ CUNHA, Euclides. *Os Sertões in Obra Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.149.

história do Antigo Continente de São Pedro faz uma reconstrução da estrutura que baseou a formação do Brasil, podemos apreender que a história de nossa nação está inserida em *O Tempo e o Vento*.

Nesse sentido, podemos pensar na idéia de que não se estabeleceu no Rio Grande uma formação social que se diferenciasse do resto do país: assim como em toda a sociedade brasileira, a sociedade rio-grandense se constituiu a partir de um molde patrimonial, onde as formas de comportamento eram reguladas pela dominação e pela subordinação e que não apresentam o caráter de democracia, contrariando o que atestam alguns historiadores gaúchos. A violência e o desrespeito às leis vigentes mantinham a condição de vida no Rio Grande: tal sistema, chamado de *autocrático pervertido* por Fernando Henrique Cardoso⁷⁸ se desenvolveu diante de condições especiais que limitaram as possibilidades de atuação social do gaúcho, sobretudo devido às pretensões espanholas sobre as terras fronteiriças do sul do Brasil.

Mais uma vez são os cantos em itálico que intercalam os principais capítulos de *O Continente* que denunciam as minúcias da sociedade que se formava no Continente de São Pedro. Na voz da personagem de um botânico francês que viajava pelo interior da colônia portuguesa, escreve o Veríssimo:

Observo que quanto mais simplicidade de maneiras e conversa imprimo a meus atos, menos deferência recebo. Os habitantes da capitania do Rio Grande estão de tal modo habituados ao militarismo e ao ar carrancudo dos oficiais que não acreditam que uma pessoa simples e honesta possa ter importância.

Sim, os homens que tinham galões, títulos de nobreza, léguas de sesmaria, botas e cavalos falavam alto e grosso, de cabeça erguida. (...) Mas os gaúchos sem cavalo, sem armas, sem nada, os pobres-diabos que andavam

⁷⁸ Cf. CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional*. Op. Cit.

molambentos e de mãos vazias, esses só falavam alto e grosso entre os de sua igualha. (...) De seu às vezes nem nome tinham. De onde vinham? Ninguém sabia ao certo nem procurava saber. Alguns haviam nascido de chinas ou bugras que dormiam com tropeiros, ladrões de gado, carreteiros, buscadores de ouro e prata, preadores de índios. Outros eram sobras de antigas bandeiras, retirantes da Colônia do Sacramento, escravos foragidos, desertores do Regimento dos Dragões, castelhanos vindos de outro lado do Uruguai, das planuras platinas: gente andarenga sem pouso certo”.⁷⁹

Tal abordagem é de grande valia para a análise aqui proposta uma vez que expõe que os portugueses e seus descendentes já nascidos no Brasil (os mesmos que povoaram o antigo Continente de São Pedro), homens que antes habitavam Laguna, a região das Minas e o planalto curitibano, levaram para o Rio Grande o mesmo modelo social que vigorava no restante da colônia: grande propriedade, patriarcalismo, trabalho escravo e grande número de agregados, moldando também no Brasil meridional uma sociedade de caráter estamental.

Assim história do Brasil está associada intimamente a um histórico de dominação pessoal e patrimonialismo, que são aspectos que não deixam de estar presentes em obras que enfocam a história do país. O patronato atua no lugar do povo e corporifica um conjunto de poderes que se divide entre a cabeça de um soberano e um chefe⁸⁰. Dessa forma, pretende-se analisar como se apresentam em *O Tempo e o Vento* tais fatores de formação na sociedade brasileira.

⁷⁹ VERÍSSIMO, Érico. *O Continente*. Op. Cit. p. 145.

⁸⁰ FAORO, Raymundo. *Os donos do poder*, Op. Cit, p. 22.

2.2 – O tempo, o vento e a dominação pessoal

Teorizando a questão da dominação, define-se aqui a dominação pessoal com base em moldes tradicionais, onde a legitimidade se dá na crença da santidade e poderes tradicionais. Aquele que domina não é apenas um superior, mas sim um senhor pessoal, os “funcionários” são companheiros tradicionais ou súditos e o que se faz decisivo é a fidelidade pessoal ao servidor. Não se obedece aos estatutos, mas às pessoas indicadas pela tradição, quando não apenas uma. A natureza afetiva é de extrema importância, dominando o senhor com ou sem quadro administrativo, contando com o auxílio de pessoas tradicionalmente ligadas a ele por vínculos de piedade, o que significa o recrutamento patrimonial dentre os funcionários domésticos dependentes, onde são inerentes relações pessoais de confiança e pacto de fidelidade com o senhor legítimo e demais funcionários livres.⁸¹

Logo, podemos observar como foram homogêneos tais fatores que advêm da colonização portuguesa. O privado, em nossa sociedade, sempre sobressaiu ao público, o que acarreta em reflexos na formação social brasileira, na qual se configura principalmente a tendência de se apoderar não só de bens, mas também da vontade das pessoas. O que tem continuidade no caso brasileiro é a tendência doméstica sobressalente em toda a nossa

⁸¹ Segundo Weber, toda dominação tradicional pende para o patrimonialismo, pois: “(...) os companheiros se tornam súditos, o direito do senhor interpretado até então como direito preeminente dos associados, converte-se em seu direito próprio, apropriado por ele da mesma forma (em princípio) que um objeto possuído de natureza qualquer, valorizável (por venda, penhora ou partilha entre herdeiros, em princípio como outra oportunidade econômica qualquer). (...) toda dominação que originalmente orientada pela tradição, se exerce em virtude de pleno direito pessoal e sultanista toda dominação patrimonial que, com suas formas de administração se encontra, em primeiro lugar, na esfera de arbítrio livre, desvinculado da tradição”. in WEBER, Max. Os tipos de dominação in *Economia e Sociedade*. Op. Cit, p. 52.

história colonial, que encontra sua base num modelo tirânico onde o “pai de família” é o grande detentor do poder de controle de pessoas e vontades⁸².

O Tempo e o Vento ilustra a história da nação brasileira, uma vez que seus personagens retratam as relações pessoais baseadas no patrimonialismo histórico que se desenvolveram no Brasil a partir da colonização portuguesa. Engloba as relações de dominação pessoal e de usurpação do público, tornando o privado como um benefício e privilégio das classes próximas ao poder. Sendo contados 200 anos de história, a obra de Érico Veríssimo se transforma num material de grande valor sociológico de análise de tais relações tão inerentes à nossa nação.

Se, “em todas as vertentes nota-se o deslocamento de interesse da obra para os elementos sociais que formam a sua matéria, para as circunstâncias do meio que influíram na sua elaboração, ou para a sua função na sociedade”⁸³, a matéria de *O Tempo e o Vento* é a própria sociedade sulista, e é sua história através de sua fundação que vai ser palco das disputas familiares e do desenrolar de destinos. Essa matéria de trabalho se transforma, segundo o próprio Antonio Candido, “em um dos maiores romances brasileiros”⁸⁴, que é *O Continente*, primeiro tomo de *O Tempo e o Vento*.

2.3 A dominação pessoal n’ *O Continente*

⁸² Tais observações se fazem sob a luz das explanações de Sérgio Buarque de Holanda, que diz que “nos domínios rurais é o tipo de família organizada segundo as normas clássicas do velho direito canônico, mantidas na península Ibérica através de inúmeras gerações, que prevalece como base e centro de toda a organização. Os escravos das plantações e das casas, e não somente os escravos, como agregados, dilatam o círculo familiar e, com ele, a autoridade imensa do *pater-familias*”. in HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*, Op. Cit. p.81.

⁸³ CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Op. Cit, p. 12.

⁸⁴ CANDIDO, Antonio. Entrevista com Antonio Candido. *Érico Veríssimo: O romance da História*. Op. Cit, p. 14.

“Sim, os homens que tinham galões, títulos de nobreza, léguas de sesmarias, botas e cavalos falavam alto e grosso, de cabeça erguida. E havia também os sem-título nem terras nem galões, que falavam alto e grosso de cabeça erguida porque tinham arma, bota e cavalos. Mas os gaúchos sem cavalo, sem armas, sem botas sem nada; os pobres diabos que andavam molambentos e de mãos vazias, esses só falavam alto e grosso entre os seus de igualha. Porque ante os bens montados ficavam de olhos baixos e sem voz (...).

Érico Veríssimo, *O Continente*

O primeiro volume de *O Tempo e o Vento*, *O Continente* é tido por muitos teóricos como um dos mais bem elaborados romances do regionalismo modernista. É tido como um romance paradigmático a partir do momento que se configura como um *roman fleuve* contando a história do Rio Grande do Sul, num resgate de nossas origens que culmina na retomada da história do país fora dos padrões da saga contada através do ponto de vista dos colonizadores, configurando um movimento artístico onde nossa literatura emerge se distanciando assim do subdesenvolvimento cultural⁸⁵. Dentre os autores latino-americanos que se destacam nesse movimento, outros escritores brasileiros podem ser citados, como Graciliano Ramos (*Memórias do Cárcere*) e Jorge Amado (*Os Subterrâneos da Liberdade*).

O Continente apresenta as personagens-chaves de *O Tempo e o Vento*, que se entrelaçam contando a história da formação de uma elite agrária a partir de famílias fundadoras do Continente de São Pedro – Terra, Cambará e Amaral – que irão acumular riqueza e prestígio que culminarão na abundância de terras e na dominação daqueles que não chegaram ao mesmo patamar – parcela que se representa pelos Caré. Considerado o melhor dos volumes de *O Tempo e o Vento*, *O Continente* se destaca justamente por enunciar na obra personagens carismáticas e determinantes no desenrolar dos acontecimentos: é o caso, por exemplo, de Ana Terra, do Capitão Rodrigo Cambará, a

⁸⁵ Flávio Loureiro Chaves trabalha a idéia de ser *O tempo e o Vento* parte de um movimento artístico que quebra o distanciamento do subdesenvolvimento cultural. in CHAVES, Flávio Loureiro. O narrador como testemunha da história, in GONÇALVES, Robson Pereira (org). *O Tempo e o Vento – 50 anos*. Op. Cit, p. 73.

determinada Bibiana e a obstinada Maria Valéria. É nesse livro que duas figuras femininas, coadjuvantes, porém não menos importantes, contam suas histórias: Luzia Silva Cambará, nora de Bibiana, mulher forte, à frente de seu tempo, e a cabocla Ismália Caré, grande paixão de Licurgo, filho de Luzia. Num universo contaminado pela dominação, essas duas figuras, apesar de terem breves passagens num texto de mais de 2000 páginas, são motivo de curiosidade na cidade de Santa Fé, seja pela extravagância (caso de Luzia) ou pela posição submissa de amásia de uma figura importante da cidade (Ismália).

Através da saga das personagens e do decorrer do tempo e do vento no antigo continente de São Pedro, a análise que se propõe é a da relação dos homens livres desprovidos de propriedade e os latifundiários, aos quais tais homens deviam obediência e respeito. Em uma das passagens em itálico, Veríssimo, ao discorrer sobre a sina dos Caré mostra em um dos textos a fidelidade daqueles que nada tinham de seu àquele que era dono das terras em que trabalhavam e se agregavam. Embora a situação destes homens fosse idêntica a de Mingote Caré (localizado à margem da sociedade e almejando reconhecimento através da posse de um cavalo, um dos símbolos de honra dos gaúchos), os capangas são impiedosos e entregam aquele que havia roubado um cavalo ao senhor das terras e de suas vontades, que determina sentença ao delito de Caré, mostrando que dentro daquelas extensões tão suas se acumulavam em sua pessoa, entre outras funções, a da justiça:

“O sonho de Mingote Caré era ter um cavalo. Um dia a tentação foi maior que o medo e ele roubou um tordilho numa estância da fronteira. Mas não teve sorte: a peonada saiu-lhes nas pegadas e agarrou-o.

Está aqui o ladrão, coronel, o que fazemos com ele? O estancieiro estava furioso, vermelho que nem gringo.

Botem a minha marca no lombo desse bandido. Depois lhe apliquem trezentos e sessenta e cinco açoites, um para cada dia do ano. Sou homem de bem e justiça: se não procedo com energia, esses abusos não acabam.

Deixaram Mingote nu, amarrado a um palanque. E quando lhe encostaram a brasa na palheta, o coronel gritou: isso é pra tu aprenderes a respeitar propriedade alheia!”.⁸⁶

Érico Veríssimo recorre ao mito para iniciar a história do Rio Grande do Sul. O tronco da família Terra-Cambará começa a se formar a partir da mística figura de Pedro Missioneiro, que, criado pelo Padre Alonzo em uma das missões destruídas pelo Tratado de Madri seria, provavelmente filho de uma índia deflorada por algum vicentista. Sem ter conhecido a mãe, o menino acreditava ser filho da Rosa Mística. Através do mito, é construída a história daquilo que não se sabe ao certo, mas que é bem provável que tenha de fato acontecido⁸⁷.

A linearidade histórica, o vínculo de Pedro com as futuras gerações é sedimentado pelo punhal que o índio herda de Alonzo e que segundo Jacques Leenhardt⁸⁸, representa o cerne da formação da nação brasileira: a mestiçagem. O mesmo punhal que assegura a fuga de Pedro quando estoura a guerra desencadeada pelo Tratado de Madri na segunda metade do século XVIII, estará nas mãos de Eduardo Cambará, seu descendente, em 1945.

A história de nossa nação se baseia na questão latifundiária, fenômeno que herdamos do Estado colonizador português. Terra é sinônimo de tradição, prestígio e riqueza, e é fomento da dominação pessoal: quem tem a terra passa a dominar o outro e

⁸⁶ VERÍSSIMO, Érico. *O Continente*. Op. Cit. p. 414.

⁸⁷ Cf. PESAVENTO, Sandra Jatahy. A narrativa pendular: as fronteiras simbólicas da história e da literatura in PESAVENTO, Sandra Jatahy et al. *Érico Veríssimo: o Romance da História*. Op. Cit.

⁸⁸ LEENHARDT, Jacques. Narrativa e história em O tempo e o vento, de Érico Veríssimo in *Érico Veríssimo: o romance da história*. Op. Cit, p. 27.

quanto maior a quantidade fundiária, maior o número de pessoas dominadas, assim como também é maior o grau de dominação sobre elas.

2.4. De Chico Rodrigues a Rodrigo Cambará: a malandragem entre a ordem e a desordem

É importante ressaltar que os nomes das famílias que Érico Veríssimo coloca como representantes da fundação do Rio Grande fazem alusão ao aspecto natural e apegado ao chão do gaúcho: Terra e Cambará significam aqui tanto o caráter naturalista do homem dos pampas, errante e guerreiro, como também significam o estabelecimento de raízes de um errante inveterado que é Chico Rodrigues: ao decidir deixar de ser chefe de arrieiros e ao se estabelecer como estancieiro, aquele que viria ser ancestral do “certo capitão Rodrigo” adota o nome de Chico Cambará. Vale ressaltar que o radical da palavra Cambará significa, em espanhol, o verbo *cambar*, que quer dizer “mudar de rumo”, “passar de um lado para outro”. Inserido numa lógica político-estamental herdada da metrópole Portugal, os Cambará são aqueles que, imbuídos da dialética da malandragem se deslocam entre a ordem e a desordem social, chegando ao mais alto patamar da sociedade sulista.

A sociedade gaúcha se condicionava à qualidade de coragem pessoal e ousadia em nome da defesa do continente de São Pedro. Ao mesmo tempo, as pessoas dotadas desse tipo de qualidade eram pouco aptas à submissão e à rotina, passando da impetuosidade ao desmando em um passo. A extensão para o sul se deu através de clãs patriarcais e tropeiros paulistas que se afazendaram, aproximaram-se e tomaram grandes pedaços de terra, onde a herança militar e sentimento de nobreza nos atos heróicos intensificaram a formação de um mundo rural de estilo senhorial. Fora isso, era forte a presença do pilheiro e do contrabandista, que apenas passou a ser considerado como “fora-da-lei” depois que se

estabilizaram as relações entre Portugal e Espanha. Tais homens eram essenciais para a manutenção do Continente para garantir a posse da terra de limites de domínio português. Tais contrabandistas eram coordenados por um chefe, o único a quem respeitavam.

A personagem de Chico Rodrigues representa um desses chefes de bando que se apossava das terras do Continente do Rio Grande, fenômeno típico nos primeiros séculos de colonização do Continente:

“E nos anos que se seguiram não houve quem não conhecesse no Continente de São Pedro a fama de um tal Chico Rodrigues, chefe dum bando de arrieiros, e que não respeitava a propriedade de El Rei. Apossava-se de terras sem requerer cartas de sesmaria, assaltava tropas, roubava gado (...) quando alguém num povoado ou estância bradava : aí vem Chico Rodrigues! a gritaria começava, as mulheres fugiam para o mato, os homens pegavam nas espingardas, era um deus-nos-acuda. (...) E de homens como ele havia centenas e centenas. As patas de seus cavalos, suas armas e seus peitos iam empurrando as linhas divisórias do Continente do rio Grande de São Pedro⁸⁹.

Chico Rodrigues representa o tipo original de homens que se apossavam de terrenos e que, posteriormente, tornaram-se estancieiros. Com sua personagem também se apresenta a questão da mestiçagem: Chico Rodrigues ao se casar com Maria Rita, uma açoriana, dá origem àquele que seria outro tronco determinante do romance: a família Cambará. Tais homens, evidenciados na figura de Chico se enquadram no conceito formulado por Antonio Candido sobre a dialética da malandragem, já enunciada aqui quando tratado o significado literal da palavra Cambará. No artigo-resposta escrito por Roberto Schwarz⁹⁰, a idéia de

⁸⁹ VERÍSSIMO, Érico. *O Continente*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982, pp. 64-65.

⁹⁰SCHWARZ, Roberto. Pressupostos, salvo engano, de “A Dialética da malandragem” in SCHWARZ, Roberto. *Que Horas São? Op. Cit.*

Candido é complementada. Este, enquanto elabora sua tese de *redução estrutural* e *dialética da ordem e da desordem*, adota como base de análise o romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, classificando a personagem principal, Leonardo, como um ser inserido na *dialética da malandragem*. Ao focar mais abertamente que tal dialética significa um modo de viver para aqueles que não pertencem nem à classe dominante, nem à classe escravizada, Schwarz traz à luz que o romance de Manoel A. de Almeida destaca justamente essa classe intermediária, e o que serve de base para que a abordagem se assemelhe à realidade é justamente a *redução estrutural*, aonde vem se configurar o *princípio da ordem e da desordem*. Tal princípio organiza os dados reais e os dados do imaginário, ou seja, clarifica como a generalidade social abordada participa tanto da realidade quanto da ficção. O sentimento de realidade depende de princípios mediadores ocultos que tornam coerentes as duas linhas, ou seja, a *redução estrutural*.

A dialética então serve para suspender conflitos históricos através de uma sobrevivência sem remorsos, configurando o mundo da personagem do malandro como um mundo sem culpa. A vantagem que se tem através da análise feita tendo como ponto de partida as linhas da *ordem e da desordem* é a superação da incompatibilidade entre o interno e o externo da obra de ficção, determinando o lugar da ficção na realidade e vice-versa: “A dialética da ordem e da desordem resume a regra de vida de um setor capital da sociedade brasileira: o dos homens livres quem não sendo escravos nem senhores, viviam num espaço social intermediário e anômico, em que não era possível prescindir da ordem e nem viver dentro dela”⁹¹.

A massa que será trabalhada na presente dissertação é justamente a exposta na citação anterior. São os Caré, é Ismália, Sílvia, Zeca, e os demais seres humanos que

⁹¹SCHWARZ, Roberto. *Que Horas São?* Op. Cit, p. 138

viviam sob o domínio translúcido dos Cambará, e que, na figura de Chico Rodrigues, encontram eu primeiro representante. Muito embora Chico Rodrigues e seu descendente mais ilustre, Rodrigo Cambará, não sejam personagens urbanas como o Leonardo criado por Manoel A. de Almeida, eles se constituem como a figura do *malandro*, que, não inseridos na ordem nem na desordem caracterizadas pela realidade social contextualizada historicamente, vivem num mundo sem culpa, configurando-se apesar de todos seus pecados, em personagens acima de tudo carismáticas. Localizando-se entre a ordem e a desordem e não pertencendo nem ao lado dos proprietários nem ao lado dos escravos, a *redução estrutural* posiciona Chico Rodrigues e Rodrigo Cambará (que historicamente são aquelas pessoas que nada tinham de seu) para se configurarem como parte do estamento político da sociedade na personificação do *malandro*. Vivem e se deslocam num mundo sem culpa, e com a ajuda de atributos como o carisma, a beleza física e o senso de igualdade entre os homens (associados, no caso de Rodrigo, a preguiça típica do malandro brasileiro), fincam um lugar de destaque na história contada por Érico Veríssimo. É o ímpeto e carisma sem limites de Rodrigo, que associados à coragem quase petulante de sua esposa Bibiana que lançam as sementes da ascensão social da família Terra-Cambará.

Ao se aclimatar e absorver a cultura do tempo, mesmo quando se trata de assuntos situados em épocas remotas, Veríssimo conta com maestria os 200 anos de história do Rio Grande, contextualizando historicamente as personagens e ações das mesmas, onde o núcleo de dominação pessoal não passa despercebido, sendo esta contradição remediada pela convivência dos favorecidos com os agregados, dependentes dos primeiros. Herança de um sistema já existente na metrópole lusitana, desenvolve-se no Brasil uma ideologia familista de sistema paternal que engendra escravos, dependentes, afilhados e aliados. O

favor social se encontra no topo da estrutura social brasileira, principalmente no que tange à classe agrícola, o que é enfatizado na presente análise de *O Tempo e o Vento*.

2.5. Ana Terra: marca d'água feminina no mundo patriarcal

Assim, no primeiro tomo do romance, Veríssimo começa a traçar o esboço daquela que seria outra base da família que ajuda a fundar Santa Fé e eleva o seu nome estadualmente. Ana Terra, umas das principais personagens da obra do autor gaúcho, é uma sorocabana que se estabeleceu no Rio Grande quando seu pai, tropeiro, se encantou com a possibilidade de adquirir terra e ser um grande produtor de trigo.

“Por esse tempo muito povo descia para o Continente, cujas terras e gado seriam de quem primeiro chegasse. Homens da Laguna, de São Paulo, das Minas Gerais e do planalto curitibano desciam pelos caminhos das tropas. (...) Muitos requeriam sesmarias. Outros roubavam terras. (...)”⁹².

O povoamento no Rio Grande do Sul se deu por motivos econômicos e militares: o comércio de mulas e cavalos era lucrativo e servia para abastecer a região mineradora, em plena expansão. Em contrapartida, as estâncias que se formavam se transformavam em pontos de apoio militar contra as invasões castelhanas.

A pequena propriedade da família Terra era comandada com mãos de ferro pelo patriarca, Maneco Terra, que contava com a ajuda de dois outros filhos na lida do solo num rancho que não representava segurança nem a ele nem a sua família devido às frequentes invasões e pilhagens:

⁹² VERÍSSIMO, Érico. *O Continente*, Op. Cit., p.65

(...) Ana costumava dizer que quando via um leão baio ou uma jaguatirica, não se impressionava: pegava o mosquete, calma, e ia enfrentar o animal; mas quando via aparecer homem, estremecia. É que ali na estância eles estavam ressabiados. A principio tinham sofrido os castelhanos que dominaram o Continente por bons treze anos e que de tempos em tempos surgiam em bandos, levando por diante o gado alheio, saqueando as casas, matando os continentinos, desrespeitando as mulheres (...).⁹³

A figura do pai de família é destacada em “Ana Terra” além de ser de grande importância na análise aqui apreendida. Maneco Terra é o comandante da casa, das terras e dos filhos – sobretudo das mulheres, que mantêm uma postura submissa durante todo o tempo, se ocupando dos afazeres domésticos e servindo os homens nos demais serviços em que fossem solicitadas. Logo, entende-se aqui que as famílias são eficazes formas de manutenção do poder, portando também os grupos que se formam nas camadas inferiores da sociedade também estrutura patriarcal. O que se observa na configuração da família em tal camada da sociedade brasileira, é sua integração em pequenos grupos, fundados em relações pessoais e reguladas apenas com base na “tradição”. Formalmente, uma família pobre e uma família rica são instituições idênticas, com os mesmos personagens e os mesmos nexos a ligá-los⁹⁴.

Quando Pedro Missioneiro sai em direção ao grande rio, fugindo da guerra que levou as Sete Missões ao fim, recebe pouso na estância de Maneco Terra, encantando toda a família sorocabana (sobretudo a jovem Ana Terra) com seus dotes artísticos e sua aura mística. Do relacionamento de Ana e Pedro Missioneiro nasce o gaúcho Pedro. Ana

⁹³ VERÍSSIMO, Érico. *O Continente*, Op. Cit., pp.74-75

⁹⁴ FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. Op. Cit. p.46.

inaugura a saga de mulheres fundamentais na dinastia Terra-Cambará, que sofrem e calam suas mágoas, sendo, na própria fala de Ana⁹⁵, um pouco mais escravas dos pais, maridos e irmãos, chefes da casa e de suas vidas⁹⁶.

A estância de Maneco Terra é fatalmente atacada por um bando de castelhanos, e, ao perder todos os homens da família, Ana decide partir com o filho na caravana do Coronel Ricardo Amaral, que havia sido agraciado com sesmaria e estava formando um povoado, que viria ser posteriormente a cidade de Santa Fé. Ana poderia enfim seguir seu próprio caminho já que era profundamente infeliz na estância, tão afastada de todos os centros. Era moça e gostava de festejos, era a única filha mulher de Maneco, vivendo completamente isolada no rancho da família. Entretanto, Ana resolve seguir a caravana de Amaral para viver na terra de outrem; ficando evidente sua busca por segurança para ela e o que restou de sua família. O Rio Grande da segunda metade do século XVII não era um lugar seguro, sobretudo para Ana, na sua condição, sem o amparo de sua família. Os castelhanos poderiam voltar e atacar a estância a qualquer momento. Justificando a ação da personagem segundo Weber, “A obediência de indivíduos ou grupos inteiros pode ser dissimulada por uma condição de oportunidade, exercida na prática por interesse material próprio ou aceita como inevitável por fraqueza e desamparo individuais”⁹⁷.

2.6. Coronel Ricardo Amaral, senhor e dono de Santa Fé

⁹⁵ VERÍSSIMO, Érico. *O Tempo e o Vento – O Continente*. Op. Cit. p. 141.

⁹⁶ Diz Sérgio Buarque que “Esse núcleo bem característico em tudo se comporta como seu modelo da Antiguidade, em que a própria palavra “família”, derivada de *famulus*, que se achava estreitamente vinculada à idéia de escravidão, em que mesmo os filhos são apenas os membros livres do vasto corpo, inteiramente subordinado ao patriarca, os *liberi*”. In HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Op. Cit, p. 81.

⁹⁷ WEBER, Max. Os tipos de dominação, in *Economia e Sociedade*. Op. Cit, p. 140.

Os moldes tradicionais da vida em Santa Fé ficam evidentes logo nas primeiras páginas sobre o povoado, onde o coronel Ricardo Amaral aparece como chefe político, que maneja tropas para a guerra e que também é dono da melhor instalação da cidade, fator de denúncia de seu poder econômico:

“Desde o primeiro dia Ana Terra começou a ouvir falar do Coronel Ricardo Amaral, dono dos campos em derredor, senhor de dezenas de léguas de sesmarias e muitos milhares de cabeça de gado, além de uma charqueada e de vastas lavouras. (...) Contava-se que fora Ricardo Amaral que numa escaramuça derrubara com um pontão de lança o famoso alferes real Sepé Tiaraju (...) depois da guerra das missões, Ricardo saíra a burlequear pelos campos do Continente, e as más línguas afirmavam que andara metido numas arriadas, assaltando estâncias e roubando gado por aqueles descampados. (...) Como recompensa por seus serviços o governo ia lhe dando, além de condecorações, terras. Murmuravam-se histórias a respeito da maneira como ele conseguira seus muitos campos. A lei não permitia que uma pessoa possuísse mais de três léguas de sesmarias, mas Ricardo Amaral, seguindo o exemplo astuto de muitos outros sesmeiros, recebera suas três léguas e pedira mais sesmarias em nome da esposa, dos filhos, até de netos que ainda estavam por nascer. (...) Casara-se com a filha dum curitibano, residente no Rio Pardo. Achava que ‘mulher, arma e cavalo de andar, nada de emprestar’. Mas apesar disso, mais de uma vez tomara emprestadas mulheres de outros. E na fazenda – contava-se – fizera filhos em várias chinocas, mulheres de capatazes e agregados, e até numa escrava, a famosa Joana da Guiné”⁹⁸.

Justificando o sistema de sesmarias, para manter-se operante, o Estado português delegou poderes àqueles que pilhavam terras, como forma de proteger o Continente

⁹⁸ VERISSIMO, Érico. *O Tempo e o Vento – O Continente*. Op. Cit. pp.127-129

localizado em terras fronteiriças. Com isso, a estrutura que se deslocou de Portugal para a colônia brasileira fortaleceu o poder doméstico, caracterizando o sistema vigente na colônia e no Rio Grande do Sul como patrimonialismo patriarcal. Assim, quando a Coroa retoma as rédeas da situação, com a expulsão dos espanhóis e o derradeiro Tratado de Madri, a transferência do poder que advinha dos preadores de terras para Portugal se deu gradualmente. Dessa forma, se fortalecia o modelo de sociedade patriarcalista, com arbítrio pessoal no exercício do mando, como bem exemplifica a personagem de Ricardo Amaral.

Muito embora se beneficie, o funcionário, o donatário, o estabelecido estancieiro têm o poder de subordinar, porém, deve obediência ao Rei. O poder dos proprietários apenas se limitava na figura dos capitães-gerais. A Coroa havia subsidiado a formação de uma classe de senhores que passou a agir independentemente dos interesses coloniais, usando o poder estatal para fins pessoais. Porém, tal figura é tida como benfeitora pelos demais moradores, uma vez que provém proteção e supre demais necessidades, num complexo em que domina sem que o povo tenha a percepção da dominação. Como a grande maioria das pessoas se concentra em uma esfera subordinada ao poder de outrem - os dependentes -, a figura de um “pai do povo” é facilmente evocada, adquirindo uma aureola carismática, encantando e seduzindo o grupo em questão.

Ricardo Amaral ao mesmo tempo em que serviu a Coroa no início de sua carreira, também fora ladrão de gado e chefe de bando. A coragem pessoal era de grande importância entre os atributos pessoais, e, Amaral, por seus serviços militares, recebeu uma grande quantidade de terras onde fundou seu povoado – a futura cidade de Santa Fé – e para onde levou o caráter arbitrário e violento do exercício do poder.

A sesmaria, meio jurídico de se apegar a terra serviu para consagrar os latifúndios. Tal apropriação de várias extensões consolidou a situação de poucos proprietários e

proliferação de uma camada, a dos dependentes, que tinha seus direitos codificados nos atos do donatário, que exercia as funções de chefe militar, distribuidor de deveres e penas.

A família Amaral é a grande comandante de Santa Fé até a ascensão dos Terra-Cambará. “O estamento, quadro administrativo e estado maior de domínio, configura o governo de uma minoria. Poucos dirigem, controlam e infundem seus padrões de conduta a muitos”⁹⁹. Tal afirmação é contundente e representa os organismos governamentais do Brasil colônia, refletidos na posição ocupada por Ricardo Amaral no povoado de Santa Fé:

“De cima do cavalo informou-se sobre as colheitas, ouviu as queixas e resolveu duas ou três questões entre os moradores do rancho. Naquelas redondezas ele não era apenas comandante militar, mas também uma espécie de juiz de paz e conselheiro”.¹⁰⁰

A condição dos moradores da cidade acaba se moldando no plano dos ajustamentos pessoais, suscitados pela dinâmica das situações dominadas pelo estamento. Existe nas relações estabelecidas um estado de tensão que ganha legitimidade se conjugado às formas de solidariedade recíproca. A criação de Santa Fé acabou por se tornar um trunfo de dominação por parte de seus fundadores – os Amaral – que utilizavam o povo como exército para as guerras, além de exercer poder político sobre as pessoas que lá moravam e que pra lá iam buscando um lugar seguro das pilhagens castelhanas.

A descentralização que fora ocasionada pelas donatarias criou núcleos de autoridade social, porém, como já se disse, sem consolidação da autonomia política perante a Coroa. Dessa forma, formaram-se as oligarquias rurais que, submetidas a Portugal, adotaram o mesmo tipo de burocracia vigente do país colonizador. Formaram-se conselhos municipais,

⁹⁹ Cf. FAORO, Raymundo. *Os donos do poder*. Op. Cit.

¹⁰⁰ VERISSIMO, Érico. *O Continente*. Op. Cit. pp. 130

vigoroso instrumento utilizado pela Coroa para frear o poder oligarca e arrecadar tributos. Ensaia-se “nestes primeiros passos do enxerto americano da monarquia européia, o autoritário domínio da população, domínio abrandado com a domesticação dos naturais e dos portugueses extraviados e a amalgamação persuasiva debaixo da sombra da violência”¹⁰¹.

O fato de ser Ricardo Amaral um beneficiário de uma determinada quantidade de terras para que se instalasse e constituísse povoado já demonstra o caráter patrimonialista da concessão de sesmarias aos escolhidos de Portugal. Mais privilégio que virtude, os arrendatários eram verdadeiros protegidos daqueles que dispunham de terras para oferecer.

2.7 Bibiana Terra Cambará e a luta pela permanência da tradição

Como já foi exposto, na futura cidade de Santa Fé se estabelecerá a família de Ana Terra, nascendo ali outra figura feminina determinante no curso do romance: Bibiana Terra, que será a esposa do carismático capitão Rodrigo Cambará. Ao nascer a neta, Ana, que sabia da condição ingrata que a mulher era obrigada a aceitar por toda a vida, diz que gostaria de ser enterrada com a roca e a tesoura, que foram seus principais instrumentos de trabalho durante a vida (com os quais fazia tecidos e partos), para não passar às descendentes a sina desgastante de servir marido e filhos. Em uma das passagens de *O Continente*, Veríssimo escreve: “no inverno de 1806 Ana ajudou a trazer para o mundo seu segundo neto, uma menina que recebeu o nome de Bibiana, Ao ver-lhe o sexo, a avó resmungou: ‘mais uma escrava’”¹⁰².

¹⁰¹ FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder*, Op. Cit. p.166

¹⁰² VERÍSSIMO, Érico. *O Continente*. Op. Cit., p. 141.

É durante o desenvolvimento literário da personagem de Bibiana que o poderio fundamentado pela figura de Ricardo Amaral se depara com a figura do carismático Rodrigo Cambará. Ao chegar, o certo capitão Rodrigo conquista, mesmo que muitas vezes contra a vontade destes, a simpatia dos moradores. A rixa entre os Cambará e os Amaral, iniciada por causa do amor de Bibiana, percorrerá gerações, se transformando na disputa pelo poder político e econômico em Santa Fé. O capitão Rodrigo sintetiza a essência do gaúcho: o Continente de São Pedro proveio homens errantes, sem raízes e aventureiros, assim como ele e seu antepassado, o já aqui retratado Chico Rodrigues. Sobre a concepção que tinha Rodrigo acerca dos Amaral, escreve Veríssimo:

“Rodrigo sorriu. Lembrava-se que haviam lhe contado que naquelas muitas guerras, quando fazia recrutamento, Ricardo Amaral Neto preferia sempre tirar pais de família de seus lares e lavouras a desviar do trabalho de sua estância peões e escravos. Apesar de comandante dum corpo de cavalaria nunca fornecera uma única de suas vacas para alimentar os soldados, pois achava muito mais conveniente requisitar gado e cereais aos pequenos criadores e agricultores. Murmurava-se também que o Coronel Ricardo Amaral se valera mais de uma vez de sua autoridade militar para obrigar certos proprietários a lhe venderem suas terras a preços baixos”.¹⁰³

O poder dos Amaral e o carisma de Rodrigo começam a se contrapor e gerar a discórdia já nas primeiras páginas que contam a chegada do capitão a Santa Fé; e quando narrado o conflito, a traição de Bento Amaral deixa clara a negação da derrota por parte daquele que sempre esteve acostumado a mandar e dominar todos que ali eram implicitamente subordinados à sua família.

¹⁰³ VERÍSSIMO, Érico. *O Continente*. Op. Cit. p.196

Em certo episódio, depois do casamento de uma prima de segundo grau de Bibiana, houve festa e fandango: é nesse evento que acontece o episódio da traição de Bento Amaral após uma disputa entre ele e o Capitão Rodrigo por uma dança com Bibiana. Num duelo sem armas de fogo que lavaria a honra de ambos, Rodrigo leva vantagem, porém é surpreendido por um tiro nas costas (ofensa da qual o pai de Bento se envergonha pelo resto da vida, permitindo por conta disto, inclusive, a permanência de Rodrigo na cidade de Santa Fé), acertado por um dos capangas de Bento Amaral:

“Ouviru-se um tropel. Pedro, Juvenal e o padre precipitaram para o centro da praça, onde grupos de homens conversavam. Um cavaleiro surgiu na boca duma das ruas. - É o capitão – disse alguém.- Não é. O cavalo é o tordilho do Bento. Finalmente, cavalo e cavaleiro aproximaram-se. E todos viram que era mesmo Bento Amaral. Não apeou. Apertava contra a face um lenço todo ensangüentado. Quando falou, a voz lhe saiu abafada e trêmula.- Podem ir buscar o corpo... – disse (...).¹⁰⁴

A violência atravessa toda a estrutura social, inclusive as relações onde o lúdico se faz presente, como na citação acima, que evidencia que mais que o simples combate, o que realmente importa é a manutenção de prerrogativas de uma das partes (no caso, dos Amaral, ofendidos por um forasteiro dentro de seus limites senhoriais). Ainda sobre a questão da manutenção de prerrogativas, outra personagem também desafia o ego dos Amaral: a chegada de Aguinaldo Silva faz a contraposição entre a tradição e o capital. Inovando economicamente em Santa Fé, Silva traz a novidade dos empréstimos a juros e enriquece a custa destes. Consegue, por exemplo, adquirir em pagamento de dívida, as terras de Pedro Terra, um dos primeiros habitantes da Vila de Santa Fé. A manutenção da

¹⁰⁴ VERÍSSIMO, Érico. *O Continente*. Op. Cit, p. 218.

tradição e a indignação de Bibiana não têm limites e conduzem uma atitude do universo feminino criado por Veríssimo que é determinante no desenrolar dos fatos: Bibiana induz Bolívar, seu filho com o capitão Rodrigo, a casar-se com Luzia, neta de Aginaldo Silva. Sendo a moça única herdeira do velho, o controle das terras que fora de seu pai Pedro Terra, passaria às mãos de Bolívar, e a propriedade seria então, novamente dos Terra. Esse seria o início da passagem de dominados a dominantes da família Terra-Cambará.

“Foi então que Bibiana percebeu que também estava nervosa. (...) Seu segredo – um segredo tão grande que não tivera a coragem de contá-lo a ninguém, tão grande que às vezes tinha medo de comentá-lo consigo mesma – seu imenso segredo que se avolumava agora dentro do peito, apertando-lhe o coração e tornando-lhe custosas a respiração. Ninguém compreendia por que tinha ela aprovado o casamento do filho com a neta de Aginaldo Silva. Só ela sabia o motivo... (...) Sim, um dia Pedro Terra necessitara de recursos para plantar uma lavoura de linho e trigo (...) e por isso fora obrigado a pedir dinheiro emprestado a Aginaldo Silva, dando-lhe como garantia sua casa e o terreno da esquina. (...) Foi com dor no coração que Pedro abandonou sua casa, pois Aginaldo queria o terreno para construir um sobrado. Bibiana lembrava-se de que o único comentário que o pai fizera no dia em que se mudara para um rancho de barro, resumia-se em poucas palavras: ‘Ainda bem que a Arminda está morta’. E nunca mais falou no assunto. (...) Agora lá estava o Sobrado como um intruso em cima daquela terra querida. Era como se o casarão do pernambucano houvesse esmagado a casinha onde vivera Ana Terra e onde ela, Bibiana, noivara com o Capitão Rodrigo. Lá estavam ainda as árvores que Pedro ajudara a plantar com suas próprias mãos e amava quase tanto como a seus próprios filhos”. (...) Sentada na cama no quarto escuro, ela começou a pensar no Sobrado, nas suas árvores, em Luzia e em Bolívar. Tomar o Sobrado... Se Bolívar se casasse com Luzia, ele ficava sendo o dono do Sobrado. Ela, Bibiana,

iria viver no seu chão... Aguinaldo estava velho e não podia durar muito tempo...
(...) O Capitão Rodrigo naquela noite de 1836 correra armado de espada e pistola para a casa dos Amarais... Mas ela agora ia tomar o Sobrado completamente desarmada: levava apenas um guarda-sol na mão e aquele segredo no peito (...).¹⁰⁵

O conflito não se torna real, mas significa que, na intenção de Bibiana havia a vontade de restabelecer antigos laços tradicionais com a terra onde nasceu e fora criada através da união de seu filho com a neta daquele que teria tomado as terras de seu pai Pedro.

Licurgo, fruto do casamento que fora arranjado pela avó Bibiana, é aquele que eleva a família Terra-Cambará ao status de mais poderosa da cidade de Santa Fé. Os acontecimentos que levam a história a esse desenrolar são contados em “O Sobrado”, título de cinco capítulos de *O Continente*. Nestes, ao sair vitorioso do cerco dos maragatos (à custa de várias perdas, inclusive a da filha recém-nascida, Aurora), Licurgo passa a fazer frente ao poder dos descendentes do Coronel Ricardo Amaral, se tornando um grande líder político da cidade. Com base em seu poder econômico, tal condição faz com que os Amaral passem à condição de meros coadjuvantes nos volumes seguintes de *O Tempo e o Vento*. A partir de então, os Cambará passam a executar a dominação, como demonstra o trecho que segue, onde Veríssimo versa sobre a consciência de ser Licurgo um grande senhor de terras e vontades pessoais:

“Muitas vezes olhando os campos do Angico de cima do seu cavalo ou da porta da casa da estância, e pensando em que eram suas aquelas terras que iam muito além do ponto até onde a vista alcançava. Licurgo sentia inflar-se-lhe o peito numa sensação de orgulhoso contentamento. Isso às vezes chegava a tirar-lhe

¹⁰⁵ VERÍSSIMO, Érico. *O Continente*. Op. Cit., pp. 333-336.

o fôlego. Os meus campos, os meus peões, a minha cavallhada, o meu gado... O rapaz enchia a boca e o espírito com essas palavras e com o mundo de coisas em que elas implicavam”¹⁰⁶. (p.451)

2.8. A raça dos Caré

É fundamental aqui destacarmos a análise das relações entre os Terra-Cambará e os Caré, gente pobre que vive de favor na terra dos primeiros, onde a principal personagem é Ismália, a amante de Licurgo Cambará, enfatizando pela primeira vez em *O Continente*, a “raça dos Caré” por parte daqueles que estão num ponto superior da pirâmide social.

A diferenciação social no antigo Continente de São Pedro teve início entre os açorianos, pois nem todos continuavam a ser proprietários de suas terras. Quem não tinha nada de seu ficava a mercê da Coroa e dos senhores de terras, servindo basicamente de exército de reserva, tanto nas charqueadas e lavouras (suprindo a falta de escravos), como também como homens de linha de batalha. As camadas sociais presentes na colônia eram basicamente duas: a dos proprietários e a dos não proprietários, escravos e semi-livres. Essa expressão, a dos semi-livres, determina a parcela social a qual se aplica a dominação pessoal. A liberdade existe. Porém, é isenta de autonomia. Os vínculos com o senhor de terras existem e são muito fortes. Para sobreviver, o homem livre supõe a presença do estancieiro, ou seja, sempre existe, nesse tipo de relação, um senhor do qual depende o êxito do trabalho do agregado. Essa pobreza inicial abre espaço para tal estado de coisas, ou seja, para a dominação pessoal. A vida privada acabou se prolongando para dentro da vida pública, fazendo da dominação pessoal um caráter inerente da sociedade brasileira.

¹⁰⁶ VERÍSSIMO, Érico. *O Tempo e o Vento – O Continente*. Op. Cit., p.451

Os senhores, ao executarem e se aproveitarem de seu desmedido poder, fazem de seus lavradores meros instrumentos de sua vontade: “Como não fazem contratos, logo que tornam um terreno produtivo, o senhor de engenho tem o direito de expulsá-los sem indenização. A face interna do engenho, longe de ser feudal, tem, não obstante, caráter de exploração proprietária (...)”¹⁰⁷.

Ao devorar terras e submeter homens, há a exploração tirânica, submetendo até mesmo aqueles que, de alguma forma, relutam. Tais moradores, como os Caré, são em sua maioria mestiços, negros libertos e índios, cuja condição de assalariado não faz com que a situação seja muito diferente daqueles que são escravos.¹⁰⁸

Num trecho anterior ao capítulo “Ana Terra”, em um dos cantos escritos por Érico Veríssimo em itálico, já se enunciava o caráter pária da família Caré:

“João Caré anda sozinho, de pés no chão, quase nu, mal tapando as vergonhas com um chiripá esfarrapado. No inverno, quando o minuano sopra, ele cava na terra uma cova e se deita dentro dela. Quando a fome aperta e não há nada de comer, João Caré mastiga raízes, para enganar o estômago. E quando o desejo de mulher é muito, ele se estende de bruços no chão e refocila na terra. Pobre não se casa, se junta. João Caré um dia se junta com uma china. Fazem rancho de barro com cobertura de capim. E começam a ter filhos. A única coisa que plantam na terra que não lhes pertence são os filhos que morrem. Os que sobrevivem, se criam com a graça de Deus. Um dia vem um homem a cavalo e grita: Quem te deu licença para fazer casa nesses campos? Ninguém. Esta terra é muito minha, tendo sesmaria d’el

¹⁰⁷ TOLLENARE, L. F. *Notas dominicais*. Salvador: Progresso, 1953, p.93 in FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder*, Op. Cit. p.242.

¹⁰⁸ Diz Maria Sylvia de Carvalho Franco que “o que diferencia a tradição do costume, do uso e do hábito, e faz com que se possa constituir como um princípio essencial de regulamentação do comportamento em certos tipos de organização social, é que implica em um julgamento de valor sobre o elemento transmitido, na crença seu caráter sagrado inquebrantável (...) Apenas nesses termos é que se pode reconhecer na tradição a força para cristalizar e fazer um código realmente uniformizador da conduta, pela firme adesão das consciências às suas prescrições FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*, Op. Cit. p.61.

rei. Toca daqui pra fora! João Caré junta os trapos, a mulher, os filhos e se vai.
(...)Por essa e por outras foi que a raça dos Carés continuou”.¹⁰⁹

Os Caré recebem destaque em “Ismália Caré”, mas praticamente desaparecem dos outros volumes de *O Tempo e o Vento*, que se ocupam em contar a ascensão da família Terra-Cambará. Vivendo em condição de subordinação e freqüentemente recrutados para as batalhas ocorridas no Continente, consideravam os tempos de guerra, tempos de honra. O personagem de Chiru Caré preferia guerrear, pois “na paz vivia como bicho. Na guerra, era um homem”¹¹⁰.

2.9. Ismália Caré

O texto que insere a importância de Ismália Caré em *O Tempo e o Vento* é peculiar e de grande valor analítico no estudo aqui proposto. O capítulo que leva seu nome pouco fala da moça, servindo principalmente para atestar os feitos de seu amante, Licurgo Cambará, como homem de grande influência da cidade. E faz sentido, pois, toda a atmosfera descritiva do texto parece ter a intenção de mostrar a verdadeira condição de Ismália, que ocupa um lugar importante na vida de Licurgo, mas, porém, fica escondida durante o percurso que conta sua história.

É certo que Ismália faz parte da vida de Licurgo, mas o mesmo não se pode afirmar ao final do capítulo com relação aos sentimentos da moça. Ismália é mais subalterna que amante, e se deixa levar como se aquele fosse seu destino, mas também sem saber ao certo

¹⁰⁹ VERÍSSIMO, Érico. *O Tempo e o Vento – O Continente*. Op. Cit. pp. 146-149.

¹¹⁰ Idem, pp. 419

se a situação condizia com o seu querer, a sua vontade. O que ela tem certeza é de que Licurgo é seu senhor.

Licurgo é senhor também do capítulo em questão, onde acontecimentos importantes se realizam para a história contada por Veríssimo; o posicionamento de Licurgo como republicano em contraposição ao monarquismo dos Amaral (que, como já foi dito, constituem a linhagem fundadora da cidade de Santa Fé, e que, em *O Continente*, não se conforma com a ascensão dos Terra-Cambará provocando inúmeras rusgas entre as duas famílias), o jornal que funda com o amigo baiano Toríbio Resende, e a aquela que seria sua grande noite, na qual ele, Licurgo, num rompante que ele mesmo denomina como sendo de intensa bondade e generosidade¹¹¹, alforriaria mais de trinta escravos numa cerimônia realizada em sua casa - o Sobrado - alguns anos antes da abolição da escravatura.

Ismália Caré se faz presente mais no pensamento de Licurgo Cambará que nas cenas que permeiam o texto. Mantém-se invisível e subjugada à figura de seu amante, assim como realmente se faz sua condição. Sua subordinação recai na alienação de sua vontade, podendo se traçar, então, um paralelo com a questão de dominação pessoal. Tal conceito se incorpora à situação de Ismália, descendente da raça dos Caré, daqueles errantes mestiços que nada acumularam durante a vida, vivendo sempre à mercê de outrem cedendo ao seu “senhor” sempre que ele deseja, permanecendo no papel da concubina que Licurgo nunca assume. Ao mesmo tempo, Ismália goza de alguns privilégios, como ser levada à casa de Licurgo por seu próprio coche, dando a impressão ilusória de que o futuro senhor de Santa Fé considera Ismália como um indivíduo socialmente semelhante a ele. A ilusão de ser integrada à sociedade aniquila o querer autônomo de Ismália, o que denuncia, acima de tudo, o caráter violento do fenômeno da dominação pessoal.

¹¹¹ FAORO, Raymundo. *Os donos do poder*, Op. Cit, p. 498.

O que o capítulo que leva o título de Ismália Caré nos traz de mais contraditório é o fato de o texto, em sua maior parte discursar sobre o grande feito de Licurgo Cambará em abolir seus escravos, dando a entender que um novo tempo começava a se instaurar em Santa Fé: o lugar para a República estava de certa forma, sendo preparado. Mas é no mesmo capítulo que se mostra a figura dominada e submissa de Ismália Caré, simbolizando que Licurgo poderia se desprender de todos os escravos, menos de uma: era incapaz de viver sem Ismália.

Podemos dizer que a subordinação de Ismália termina por alienar a sua vontade perante seu amante e senhor Licurgo Cambará. Ela se entrega, mas não sabemos ao certo se é porque quer ou porque acha melhor que assim seja, eliminando qualquer resquício de autonomia da pessoa de Ismália¹¹². A forma do início do relacionamento de Licurgo e Ismália Caré é narrada de forma que dá entender se tratar de um estupro consentido:

“E certa manhã, após longo assédio, muitos negaceios e engodos, conseguira levá-la para o mato. Nos últimos momentos, porém, tivera que pegá-la a força , e desses minutos agitados e resfolegantes de luta corporal lhe haviam ficado lembranças meio confusas e perturbadoras: o desejo que, exarcebado pela longa espera e pela resistência de Ismália, se havia transformado numa fúria quase homicida; os gritos da chinoca, primeiro de protesto e finalmente de dor; os guinchos dos bugios que, empoleirados na árvores e excitados pela cena, haviam rompido numa gritaria endoidecedora”.¹¹³

¹¹² Maria Silvia de Carvalho Franco desenvolve a idéia de que “o fabricar de lealdades e fidelidades através de um processo de recíprocos encargos e favores promovia, sucessivamente, a eliminação completa da possibilidade de um existir autônomo”FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. Op. Cit, p. 91.

¹¹³ VERÍSSIMO, Érico. *O Tempo e o Vento – O Continente*. Op. Cit, p. 508.

Licurgo, que desejava a moça há tempos, a pega a força. Ismália reage, mas acaba consentindo o ato, num misto de submissão física e moral. A moça procura Licurgo depois, mas essa atitude só reforça a idéia de que ela sabia que deveria servir a seu senhor, que aquela era a única maneira de se viver a partir de então, o que fica claro nas observações de Licurgo sobre Ismália. É sensível que, diferente de outras passagens de *O Tempo e o Vento*, onde Érico Veríssimo conta as aventuras dos Cambarás com as mulheres do Angico, Ismália reagiu. Esse é um ponto que chama atenção no relato deste “encontro”. Ismália se deixa levar pelas circunstâncias, ou seja, pela força moral e física do dono do Angico, que por sua vez, não consegue fazer daquela uma aventura efêmera: ele manterá Ismália como amante (situação irônica, pois é ela de fato a sua companheira na história) até o fim de sua vida¹¹⁴.

Licurgo costumava dizer que era fácil ficar perto de Ismália, porque ela nada falava e nada pedia: “Infelizmente tinha que voltar para a festa, pois no Sobrado já deviam estar estranhando sua ausência. Não sentia, porém, o menor desejo de erguer-se. Era boa a presença daquela criatura, bom o calor do seu corpo, o contato da sua carne. Ismália não pedia nada, não perguntava nada. Era fácil estar do lado dela”¹¹⁵.

No capítulo, o sentimento de Cambará por Ismália é incontrolável. Ele a deseja, de forma não ficar claro se o significado daquilo é amor ou simples sentimento de posse absoluta, a possibilidade de dispor da vida de alguém poderia ser-lhe mais excitante que o sentimento do amor, o que seria natural para um homem que foi criado para ser dono de tudo. É o neto do capitão Rodrigo, neto querido de Bibiana, para quem a velha fez todos os

¹¹⁴ Tal situação fora analisada em um artigo intitulado “Dominação pessoal, poder, força, vigor, autoridade e violência: uma análise sociológica de *O Tempo e o Vento* sob as luzes de Max Weber, Hannah Arendt, Sérgio Buarque de Holanda, Maria Sylvia de Carvalho Franco e Raymundo Faoro”, apresentado na VI semana de Pós-Graduação em Sociologia, realizada na UNESP – Araraquara, em 05.11.2007, num simpósio orientado pelo Prof. Dr. Carlos Gileno.

¹¹⁵ VERÍSSIMO, Érico. *O tempo e o Vento – O Continente*. Op. Cit, p. 575.

esforços e que nasceu para vencer. Ora, Licurgo tudo podia em Santa Fé, e a mulher mais bonita de sua fazenda devia lhe pertencer sem ressalvas.

Na hierarquia social de Santa Fé, a família Caré significa menos perante a família dos Terra-Cambará, e isso se fez historicamente; enquanto os Terra-Cambará emergiram na sociedade através do pulso forte e calculista de Bibiana, a raça dos Caré, a mestiça e errante raça dos Caré mostra um histórico de submissão àqueles que deixassem que eles usassem uma parte da terra para viver. Sua condição e sua vontade estavam condicionadas às vontades do senhor. O senhor agora era Licurgo e Ismália sabia o que isso significava.

2.10. Licurgo e a ascensão dos Terra-Cambará

O patrimonialismo vai se moldando às mudanças que a fictícia cidade de Santa Fé enfrenta, porém isso não influi na diminuição de influência ou dominação por parte das famílias, que são o estamento político da cidade onde este representa o aparelhamento e governa em proveito próprio, onde não impera a burocracia que administraria o Estado contemporâneo, mas sim o estamento político.

Se, as famílias Terra-Cambará e Amaral passam a se contrapor também no ideário político, onde os primeiros são Republicanos e os outros Conservadores, as facções eram, constituídas à semelhança das famílias. Tal fato é passível de observação *O Continente*, onde os subordinados estão sempre ao lado de seus respectivos patrões, num processo de alienação de suas próprias vontades.

Santa Fé, que nasceu rural, leva para a Santa Fé que aos poucos se urbanizava, os moldes patriarcais criados pelo senhorio rural. As raízes de tal disputa já tinham sido fincadas com a origem da família Cambará em Santa Fé, no episódio em que o capitão

Rodrigo e Bento Amaral rivalizam pelo amor de Bibiana. Nesse sentido, ressalta-se um importante momento, quando da morte do pai de Licurgo, assassinado pela milícia pessoal dos Amaral. Estes se prevalecem da autoridade sem limites na cidade de Santa Fé para cercar o Sobrado através de uma medida profilática contra o cólera. Bolívar e a esposa Luzia tinham visitado Porto Alegre, foco da doença, e por esse motivo as autoridades decidiram cercar a maior construção da cidade, isolando também seus moradores. Indignado e influenciado por rixas familiares antigas, Bolívar quebra o cerco imposto e acaba assassinado por um dos capangas de Bento Amaral. Em nome da manutenção de prerrogativas, Bolívar, grande proprietário, e Bento, pertencente à linhagem fundadora da cidade, não admitem a quebra das mesmas.

Aprofundando a análise, saberemos que os Cambará não são nobres, lugar ocupado pelos Amaral, que representam a família que recebeu terras da Coroa. Ao ser agraciado com sesmarias, o latifundiário ganhava status aristocrático, numa simbiose com a nobreza de linhagem, passando a comandar a vida local. Os Terra-Cambará são, portanto, uma família que fincou seu lugar na cidade de Santa Fé através do fato de representar uma das linhagens fundadoras, pioneiros chegados por intermédio de Ana Terra e que, através do capital de Aguinaldo Silva e da figura preponderante e distintiva do Sobrado, garantiram lugar de destaque na sociedade de santafezense. O Sobrado significava poder, abalando o ego dos Amaral quando um cronista recém chegado a cidade enaltece as características do prédio:

“Mas trazia ela (a crônica)¹¹⁶ um espinho escondido e inesperado: o artigo intitulado ‘residências de Santa Fé’. (...) essa página, traçada com sinceridade e sem a menor intenção de ofender ou criticar quem quer que fosse, desgostara e irritara o Coronel Bento Amaral. Ocupava-se o infeliz ensaio do sobrado que um tal

¹¹⁶ Parênteses meu.

Aguinaldo Silva mandara construir em Santa Fé. (...) O artigo terminava com um parágrafo que por assim dizer constituía a ponta do traiçoeiro espinho: ‘Assim pois seria o sobrado do Sr. Aguinaldo Silva um solar digno de hospedar até Sua Majestade D. Pedro II, caso o nosso querido Imperador nos desse a altíssima honra de visitar Santa Fé’”.¹¹⁷

Licurgo herda do avô Aguinaldo Silva, além do imponente Sobrado, uma grande extensão de terras, que se simboliza pelo Angico. Lá vivem duas personagens importantes para a análise da questão da dominação pessoal: Ismália, personagem que já fora analisada no presente trabalho e o peão Fandango, com quem Licurgo tem uma relação de respeito e intimidade que demonstra bem a questão da dominação pessoal, fincada em laços de proximidade e amizade:

“Para Licurgo, Fandango era uma espécie de oráculo – o homem que tudo sabe e tudo pode. Um peão era um peão, uma pessoa que hoje podia estar aqui e amanhã na estrada ou no galpão de outro estancieiro. Mas com Fandango a coisa era completamente diferente. O velho se achava mais preso às terras do Angico do que aquelas árvores que tinham raízes profundas no chão. Desde que nascera Curgo se habituara a ver o capataz ali na estância, como elemento mesmo da paisagem. Era inconcebível o Angico sem Fandango ou Fandango sem Angico”.¹¹⁸

Fandango é um subordinado de Licurgo, porém é considerado por esse como seu melhor amigo. A violência que tal dominação significa é amaciada pelos laços de amizade que se estabelecem entre Fandango e a família Terra-Cambará. A personagem do peão percorre os três tomos do romance, e quando morre, é enterrada nas terras do Angico, da

¹¹⁷ VERÍSSIMO, Érico. *O Continente*. Op. Cit, pp.301-302.

¹¹⁸ Idem. p.445

mesma forma que o patrão e senhor Licurgo, sepultado ao seu lado depois de sucumbir a uma batalha. A hierarquia existe: Licurgo, apesar de toda intimidade estabelecida para com Fandango, é chamado de senhor por este. Porém, tal proximidade, como a já retratada aqui, dos corpos serem enterrados no mesmo lugar, ofuscam a dominação exercida, conferindo a dominador status de benfeitor e também de proximidade social entre as partes. A aparência de ausência de distância social se define pelo princípio de dominação social.¹¹⁹

Licurgo é ainda garoto quando toma as rédeas dos negócios e recebe todo o respeito e dedicação dos empregados, o que apenas pode se explicar devido ao seu poder econômico, ao fato dele ser o dono do Sobrado, subordinando as vontades daqueles que o serviam.

Licurgo vai se tornando aos poucos, uma das maiores autoridades em Santa Fé, formando “uma comunidade – patronato, parceria, oligarquia, como quer que a denomine a censura pública, manda, governa, dirige, orienta, determinando, não apenas formalmente, o curso da economia e as expressões da sociedade, sociedade tolhida, impedida, amordaçada”¹²⁰. Virtuoso, o neto de Bibiana vai conquistando o poder através de sua influência econômica, sendo que seu maior sonho era ter mais terras que os Amaral. A frase “tudo o que pedem, tem de Licurgo”¹²¹, caracteriza bem a dominação pessoal exercida por ele a partir da herança das terras de sua mãe, Luzia: dando todo tipo de assistência ao povo de Santa Fé, Licurgo garantia seu patriciado e seus excessos seriam facilmente relevados, pois favor e proteção se configuram como moedas de troca pelos serviços que se prestam por ambas as partes (estancieiro e agregado). A reciprocidade de deveres dá origem a interdependência. O agregado ou aquele que recebe do estancieiro a devida assistência é

¹¹⁹ FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. Op. Cit. p.84.

¹²⁰ FAORO, Raymundo. *Os donos do poder*. Op. Cit, p.

¹²¹ VERÍSSIMO, Érico. *O Continente*. Op. Cit, p. 490.

reconhecido como pessoa, que, reconhecendo o benefício recebido retribui com lealdade e gratidão, muito embora seu poder de critério, arbítrio e juízo estivessem excluídos. Nesse sentido, a admissão do dependente como pessoa é fundamental: a ordem aniquila seus predicados de ser humano no momento que ele aceita a autoridade do outro, que para este é boa. A harmonia aparente oculta as tensões, alienando os dominados, reduzindo-os à inércia; porém, sem a marca de violência que se exercia, por exemplo, sobre o escravo. O mundo do dominado é formalmente livre. Esse processo anula a possibilidade de autoconsciência, domesticando a criatura dominada sendo para esta o destino é imóvel e conformado.

Responsável por elevar a família Cambará ao status de mais poderosa da cidade de Santa Fé, Licurgo demonstra sua capacidade de proteger e a rede de súditos que constitui ao prestar favores aos mais diversos grupos de desprovidos da cidade (imigrantes, agregados, profissionais livres), fomenta-se com o fato de ser Licurgo um grande proprietário e senhor absoluto do Sobrado. Seu patrimônio também é constituído pela vontade daqueles que o servem - vontade alienada através da forma de poder caracterizada pelo patriarcalismo -, que será elevada ao ponto máximo nas ações de seu filho, Rodrigo Terra Cambará, o primeiro filho da cidade a se formar doutor e futuro intendente de Santa Fé, cujo idealismo de fazer da cidade natal moderna, mais justa e funcional ofusca sua vaidade e egoísmo, que modelam a forma personalista de poder, como se analisará no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3 – O RETRATO DO PATRIARCA

3.1 – A importância do pai

Parada obrigatória de visitantes e forasteiros, o Retrato, obra de arte pintada por Don Pepe é por ele considerada a grande obra de sua vida tamanha semelhança entre a reprodução e a figura de Rodrigo Terra Cambará. Herdeiro da beleza e intrepidez do bisavô Rodrigo Cambará e da vaidade da avó Luzia, o modelo d' *O Retrato* se constitui como a principal personagem do segundo volume de *O Tempo e o Vento*. É a partir de sua figura que Érico Veríssimo mostrará o Rio Grande tradicional que se transforma naquele que se moderniza e urbaniza, desembocando no último ato do romance (“Reunião de Família”), que tem como cenário o fim do Estado Novo em 1945.

O caráter personalista da formação social brasileira encontra sua forma metafórica na figura do protagonista proposta por Érico Veríssimo. Uma vez retomada a personagem de Rodrigo no romance, (quando o filho de Licurgo retorna a Santa Fé com seu diploma de médico trazido de Porto Alegre), chegam com o primeiro doutor santafezense novas idéias, novas tendências e o grande intuito de tornar a cidade que sua trisavó Ana Terra ajudou a fundar mais moderna e mais justa. Tal ímpeto empreendedor tinha como tutores a grande fortuna acumulada por sua família, assim como o prestígio social adquirido pela figura política de seu pai, Licurgo, através dos anos e, sobretudo pelo episódio do cerco ao Sobrado em 1895.

A segunda parte de *O Tempo e o Vento* é norteadada por esta personagem imortalizada na obra composta por Don Pepe. *O Retrato* representa a imagem daquele que passaria ser o dono de Santa Fé: o provedor e o benfeitor; o chefe político e pai dos necessitados; o

médico e o patriarca; mulherengo e sem limites. Através de sua rede de influências, Rodrigo é, ao mesmo tempo, prestigiado, temido, reverenciado e odiado em Santa Fé. Seu carisma pessoal envolve muitos núcleos, configurando uma rede translúcida de dominação e alienação de vontades alheias.

O contexto histórico em que Érico Veríssimo constrói a personagem de Rodrigo Terra Cambará é determinante no processo que se delineia através das ações da personagem. Publicado em 1951, *O Retrato* faz uma alusão às formas patriarcalistas de poder, sobretudo se pensarmos na determinante inspiração que fora a figura de Getúlio Vargas. As primeiras páginas de *O Retrato* fazem alusão ao fim do Estado Novo e o retorno de Rodrigo a cidade de Santa Fé, adoecido e prestes a morrer. Logo do início de *O Retrato*, em um dos atos descritos, um comerciante atira ao chão um retrato emoldurado de Vargas e é apoiado por muitos dos fregueses presentes no estabelecimento. Outros contestam o ato, defendendo o retorno do “velho caudilho” ao poder. A figura de Rodrigo também se configura inserida em tais antagonismos: para alguns, era a figura do pai que tudo provinha, para outros, o algoz que não encontrava limites na aplicação de seu poder. A figura de Rodrigo Terra Cambará alegoriza a idéia de que nossa sociedade necessita de um pai; o pai que manda, protege, provém e pune se assim acha conveniente.

Como já se enunciou outrora, a presença do Estado centralizador português na formação colonizada de nosso *ethos* identitário acostumou o povo a obedecer e responder à tutela de um líder tradicionalmente aceito e respeitado que encabeça um estamento político que concentra poderes e aliena vontades daqueles que se encontram na condição de protegidos destes. Pertencente a tal estrato da sociedade santafezense (o estamento político), Rodrigo Cambará amplia sua rede de poder e dominação ao se tornar deputado e figurão do Estado Novo, pertencendo à cúpula de Getúlio Vargas e trocando o Rio Grande

do Sul pelo Rio de Janeiro logo após a Revolução de 1930, num processo que dá origem a desfragmentação de sua família, assim como representa a dissolução da imagem do Rio Grande rural na capital Porto Alegre que se moderniza.

O emblema que constituem para Santa Fé e para o Brasil, sucessivamente o Retrato de Rodrigo Cambará em seu Sobrado, assim como a imagem de Getúlio como “pai dos pobres” reverenciada nos mais diversos estabelecimentos, são importantes alegorias da fundamentação do poder personalista (nos âmbitos municipal ou nacional) fincados na tradição política brasileira. Com base em tal figura, (a de Rodrigo Terra-Cambará) é que se analisará no segundo capítulo da presente dissertação a aplicação da dominação pessoal, baseados nos caracteres do patriarcalismo e patrimonialismo exercidos na cidade de Santa Fé do início do século XX.

3.2 O Sobrado como topo do mundo

Os Terra-Cambará construíram ao longo da história da cidade de Santa Fé, através dos fundadores como Ana e Pedro Terra e da perspicácia de Bibiana, prestígio social e fortuna que resultaram em uma influência determinante nos caminhos da cidade. Assim, Rodrigo, que vira seu pai Licurgo sair vitorioso e com status de líder logo após ao incidente do cerco ao Sobrado em 1895, pensava habitar o lugar mais privilegiado do mundo:

“- Quando era menino (...), pensava que este era o ponto culminante do mundo. Não concebia que pudesse haver casa mais alta que o Sobrado.

- Mas há?

Rodrigo voltou-se e sorriu:

- Tens razão, não há (...).”¹²²

A visão que o herdeiro do Coronel Licurgo Cambará tinha era a superficial, a mesma que terá seu filho Eduardo ao sobrevoar Santa Fé com seu avião em 1945. Olhando a cidade que sua família ajudou a criar e se estabelecer através de um plano superior (o do aviador), o filho mais novo de Rodrigo Cambará, ao mesmo tempo em que defende a distribuição das terras que compõem o latifúndio dos grandes proprietários de Santa Fé, não deixa de apresentar uma idéia superficial da condição dos desvalidos. Acreditava que os Carés teriam sua vez através da desfeudalização de Santa Fé a partir de um movimento político que se enquadrasse aos moldes do socialismo, vertente ideológica da qual diz fazer parte.

Voar é justamente a metáfora que mostra que a burguesia representada em *O Retrato* pelos descendentes de Licurgo Cambará acaba por não ter uma apreensão real dos grandes problemas das classes que subjuga. A visão que se tem do céu é a visão que as classes superiores têm dos mais pobres, que ao dominar, se esquecem ou não apreendem a dimensão da dominação pessoal por elas exercida.

Tanto Rodrigo Terra-Cambará quanto seu filho Eduardo tinham aspirações de vanguarda que resolveriam o problema de Santa Fé. Influenciado pelo Iluminismo, o primeiro doutor de Santa Fé pensava ter a capacidade de aliar o poder econômico às idéias ilustradas como uma resolução para os principais problemas da cidade. Eduardo pensava que, ao atuar na causa comunista, negando sua origem e, renegando e desafiando agressivamente o pai, poderia ajudar a solucionar um conjunto de problemas estruturais de origem antiga e tradicional. Porém, ambos, pai e filho, estão localizados em uma posição privilegiada da sociedade. Ao saber pilotar um avião e mais, possuí-lo, Eduardo justifica a

¹²² VERÍSSIMO, Érico. *O Retrato*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980, p.88.

habilidade como sendo importante “para a causa comunista”, afinal o Partido poderia em algum momento, precisar de um bom piloto que servisse em alguma missão revolucionária.

Ao dizer que voar “é mau, porque nos dá uma perspectiva errada das pessoas e dos fatos sociais, levando-nos a considerar mais as coisas limpas dos céus do que as coisas podres da Terra” e se questionar se é “por olhar o mundo dum ângulo tão remoto que o velho Deus perdeu por completo o senso de proporção e de justiça?”¹²³, conclui-se que Eduardo, mesmo que metaforicamente, vê o mundo assim como seu pai: do topo. Sabe que a visão que se tem “de cima” não é das mais claras, mas mesmo assim, não abandona a sua paixão pela aviação, pensando que ela um dia poderia servir a favor daqueles que mais precisam. Da mesma forma se configura a visão de seu pai Rodrigo: ao exercer através do prestígio econômico e social a dominação daqueles que são agregados na rede de favores e proteção, não se tem uma noção precisa da violência que é conferida a tal tipo de relação social, a da dominação pessoal.

3.3. Como o galo Chantecler

A alegoria que Érico Veríssimo usa para caracterizar Rodrigo Terra-Cambará também é a que intitula um dos mais longos e importantes capítulos de *O Retrato*. Alegoria retirada diretamente da famosa peça francesa, o galo que pensava ser o grande responsável pelo alvorecer do dia – Chantecler – é a própria personificação de Rodrigo. Tal qual o protagonista do segundo volume de *O Tempo e o Vento*, Chantecler é vaidoso e amante do poder; é o rei despótico do terreiro, aquele que submete todos os outros e que faz valer sua vontade.

¹²³ VERÍSSIMO, Érico. *O Retrato*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980, p.14.

Ao chegar a Santa Fé, médico e letrado, muito embora seu ímpeto primeiro fosse usar o ofício em prol da população de sua cidade, tal idéia era concebida a partir da consciência que tinha Rodrigo de ser ele, além de herdeiro de um dos mais tradicionais clãs da cidade – os Cambará – inteligente, fino e bonito como aquela gente jamais havia visto. Suas casacas e sapatos trazidos da capital davam-no um ar de elegância pouco comum naquela cidade interiorana e predominantemente rural; as caixas com produtos importados diretamente da França levavam para o Sobrado sabores completamente desconhecidos daqueles que o freqüentavam costumeiramente. A idéia de Rodrigo é propriamente daquele que olha a população santafezense de cima, daquele que se incumbe de benfeitorias por se considerar num patamar superior àqueles que ele deveria tutelar – ascensão que além de econômica, também vem a ser intelectual e moral.

Tal ascendência encontrava ressonância na idéia que a bisavó Bibiana ajudou a construir de seu bisavô, o lendário Rodrigo Cambará, que, conhecido por defender os fracos e oprimidos, tinha se constituído para o segundo Rodrigo, como um grande exemplo de homem, justo e guerreiro. Inspirado na imagem do ancestral, o doutor passa a sustentar a idéia de usar o diploma de médico da mesma forma que o primeiro Rodrigo havia usado sua espada: em nome de uma sociedade mais justa:

“Era o primeiro Cambará letrado na história da família, o primeiro a vestir um smoking e a ler e a falar francês (e agora uma imagem maravilhosa lhe ocorria) e podia, ou melhor, devia usar esse diploma como o Capitão Cambará usara sua espada: na defesa dos fracos e oprimidos”.¹²⁴

Assim como no caso do galo da peça teatral francesa, a vaidade é marca evidente da personalidade de Rodrigo Terra-Cambará. A idéia de ser reconhecido e amado pelo povo de

¹²⁴ VERÍSSIMO, Érico. *O Retrato*. Op. Cit. p. 52.

Santa Fé, a massagem de seu ego materializada na devoção do povo ao agradecer o auxílio por ele prestado, fazendo de sua pessoa respeitada e bem quista é o que impulsiona o herdeiro do Sobrado em todos os seus atos. Ser querido, ser amado, reconhecido e por consequência, respeitado e obedecido era o que almejava Rodrigo. Sua vaidade chegava ao limite de, em seu íntimo, não permitir que alguém fosse mais ou tão bonito quanto ele:

“Ao ver o amigo, Marco largou o saco de pão e parou no meio da calçada. Tinha os cabelos, o rosto e a roupa manchados de farinha. As calças de riscado estavam arregaçadas até meia canela. Seus grandes pés rosados e encardidos achavam-se plantados no chão, dando uma impressão de equilíbrio e solidez. Mais uma vez, a beleza física daquele colono produziu em Rodrigo um cordial sentimento de inveja. Chegava a achar quase ofensivo que um diabo daqueles, nascido em Garibaldina, duma família de imigrantes, pudesse ser um tão belo espécime humano. Parecia mais um ator caracterizado para representar o papel de colono do que um colono autêntico”.¹²⁵

Marco Lunardi, o colono citado no trecho acima, é uma das personagens auxiliadas financeiramente por Rodrigo. Imigrante e mestre na arte de fazer massas, foi financiado pelo Cambará quando abriu sua própria fábrica de pastifícios, integrando a partir de então, a rede de influências de Rodrigo, não contestando seu poder e apoiando-o em suas decisões.

Ao auxiliar tantas pessoas por meio de empréstimos ou doações, ao prestar assistência médica sem nada cobrar, a aura de Rodrigo foi sendo construída como a de um grande benfeitor, aquele que não faz distinção entre ricos e pobres, estrangeiros ou patrícios, negros ou brancos. Seu próprio discurso deixa transparecer igualdade entre ele, senhor do Sobrado e a população por ele assistida, configurando mais uma vez o

¹²⁵ VERÍSSIMO, Érico. *O Retrato*. Op. Cit. p. 304.

amaciamento de relações que se caracterizam pela dominação pessoal. Como Marco Lunardi, todos os outros auxiliados nesse processo de favorecimento passam então, a fazer parte do seu exército de súditos.

A ilusão da proximidade social fica evidente quando as personagens que freqüentam assiduamente o Sobrado discursam sobre o que podemos analisar como “democracia santafezense”, onde negros, mestiços e europeus que formariam, juntos, uma cidade híbrida, e que conviveriam sem discriminação:

“Os títulos de nobreza, porém, pareciam não impressionar muito aquelas gentes. Já se afirmara num artigo d’a Voz, *que nossa Santa Fé é uma cidade verdadeiramente democrática, pois aqui não existem preconceitos de raça, de classe ou de dinheiro; o que vale para nós é a qualidade pessoal do indivíduo.*

Será mesmo? - perguntava-se muitas vezes Rodrigo Cambará a si mesmo. Um dia chegara a discutir o assunto com o juiz da comarca, o Dr. Eurípides Gonzaga. Que tipo de preconceito regia a sociedade de Santa Fé? Seriam os preconceitos de raça? O juiz sacudira a cabeça negativamente. Não. Ali nunca se perguntara a ninguém pelos avós, se tinham sido negos, pardos ou brancos”.¹²⁶

Rodrigo é um dos que encabeçam a defesa de que não existe distanciamento social na cidade, embora ele mesmo ressalte que certos domínios de Santa Fé eram restritos aos mais abastados e tradicionais cidadãos. Havia, sim, lugares em que as pessoas não se misturavam; seria o caso do tradicional Clube Comercial. De certa forma, tal realidade confortava o doutor que, apesar de ladeado de reflexões baseadas no ideário iluminista, sentia-se profundamente constrangido em ter que repartir os espaços da cidade com os mais pobres:

¹²⁶ VERÍSSIMO, Érico. *O Retrato*. Op. Cit. p. 122.

“Tinha, porém a intuição de que havia ali várias camadas que não se misturavam. Aquelas pessoas não se encontravam num continente; eram antes, moradores de um arquipélago. Lá estava a importante ilha dos estancieiros, comerciantes e pessoas ‘gradas’ da localidade. Havia as pequenas ilhas de funcionários públicos e empregadinhos do comércio. Certo, os habitantes de uma ilha às vezes se aventuravam em excursões pelas outras ilhas vizinhas, mas mesmo essas viagens ocasionais obedeciam a certas regras”.¹²⁷

Rodrigo é um representante da aristocracia brasileira que, apesar da educação fundamentada em preceitos iluministas, não consegue demonstrar a superação da herança colonial que se evidencia em certos momentos, como por exemplo, quando o doutor contesta a existência do voto de cabresto. Como se atesta no próprio texto de Veríssimo, Rodrigo Terra Cambará não deixa de ter a sua camarilha que elege os candidatos por ele indicados; ou seja, o protagonista de *O Retrato* age da mesma forma quando se diz respeito a sua esfera de poder. Da mesma forma, o doutor Cambará contesta o senhorio de terras e quase se esquece que faz parte desse estrato tão privilegiado da sociedade brasileira:

“- Ali estão dois representantes do clã pastoril, os senhores de terras e gados, muitos deles descendentes dos primeiros sesmeiros...

- Dois senhores feudais – acrescentou Rodrigo, lembrando-se em tempo que ele próprio pertencia àquela ‘nobreza rural’.

- São eles que fazem os intendentess, delegados, deputados, senadores, presidentes do Estado – continuou Jairo, entusiasmado. – Em suma: é a

¹²⁷ VERÍSSIMO, Érico. *O Retrato*. Op. Cit. p. 124.

classe que governa. Ao redor dela, vive, ou melhor, vegeta a massa dos servos da terra...¹²⁸

Ao dizer que em volta dos seus senhores vivem, ou melhor, vegetam os servos da terra, Coronel Jairo especifica a classe que é vítima da dominação pessoal: o vegetar significa não agir com relação às próprias aspirações ou vontades, determinadas por quem se localiza como proprietário não só de terras, mas também do livre arbítrio de tais pessoas.

Rodrigo conquista várias coisas através de seu poderio econômico e social. E, apesar de contestar as mais diversas formas tradicionais de execução do poder, se apresenta como um mandão que se posiciona contra o mandonismo. Tal caracterização fica evidente no episódio que versa sobre o jornal por ele editado, ‘A Farpa’. O doutor, para que se publique um jornal contra o governo situacional de Santa Fé, usa de seu poderio e age com autoridade e violência para fazer valer sua vontade, obrigando um mestre de tipografia a confeccionar as matrizes de seu jornal. O mulato, que por acaso era ex-funcionário dos Trindade (então inimigos políticos dos Cambará), sabia que teria prejuízos pessoais caso trabalhasse para Rodrigo, ficando no fogo cruzado entre duas camadas importantes no domínio político de Santa Fé. O contraste entre o discurso que Rodrigo tece para configurar o editorial de seu jornal e sua ação autoritária fica bem exposto nos trechos que seguem:

*“Santa Fé, onde há tantos anos a liberdade tem sido amordaçada, o direito espezinhado e a justiça bruscamente substituída pelo mandonismo, terá neste semanário político e literário uma voz corajosa, clara e candente a clamar pelo direito dos espoliados e pelas reivindicações dos desprotegidos de sorte”.*¹²⁹

¹²⁸ VERÍSSIMO, Érico. *O Retrato*. Op. Cit. p. 141.

¹²⁹ Idem p.198.

“Atirou os originais em cima da mesa, saiu apressado e voltou meia hora depois, trazendo pelo braço um mulato lívido, com grandes olhos brilhantes de tuberculoso.

- Don Pepe, este moço é um tipógrafo competente. Trabalhava pro Mendanha e agora vai nos ajudar.

O espanhol mal se dignou a lançar para o recém-chegado um olhar perfunctório.

- Mas doutor... – balbuciou o tipógrafo.

- Já sei. O Trindade ameaçou você. Mas não tenha medo que não vai lhe acontecer nada. Dou-lhe minha palavra de honra. (...)

O homem continuou imóvel onde estava, de braços caídos. De repente, frechou na direção da porta. Rodrigo porém barrou-lhe o caminho.

- Alto lá! Daqui você não sai vivo! – Tirou da cintura o revólver de cabo de madrepérola e apontou para o mulato, que estacou (...) – Estamos num país livre, onde cada qual faz o que bem entende. E você vai trabalhar por bem ou por mal! (...)

O mulato tirou o casaco, arregaçou as mangas, fungando e ainda trêmulo, e pôs-se a trabalhar.”¹³⁰

Alguns elementos aqui demonstrados são de extrema importância para apreendermos o caráter da dominação pessoal exercida por Rodrigo Terra-Cambará: imbuído de idéias liberais e atestando no texto inaugural do jornal suas palavras contra o mandonismo vigente em Santa Fé, o doutor não percebe que suas ações não diferem das daqueles que ele tanto repudia: destaca em sua fala que o Brasil é um país livre onde cada cidadão tem o direito de agir como bem entende, mas não tolera a recusa do tipógrafo em confeccionar as páginas de

¹³⁰ VERÍSSIMO, Érico. *O Retrato*. Op. Cit. pp. 201- 202

‘A Farpa’. Por intermédio de sua ascendência social, tenta garantir através de sua palavra que nada aconteceria ao mulato, que, ao continuar negando ajuda, convence-se através da forma arbitrária que Rodrigo usa como último recurso: a ameaça de morte.

Muito embora as linhas seguintes do texto mostrem o desconforto de Rodrigo com a ação por ele protagonizada, ele a legitima: a violência contra um subalterno seria em nome de uma causa maior. Paradoxalmente, para fazer valer sua vontade de conscientizar Santa Fé dos desmandos de seus ‘manda-chuvas’, ele força através da violência legitimada pela sua ascendência social o tipógrafo a executar à força uma ação que ele não queria, subjugando-se em decorrência da dominação pessoal exercida pelos Cambará. Concomitantemente, ao ser obrigado a respeitar uma determinação do herdeiro do Sobrado, o mulato é repreendido também pelos homens dos Trindade, que legitimam a surra nele aplicada como uma advertência a sua ‘traição’. Ao se denominarem não como pessoas autônomas, mas sim como “gente de coronel fulano ou beltrano”, esses homens “livres” estão longe de exercerem livre arbítrio; tendem a executar ações pré-determinadas pelos seus senhores, sendo gratificados ou punidos caso haja a transgressão das regras codificadas no favor e na dependência.

Ao mesmo tempo em que Rodrigo é um grande crítico da caudilhagem rio-grandense, tecendo um discurso predominantemente em prol do progresso, fica evidente nas páginas de “Chantecler” (que não por acaso é francês), que as vias do progresso na sociedade brasileira (tendo ressonância na fictícia cidade de Santa Fé) podem sim, se dar no plano tecnológico, o que fica expresso em uma conversa com seu irmão Toríbio:

“- És um bárbaro! Representas um Rio Grande que tende a desaparecer, um Rio Grande que vive em torno do boi e do cavalo, heróico, sim, não há duvida, mas selvagem, retardatário. Ninguém pode deter a

marcha do progresso e da ciência, e os que atravessarem o caminho serão esmagados. Tipos como o Trindade e seus capangas, no futuro hão de ser apenas artigos de museu. (...) Sou também pela manutenção das tradições de honra e coragem da nossa terra. Mas também sou pelo progresso. Um dia o automóvel há de desbancar o cavalo. E muito ídolo cairá por terra, muito costume será modificado. É uma fatalidade, Bio”.¹³¹

Porém, sabe-se que quando se diz respeito à esfera social, o próprio texto de Érico Veríssimo mostra que as formas tradicionais de mando continuam prevalecendo, sobretudo no período que se é retratado: “Chantecler” mostra a evolução da personagem protagonista de *O Retrato* nos anos permeados pela influência da Revolução Francesa, Abolição da Escravatura e Proclamação da República, quando o projeto de uma sociedade moderna é proposto. Porém, como sabemos, tal modernidade teria suas raízes estabelecidas apenas alguns anos mais tarde, com a consolidação da Revolução de 30 e a tentativa de destradicionalização da política nacional.

3.4 Fidelidades desinteressadas?

A rede de influência de Rodrigo Cambará se caracteriza, sobretudo, em três grupos distintos: o das mulheres às quais encanta com sua beleza e poder, os amigos menos abastados que lhe prestam apoio incondicional e sua camarilha formada pelos agregados, funcionários domésticos e peões do Angico.

¹³¹ VERÍSSIMO, Érico. *O Retrato*, Op. Cit, p.99.

Algumas figuras, como os amigos de infância Chiru Mena e Neco Rosa são presença constante nos eventos sociais sediados no Sobrado, outras encontram forma de manifestação na periferia do romance. É o caso de Chico Pão e o já mencionado Marco Lunardi, que encabeçam uma lista de tantas outras personagens favorecidas pelo apoio moral, social ou financeiro de Rodrigo Cambará. Se, algumas das fidelidades foram conquistadas através da convivência e dos anos, outras foram fincadas através da influência do capital e prestígio social de Rodrigo, que agregava amigos e alienava obrigações para com sua pessoa. O discurso de Neco Rosa exemplifica bem a idéia que a cidade de Santa Fé fazia de Rodrigo:

“O senhor me desculpe, doutor, mas eu perco as estribeiras quando vejo uma injustiça ou uma ingratidão. Sou e sempre fui amigo do Dr. Rodrigo e devo muitos favores a ele. Não é amizade de ontem, não senhor, é coisa que vem de longe. E depois, doutor, não há homem que tenha feito mais benefícios para esta cidade que ele. No tempo que clinicava, quase ninguém pagava consulta. O Dr. Rodrigo nunca fez questão. O hospital dele estava aberto para todo o mundo, fosse rico ou fosse pobre. Tem dinheiro pra pagar? Então paga. Não tem? Pois então não paga. O Dr. Rodrigo sempre foi pai da pobreza, a casa dele sempre viveu de porta aberta, qualquer vagabundo entrava lá.(...) Quando fica brabo, é um deus-nos-acuda (...), mas quando está de boa veia, tira até a camisa para dar pros outros”.¹³²

Tal fala é emblemática e sugere alguns aspectos importantes para a análise aqui proposta. Neco deixa clara a sua relação de amizade com Rodrigo Cambará ao mesmo tempo em que ressalta que lhe deve muitos favores. Tais favores se referem a empréstimos e interferência

¹³² VERÍSSIMO, Érico. *O Retrato*. Op. Cit. p.21.

em questões de foro social, onde a ascensão de Rodrigo tem um grande peso. Os abusos de Rodrigo, mesmo que acompanhados de perto por esse companheiro de longa data são relevados: a vaidade, a ambição, a prepotência do benfeitor não são colocadas em questão: são camufladas por todas as benfeitorias que Rodrigo fez à Santa Fé e à pessoa do amigo que fala, num processo que confere o status de alienação da vontade e opinião de Neco. A expressão pai da pobreza é utilizada em seu discurso, explicitando o caráter patriarcalista da dominação exercida por Rodrigo, assim como também patrimonialista, daquele que atende pacientes em seu hospital e nada cobra por isso. A aura do pai, que confere proteção aos que mais precisam, oferecendo assistência médica àqueles que eram subjugados pela sociedade acaba por minguar qualquer opinião crítica acerca da figura de Rodrigo Cambará: seus desmandos serão relevados e seus abusos despercebidos.

A idéia de que qualquer pessoa era bem vinda ao Sobrado, que se explicita quando Neco diz que “qualquer vagabundo entrava lá”, propõe o amaciamento das relações e a ilusão de ausência de distanciamento social entre aquele que ocupa a camada mais alta da sociedade santafezense e os demais moradores da cidade. Porém, muitas passagens mostram que, Rodrigo, apesar do ímpeto empreendedor, não se sentia confortável quando inserido entre as massas. São freqüentes as cenas em que a intolerância aos modos de vida das camadas populares é explicitada em patologias físicas, como tontura e náuseas causadas pela proximidade e odor das populações dos bairros da Sibéria e do Purgatório, que representam a camada periférica de Santa Fé, como explicita o trecho seguinte:

“Era, porém, uma pena temperada de impaciência, uma piedade sem calor humano, em suma, um sentimento gelado e gris como aquela tarde de junho. Por mais que se esforçasse, não podia amar aquela gente e era-lhe difícil e constrangedor ficar com aqueles miseráveis por muito tempo na mesma sala, a

sentir-lhes o cheiro, a ver-lhe as caras terrosas, algumas das quais numa fealdade simiesca”.¹³³

O privilégio de servir o pão de cada dia aos Cambará também confere a Chico Pão a idéia de proximidade social forjada pelos laços que a dominação pessoal cria entre os detentores do poder e seus subordinados. Pertencente a uma família de padeiros com estabelecimento construído através de um financiamento cedido por Licurgo Cambará e localizado ao lado do Sobrado, o herdeiro da padaria nunca desperdiçava a chance de dizer que tinham sido os pães feitos por sua família os que alimentaram várias gerações da família Cambará. O caráter tradicional de tal dominação é capaz de fazer com que o indivíduo - no caso Chico Pão -, ignore seu valor como pessoa, considerando a vida de Rodrigo Cambará como mais importante que a própria: “Um homem desses não devia morrer nunca, Cuca. É a maior injustiça do mundo. Por que será que Deus não leva um pobre coitado como eu e deixa viver um homem como o Dr. Rodrigo?”¹³⁴. A proximidade artificial que a dominação pessoal propõe esconde a violência que ela representa.

O dono da funerária de Santa Fé, Pitombo, tem uma idéia diferente de Rodrigo, mostrando que as opiniões acerca do “pai da pobreza” de Santa Fé eram controversas. Tendo a mesma idade e sendo praticamente vizinho do Sobrado, foram colegas nos tempos de escola, onde, em suas lembranças, Pitombo recorda dos abusos do Rodrigo criança relevados muitas vezes pela condição social e econômica de seu pai, Licurgo. Enquanto muitos reverenciavam o senhor do Sobrado, o colega de infância lembrava alguns casos que envolvia a honra e ascendência de Rodrigo: seus arroubos de poder levavam ao desrespeito às regras morais, como o exemplo dado:

¹³³ VERÍSSIMO, Érico. *O Retrato*. Op. Cit, p.326.

¹³⁴ Idem, p.34.

“Pergunte pro Mané Lucas o que é que ele pensa do Rodrigo, e ele te dirá que o Rodrigo é um miserável, um infame. E saber por quê? Porque um dia o Mané ucas convidou o Rodrigo pra batizar-lhe a filha... O Rodrigo batizou, a menina cresceu e quando ela chegou ali pelos dezesseis, o padrinho meteu-se com ela e desonrou-a. (...) Primeiro o Mané quis matar o Dr. Rodrigo, depois acomodou-se. Dinheiro arranja tudo. O escândalo foi abafado e acabaram comprando um pobre-diabo pra casar com a menina. (...)

Os ímpetos de Rodrigo não encontravam limitação e eram relevados em decorrência de sua posição social. Ao convidar Rodrigo para ser padrinho da filha, a prática de compadrio esclarece que o que se almejava era a proteção para a criança que acabava de nascer, tendo um padrinho que pudesse provê-la na falta dos pais, ou que até mesmo lhe representasse uma garantia de futuro. O poder que se garante aos pertencentes ao estamento político os coloca acima de tudo: sua vontade ultrapassa todos os limites. Por um capricho, Rodrigo se relaciona com a afilhada, situação que é remediada em ambos os lados com o intermédio do dinheiro: o Cambará compra o silêncio de seu compadre, da mesma forma que adquire um noivo para a moça que fora por ele desonrada, saindo da situação sem ônus pessoal ou social. Da mesma forma que o dinheiro compra o silêncio e aliena vontades, os amigos e a fidelidade também são da mesma maneira arrematadas: a fortuna de Rodrigo era capaz de recuperar a honra dos amigos endividados, como o caso de Chico Cabral, configurando em Santa Fé grupos com concepções ambivalentes acerca da pessoa de Rodrigo:

“Pergunta pro Tônico Cabral o que é que ele acha do nosso homem. Vai te dizer que é deus no céu e Dr. Rodrigo na terra. O Cabral estava mal de negócios, com uma letra protestada e ia meter uma bala na cabeça quando o Dr. Rodrigo

apareceu, a bem dizer tirou o revolver da mão dele e emprestou-lhe, qual! Deu-lhe de presente, vinte contos para pagar a dívida. O Tonico endireitou a vida e está aí hoje, rico e prospero”.¹³⁵

O caso de José Lírio é completamente diferente de todos aqui apresentados. Freqüentador assíduo do Sobrado desde os tempos de sua juventude e apaixonado pela inveterada Maria Valéria, afastou-se do convívio dos Cambará por defender idéias políticas diferentes das de Licurgo durante o cerco de 1885. Lutando ao lado contrário, se recusou a atirar quando os soldados de Licurgo pediram uma trégua para conseguir água para o parto de Alice, esposa do dono do Sobrado. Porém, as controvérsias políticas acabaram de vez com uma amizade de anos: este constitui o maior desgosto da vida de José Lírio. Freqüentar o Sobrado para esta personagem significa mais que status social; é também uma questão de honra ser chegado de gente considerada por ele tão direita e honrada. José Lírio fez de sua missão de vida voltar a freqüentar o Sobrado, feito que fora realizado por uma manobra de Rodrigo, que convenceu o pai, Licurgo, a voltar a receber Lírio em sua casa. A gratidão de Lírio por Rodrigo não encontra delimitação; os abusos cometidos são despercebidos e nenhuma evidência faria Lírio mudar de opinião: não há pessoa melhor ou mais justa, como mostra uma de suas falas: “(...) Nunca vi homem de maior coração nem amigo mais leal. O que era dele era do próximo. Ninguém fazia nenhuma injustiça perto do Rodrigo porque ele estava sempre do lado do mais fraco”.¹³⁶

3.4. O Retrato que desbota

¹³⁵ VERÍSSIMO, Érico. *O Retrato*. Op. Cit, p. 39.

¹³⁶ Idem, p.44

Objeto de desejo do insaciável Rodrigo, as mulheres têm lugar de destaque na análise que se faz do abuso de poder e alienação de vontades alheias. A figura feminina se releva em *O Tempo e o Vento*: são caladas e fortes, resignadas e sábias quando analisamos as que pertencem à história do Sobrado, como Ana Terra, Bibiana, Maria Valéria, Flora ou Sílvia; e objeto do desejo e da vontade desmedida daqueles que mandam quando tratamos de Ismália Caré (já analisada em um contraponto feito com a personagem de Licurgo Cambará), a prostituta Anaurelina, a musicista austríaca Toni Weber ou Ondina Caré.

O caso da mulata Anaurelina é um dos primeiros que ilustram as páginas de *O Retrato*. Desvirginada por Rodrigo quando a mãe desta havia pedido que ela fosse até o consultório do doutor para lhe limpar o soalho, quando relata o acontecido, a personagem não demonstra rancor por ter sido “posta na vida” e se tornado prostituta, nem tampouco contesta o fato como sendo uma forma de abuso por parte de Rodrigo; pelo contrário: diz que o único receio era de “pegar filho”¹³⁷, e completa:

“(...) Se o Dr. Rodrigo não tivesse me botado na vida eu decerto hoje era cozinheira duma dessas grã-finas como minha mãe foi, ou então tinha casado com um diabo qualquer e no fim ainda por cima tinha de trabalhar para sustentar ele. (...) mas uma coisa eu garanto, nunca estive com um homem que chegasse aos pés do Dr. Rodrigo”.¹³⁸

Se o autor do feito tivesse sido um peão do Angico ou um morador do Purgatório, será que Anaurelina julgaria a situação da mesma forma? Até que ponto o poder, a beleza e o prestígio social de Rodrigo colaboraram para que a prostituta considerasse o fato de ter sido por ele desvirginada quase um acontecimento honroso, constituindo um exemplo de total

¹³⁷ VERÍSSIMO, Érico. *O Retrato*. Op. Cit, p. 27.

¹³⁸ Idem, p.28

alienação de sua vontade a favor da vontade do outro, no caso Rodrigo? A violência que o fenômeno sociológico da dominação pessoal representa é bem descrita no caso desta personagem. Enquanto Rodrigo, por ser homem e portador de status social sai, assim como das outras situações semelhantes sem ônus algum, ainda é elogiado por Anaurelina, que diz que jamais conheceu homem que chegasse aos pés do Dr. Rodrigo.

O caso de Ondina Caré relembra a relação de seu pai com Ismália, com a diferença de que o rapaz não dá continuidade aos encontros nem se envolve pessoalmente na relação. Ondina, que também pertence à família dos Caré, se deixa levar por Rodrigo, que temia que a moça fosse virgem. Porém, Ondina também cedia aos folguedos do irmão, e Rodrigo, assim como Toríbio, como donos do Angico se viam no direito de usufruir de tudo que ali pertencia e, dessa forma, usavam as mulheres ao seu bel prazer.

Embora tivessem os filhos de Licurgo criados à sombra do ideal de honra que fora o bisavô Rodrigo Cambará, homem justo, guerreiro, sempre em prol dos menos favorecidos, a inexistência da distancia social que é forjada pela convivência entre iguais entre Toríbio e seus peões no Angico é desmascarada em afirmações pela personagem feita como “acho que os Carés nem sabem o que é honra”.¹³⁹ Imbuído de sua formação (já mencionada) Iluminista, Rodrigo chega a discursar sobre a injustiça de ser a moral de uma jovem branca e rica mais valiosa que “de uma coitadinha como a Ondina”.¹⁴⁰ Todo seu ideal de igualdade, porém, esbarra na seguinte reflexão: “(...) Era-lhe friamente desagradável a idéia de que o sangue dos Cambarás, senhores do Sobrado e do Angico, pudesse misturar-se com o dos Carés”¹⁴¹. Ora, não seriam também os Cambará uma família que se formou através da

¹³⁹ VERÍSSIMO, Érico. *O Retrato*. Op. Cit, p.176

¹⁴⁰ Ibidem.

¹⁴¹ Idem, p. 175.

herança da miscigenação? E onde se localiza agora a idéia da “democracia santafezense”, tão enfatizada os discursos tecidos entre os intelectuais freqüentadores do Sobrado? E, apesar de todo o remorso e consciência de que se fazia sim, diferença entre a honra de uma jovem rica e de uma agregada do Angico, os encontros continuaram, e, quando Ondina servia seu almoço, ele nem sequer percebia a presença da moça na cozinha. Sabendo que Ondina tinha outros amantes dentro do Angico, entre eles seu irmão, Toribio, Rodrigo reflete: “Pelo menos agora estou livre de todo o remorso, isento de qualquer responsabilidade”¹⁴². Tal reflexão fundamenta outra feita pela escrava Laurinda, antiga escrava dos Cambará que se tornou uma agregada que presta serviços no Angico de que “sina de Caré fêmea é dormir com Cambará macho”¹⁴³.

Na análise proposta, acredita-se que o caso de Toni Weber seja o mais emblemático por determinar o início da decadência moral e social de Rodrigo Terra Cambará. “A sombra do anjo”, que não por acaso intitula um dos capítulos de *O Retrato*, vai ofuscar o brilho de Rodrigo, uma vez que o escândalo do envolvimento do dono do Sobrado com a jovem musicista austríaca teve repercussão por toda Santa Fé.

Logo em que entram em cena os componentes da família Weber, fica evidente que os favores que Rodrigo presta a essa família são puramente interessados na caçula, Antonia. Um grande amante das artes, o dono do Sobrado justificava o auxílio prestado à família de músicos como um incentivo a vida cultural de Santa Fé. O interesse oculto estaria na conquista de Toni, empenho bem sucedido que culmina na gravidez e suicídio da moça. Tomado de todos os recursos que brotaram de sua ascendência social, Rodrigo tenta de todas as formas solucionar a situação de maneira que sua família nada saiba e que seu status

¹⁴² VERÍSSIMO, Érico. *O Retrato*. Op. Cit, p. 183.

¹⁴³ Ibidem.

social mantenha-se intato. Num arranjo, consegue um noivo para Toni, que se suicida logo em seguida:

“Como para redimir-se de tamanha vileza, pensou num recurso corajoso: procurar Herr e Frau Weber, contar-lhes tudo honestamente sem omitir nenhum detalhe, e depois dizer-lhes: ‘Agora façam o que entenderem: me processem, me denunciem, me matem...’ Talvez – tornou a insinuara voz cínica – talvez o maestro e sua Frau te peçam uma indenização para irem-se de Santa Fé com toda a família sem fazer escândalo...”¹⁴⁴

Ao utilizar no caso de Toni a metáfora da andorinha sacrificada, Rodrigo entende que, ao ser responsável pela morte da musicista, perde um pouco de seu viço pessoal e social. O retrato emoldurado na sala principal do Sobrado começa a perder a sua cor e a não mais ressoar na figura do senhor do Sobrado e do Angico. A deixa que o episódio confere à obra inaugura um novo ciclo, onde o tempo e o vento serão responsáveis pela oxidação da união da família Cambará, fragmentando vidas e destinos que entram em consonância com o novo momento histórico que a história presencia: de modernização, urbanização e desapego às tradições.

¹⁴⁴ VERÍSSIMO, Érico. *O Retrato*. Op. Cit, p. 502

CAPÍTULO 4 – UM ARQUIPÉLAGO DE ILHAS PERDIDAS

4.1 – Ilhas denominadas

O terceiro volume de *O Tempo e o Vento* dá voz às personagens que foram anunciadas em *O Retrato*, mas que em decorrência do destaque dado à pessoa de Rodrigo Cambará acabaram ficando em segundo plano. As vidas de Floriano, Sílvia, Toríbio, Roque Bandeira, Arão Stein, Zeca e Dante Camerino tomam forma em *O Arquipélago*, configurando algumas das ilhas que se perderam do continente ao qual pertenciam. Suas histórias de vida e reflexões configuram-se como um valioso instrumento de análise da questão do fenômeno sociológico da dominação pessoal no romance histórico de Érico Veríssimo.

Mesmo que se configure em *O Arquipélago* um cenário que dá voz a outras versões de uma mesma história – aquela que é tecida através da dominação pessoal, da alienação da vontade alheia, ainda se destacam algumas importantes reflexões de Rodrigo Terra-Cambará que acabam por clarificar o seu caráter dominador atado aos moldes de dominação tradicional. A volta de Rodrigo é novamente a deixa para o começo do desenrolar de acontecimentos de *O Arquipélago*, porém, dessa vez, o que Santa Fé presencia não é o retorno triunfal de um filho da cidade, mas sim o retorno decadente daquele que, a beira da morte, “cai” junto com o Estado Novo, em 1945. Com o enfraquecimento de sua saúde, também se presencia em Santa Fé a decadência de seu prestígio social; ao retornar, Rodrigo, até então o “pai dos pobres de Santa Fé”, encontra opiniões ainda mais diversas sobre a sua pessoa, intercaladas nas falas de seus afetos e desafetos da cidade onde nasceu.

Ao assegurar uma postura que preza mais pela vertente liberal, Rodrigo entra em contradição consigo mesmo: suas idéias são baseadas na filosofia Iluminista, mas seu *ethos* não difere do de seu pai ou de seu avô. Nesse sentido, a alegoria do Angico em *O Tempo e o Vento* é muito significativa: a estância dos Cambará representa um foco da presença patrimonial; onde o tempo passa, mas as relações permanecem as mesmas, permeadas pelo autoritarismo do senhor, amaciadas com resquícios de ausência de distância social entre peões e patrões. O Angico é a alegoria Brasil que não se moderniza nem socialmente nem tecnologicamente, que evidencia a manutenção dos moldes tradicionais. Como diz o próprio Rodrigo;

“O mundo progride, mas o Angico fica para trás, atolado no passado. Na Argentina e no Uruguai, há estâncias confortáveis, com luz elétrica e água corrente. Nós continuamos com o lampião de querosene, com vela e água na pipa. Só queria saber por que o Velho teima em não modernizar o Angico? Talvez considere isso um sacrilégio... o mesmo que violar a sepultura do próprio pai”.¹⁴⁵

Porém, é no Angico que se configuram as maiores expressões da dominação pessoal em decorrência de abrigar tantos peões e agregados, massa de manobra e exército utilizado pelo poder patriarcal em caso de guerras. Embora seja *O Arquipélago* cenário de uma das mais emblemáticas manobras de aproximação social na qual se configura o enterro de Licurgo no mesmo local em que fora sepultado o agregado Fandango, dando a entender que senhores e subordinados podiam sim fazer parte de um mesmo estrato social, aquilo que Rodrigo Cambará chega a chamar de “lealdades desinteressadas”¹⁴⁶ perde, na maioria das

¹⁴⁵ VERÍSSIMO, Érico. *O Arquipélago I*. Op. Cit, p.148.

¹⁴⁶ Idem p. 199.

vezes, o que justificava o único “interesse” em prestar tal lealdade: a manutenção de sua segurança. Sobre isso, discursa Arão Stein, um dos agregados de Rodrigo:

“Pensa naqueles homens mortos lá no porão (...). Ninguém sabe quem são. O tenente não conseguiu identificar mais que três ou quatro. Amanhã vão ser enterrados na vala comum, enrolados em trapos. Esse é o destino de todos os lutadores anônimos que morrem estupidamente para servirem os interesses políticos e econômicos da minoria dominante. (...) – E as diferenças de classe continuam mesmo na morte. O Dr. Ruas está aqui em cima, tem velório especial, caixão de primeira. A escória jaz atirada lá embaixo, no porão. Não é um símbolo do que acontece no edifício social?”.¹⁴⁷

As “lealdades desinteressadas” às quais Rodrigo se refere, ao se engajarem nessa rede de subordinação de seus senhores, não querem mais que a manutenção da própria vida baseada na proteção e favores prestados pelo poder patronal. Porém, a existência destes, desconstituída de autonomia, é utilizada quando necessária para a defesa do “feudo”, se transformando em uma massa de homens mortos e sem identificação, que perderam a vida por ser “gente” dos Cambará. Aquilo que lhes servia como forma de identificação perante o mundo acaba por lhes tirar o direito de existir mesmo que sua existência não fosse dotada de autonomia: morrem em nome da causa daqueles que comandam suas vontades.

4.2 - Toríbio

Quando em *O Continente* se apresentam os filhos de Licurgo Cambará, Rodrigo e Toríbio são descritos como dois meninos curiosos, onde o destaque é dado à intrepidez de

¹⁴⁷ VERÍSSIMO, Érico. *O Arquipélago I*. Op. Cit, p. 304.

Toríbio. Batizado com o mesmo nome de um dos melhores amigos de seu pai, o filho mais velho de Licurgo se torna um rapaz que, apesar de letrado, cresce intimamente ligado a terra, diferenciando-se assim de Rodrigo, que como já foi visto, é o primeiro filho de Santa Fé a se tornar doutor na capital Porto Alegre.

A figura de Toríbio é a que mais se aproxima das de Chico Rodrigues e do capitão Rodrigo Cambará. Considerados na presente dissertação como os malandros propostos por Antonio Candido¹⁴⁸ e Roberto Schwarz¹⁴⁹. Toríbio encanta leitores e lhes arranca gargalhadas. Sua relação com os peões do Angico e sua forma descompromissada para com a vida atribuem-lhe um carisma que só se iguala ao do Capitão Rodrigo em *O Continente*. A importância da personagem no romance e na análise aqui proposta, porém, vai além de tais semelhanças.

Sendo durante toda a sua vida o grande comandante do Angico, Rodrigo, ao descrever o irmão, sempre lhe atribui um aspecto de guerreiro espartano. Com cabeça raspada, corpo queimado do sol e porte atlético, Toríbio Cambará tem uma atitude igualitária para com os peões dentro da estância. Ao se embrenhar no meio de reses e peões, os próprios serviçais e agregados do Angico dizem não haver diferença entre eles e seu patrão. A camuflagem da distância social atribui a Toríbio o caráter de um senhor para quem não existem hierarquias dentro de seus domínios. Seus subordinados o tem como companheiro, e assim, lhes são cegamente fieis.

Apesar de se prevalecer se sua condição para abordar todas as mulheres do Angico e criadas do Sobrado, Toríbio jamais se casa e tem inúmeros filhos ilegítimos por Santa Fé. Desses, apenas Zeca é por ele assumido. Filho de uma camareira do Sobrado, o menino se configura como uma alegoria perfeita para a questão do agregado; é criado dentro da casa

¹⁴⁸ Cf. CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. Op. Cit.

¹⁴⁹ Cf. SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?* Op. Cit.

mais abastada de Santa Fé, brinca com os primos, recebe deles as roupas que não mais lhes servem e é assumido pelo pai numa tentativa de se dar continuidade à linhagem dos Cambará. Porém, Zeca opta pela vida religiosa, para desgosto do pai, tão amante de todos os prazeres da vida.

A amizade entre os irmãos Toríbio e Rodrigo se esvai quando o último passa a rezar pela cartilha do getulismo. Contrastando opiniões, a relação entre os irmãos se rompe em 1930, quando Rodrigo decide acompanhar a Revolução de perto e também amarrar seu cavalo no obelisco da Praça da República. Quando, em uma noite de ano novo, Toríbio é assassinado por um bêbado em uma peleja, num dos momentos mais emocionantes de *O Tempo e o Vento*, as chances de manutenção do continente de ilhas unidas se acabam de vez. Toríbio consistia num catalisador entre o mundo tradicional e o moderno, o Rio Grande caudilho e o urbanizado. Sua morte divide o continente em diversas ilhas que constituem *O Arquipélago*.

4.3 – Floriano: o autor de *O Tempo e o Vento*

Tentativa de compreensão das ilhas do arquipélago a que pertencço, ou antes, devia pertencer. Abertura de meus portos espirituais ao comércio de outras ilhas. (...) Escrever sobre a minha terra e minha gente - haverá melhor maneira de conhecê-las?

Floriano, *O Arquipélago I*

É finalmente em *O Arquipélago* e, através do destaque que se dá a outros personagens, que se revela que o escritor de *O Tempo e o Vento* é justamente o filho mais velho de Rodrigo Cambará, Floriano. Ao se deparar com a possibilidade iminente da morte do pai, Floriano entra em um processo que o leva à busca de seu verdadeiro eu. Considera-se um adulto que não terminou de crescer, justamente por viver sob a responsabilidade de

contradizer o pai em todas as suas ações, numa tentativa de compensar a mãe, Flora, do modelo de homem que ela conhecera como marido. Mulherengo, vaidoso, egoísta e seduzido pelas formas de poder como o capítulo anterior tentou mostrar, o *Chantecler* é a alegoria que Floriano tenta destruir em si mesmo. Ao se desconstruir, o primogênito de Rodrigo já não sabe ao certo quem é. Não se vê como gaúcho, não sabe até que ponto é uma versão reformulada do pai, ou como o medo de magoar a mãe acabou por retrain sua autenticidade.

Floriano tinha desde a mais tenra idade a consciência de que o Sobrado representava o centro de Santa Fé: signo de poder econômico e social da cidade, também é cenário de debates profundos sobre a sociedade santafezense, sobretudo nos últimos dias de vida de Rodrigo Terra-Cambará. Como um prelúdio dos argumentos que Floriano teceria acerca dos mandos e desmandos dos “senhores feudais de Santa Fé”, sua infância já se dotava de percepção sobre a sociologia da cidade:

“A sociologia do menino era cristalina
Os ricos moravam nas ruas e praças principais
Os remediados nas ruas transversais
Os pobres no Barro Preto, na Sibéria e no Purgatório
Os negros conheciam seu lugar
As coisas tinham sido, eram e sempre seriam assim
Porque essa era a vontade de Deus.

Amém!”¹⁵⁰

A empreitada de se reconhecer e ao mesmo tempo saldar uma dívida para com a terra natal ajuda Floriano a desvendar a alma do escritor que existe dentro de si e analisar seu mundo recorrendo às lembranças do passado, às suas experiências que acabaram por moldar a sua personalidade, desenhando com suas palavras um mapa que procura

¹⁵⁰ VERÍSSIMO, Érico. *O Arquipélago I*. Op. Cit, p. 57.

desvendar o que fez da “ilha” Floriano se distanciar do “continente” a que pertencia, simbolizado pelo Sobrado:

“Estou chegando a conclusão de que um dos principais objetivos do romancista é o de criar, na medida de suas possibilidades, meios de comunicação entre as ilhas de seu arquipélago... construir pontes... inventar uma linguagem, tudo isso sem esquecer que é um artista, e não um propagandista político, um profeta religioso ou um mero amanuense”.

151

Floriano é uma ilha. Uma ilha que está disposta se abrir para todo o arquipélago em nome do resgate dos laços perdidos com o continente do qual um dia todas as ilhas fizeram parte. Ao escrever a história de sua terra, Floriano busca o entendimento e percepção de sua própria experiência num processo que procura resultar em um auto-conhecimento através dos pormenores familiares que lhe são narrados pela tia Maria Valéria. Diz Floriano:

Quando a velha Maria Valéria anda pela casa nas suas rondas noturnas, com uma vela acesa na mão, vejo nela um farol. Estou certo de que a luz dessa vela poderá me alumiar alguns dos caminhos que ficaram pra trás no tempo. (...) a Dinda talvez seja a única pessoa capaz de me fornecer o mapa dessa terra para mim incógnita. (...) Nesses últimos dias temos mantido alguns diálogos (...) tenho tentado, com sucesso, que a Dinda me conte ‘causos’ de sua tia Bibiana e de seu marido, um certo capitão Rodrigo (...). Depois de muitas hesitações e resmungos, a Dinda me confia a chave do baú de lata que traz guardadas suas lembranças e

¹⁵¹ VERÍSSIMO, Érico. *O Arquipélago I*, Op. Cit, p.197

reliquias. (...) Todas essas coisas me excitam a fantasia pelas suas possibilidades novelescas (...).¹⁵²

A personalidade de Floriano abriga as mais diversas antíteses: se posiciona contra o coronelismo, porém, ao mesmo tempo, não se engaja em nenhuma vertente política. Condena o pai por seu comportamento adornado de caprichos, mas sabe que as semelhanças entre os dois, sobretudo as físicas, são inegáveis. Tem para com a mãe, mais que o dever, mas a obrigação de se fazer um anti-modelo do pai, como diz em uma de suas citações em *O Arquipélago I*: “Eu não queria decepcionar minha mãe. Não queria que dissessem que por ser filho de tigre eu tinha saído pintado... O meu sonho era ser anti-Rodrigo, para compensar as decepções de minha mãe...”.¹⁵³

Durante toda a sua vida, distanciou-se do ideal masculino do Rio Grande, valente, violento e autoritário e se aproximou das figuras femininas da casa. Por esse motivo, no livro que escreve, Floriano dá voz às mulheres, afirmando que elas eram o chão firme em que os homens pisavam¹⁵⁴. Sobre a resistência de Floriano em aceitar sua autenticidade, diz Tio Bicho:

“(...) te irrita um pouco não poderes fugir dessa tábua de valores que intelectualmente repudias. No entanto, todas essas regras de comportamento, esses tabus, esses ‘não presta’, ‘não pode’, ‘não deve’, ‘não é direito’, em suma, toda essa moral que no fundo nasceu da superstição e do utilitarismo estão incrustados no teu ser como um cascão do qual gostarias de te livrar. O que te preocupa também é que, por baixo dessa crosta és um homem igual a teu pai, com as mesmas paixões,

¹⁵² VERÍSSIMO, Érico. *O Arquipélago II*, Op. Cit, pp. 177-178

¹⁵³ VERÍSSIMO, Érico. *O Arquipélago I*, Op. Cit, p.337.

¹⁵⁴ VERÍSSIMO, Érico. *O Arquipélago II*, Op. Cit, p. 458.

impulsos e apetites... apenas com menos coragem de existir autenticamente”.¹⁵⁵

Os diálogos que são expostos em *O Arquipélago* são de uma riqueza inestimável para a análise sociológica: as “audições” realizadas diante do leito de morte de Rodrigo Terra-Cambará consistem em uma profunda reflexão acerca da sociedade rio-grandense, sobretudo no que se diz respeito às formas tradicionais de mando e poder. Intercalando diferentes concepções, os discursos expostos nos capítulos que se intitulam como “Reunião de Família”, que têm como protagonistas o getulista Rodrigo, o comunista Eduardo, o reacionário Terêncio Prates, os intelectuais Roque Bandeira (também conhecido como Tio Bicho) e Floriano, junto do religioso Zeca, Érico Veríssimo (ou Floriano) mostram como domínio dos menos favorecidos é legitimado ou condenado pelas diferentes vertentes de pensamento. Floriano é aquele que, justificando através da história, tece comentários contundentes sobre o fenômeno da dominação pessoal:

“Que tem sido nossa vida política nestes últimos cinquenta ou sessenta anos senão uma série de danças tribais ao redor de dois defuntos ilustres? Refiro-me a Julio de Castilhos e Gaspar Martins. Sempre foi motivo de orgulho para um gaúcho que se prezava sacrificar-se ou morrer pelo seu chefe político, pelo seu partido, pela cor de seu lenço. (...) Todos esses correligionários, amigos, peões, capangas, criados, todos esses crentes que formavam a massa do eleitorado em tempo de eleição e engrossavam os exércitos em tempo de revolução, seguindo quase que fanaticamente seus chefes, todos esses homens, fosse qual fosse a cor do lenço, viveram na minha opinião, alienados. Aceitaram irracionalmente a autoridade de Castilhos, de Gaspar Martins, do senador Pinheiro, de

¹⁵⁵ VERÍSSIMO, Érico. *O Arquipélago I*, op. Cit, p. 344.

Borges de Medeiros e outros como viriam mais tarde aceitar a de Getúlio Vargas. Mais que isso: seguiram também os coronéis, os chefetes locais, com a mesma devoção...(…) As pobres ilhas abandonadas procuravam integrar-se na terra firme do Continente. Ora, nesse processo de integrar-se e render-se, elas deixavam de ser o centro de seu próprio mundo, entregavam sua liberdade, seu destino, a algo ou a alguém mais forte que elas... (….) vamos tomar um exemplo de casa: o Bento. Quando viajava pra fora do município e lhe perguntavam quem era, o caboclo respondia com orgulho: ‘sou *gente* do Coronel Licurgo’. Um outro gaúcho, querendo certa vez explicar o motivo porque seguia cegamente Flores da Cunha, prontificando-se a arriscar a vida por ele, disse: ‘É que fui *dado* ao general, de pequeno’. (….) Há outras maneiras do homem identificar-se com o mundo que o cerca. É por meio do domínio da submissão dos outros à sua vontade. Ele os torna parte de si mesmos. É uma atitude sádica. (….) tanto o homem que domina arbitrariamente como o que se deixa dominar perdem a liberdade. Um entrega sua liberdade. Outro mata a liberdade alheia em benefício da própria.”¹⁵⁶

As palavras e expressões categóricas utilizadas por Floriano (crentes, alienados, “sou *gente* do Coronel Licurgo” ou “é que fui *dado* ao coronel de pequeno” caracterizam seu discurso como feito sobre os homens que tinham a liberdade e vontade alienadas. No caso, Floriano vê o fenômeno da dominação pessoal como uma forma de identificação dos desvalidos de dinheiro e poder dentro de uma sociedade patrimonialista e patriarcal: servir a um líder político, da mesma forma que se seguia cegamente um chefe local, um coronel significava uma tática de manutenção de sua sobrevivência, e, por conseguinte, de suas

¹⁵⁶ VERÍSSIMO, Érico. *O Arquipélago I*. Op. Cit, pp. 198-199.

vidas. O preço pago pela “garantia a vida” era a fidelidade canina prestada aos chefes, que, ainda segundo Floriano, era cantada em prosa e verso pelos poetas-caudilhos gaúchos, como uma forma de amenizar a miséria e destacar seu caráter guerreiro: “cantavam esses peões e sua fidelidade canina aos patrões, procurando tirar efeitos poéticos e épicos do desconforto e da miséria em que viviam, pois achavam que isso era uma prova de fibra da raça...”¹⁵⁷.

As ilhas, que jamais pertenceram a um continente, encontram na entrega da sua liberdade àqueles que possuem o monopólio da propriedade e o advento da segurança uma forma de se identificarem com o mundo. Quando se diz que se é *gente* de coronel fulano ou foi *dado* ao coronel sicrano, é com alegria que o indivíduo o faz; o contentamento é o de pertencer a um mundo ilusório que nunca lhe pertencerá, mas que o qualifica como pessoa diante dos outros.

Floriano ainda discorre mais sobre o assunto: é da opinião de que, o getulismo nada mais é que a acomodação do brasileiro em servir sempre a um “pai”, defendendo a idéia de que, sendo livre, o indivíduo nunca deve entregar seu arbítrio e liberdade nem a um poder patronal nem a um Estado totalitário: ao se contrapor assim, às idéias do pai (caracterizado no romance como um dos homens influentes do Estado Novo) e defendendo a idéia de que uma sociedade deve ser conduzida em busca da dignidade e o bem-estar das pessoas, Floriano caracteriza o povo brasileiro como vítima da submissão a uma autoridade irracional que se baseia na família, que recruta o indivíduo para servir à autoridade irracional. Tal autoridade citada por Floriano vem ao encontro das teorias weberianas que desde o início embasam na presente análise a dominação pessoal como tendo uma base

¹⁵⁷ VERÍSSIMO, Érico. *O Arquipélago II*. Op. Cit, p.273.

tradicional mantida não somente pela força das normas que foram estabelecidas tradicionalmente, mas também pela truculência de seus agentes. Citando Floriano,

“Eu me refiro à autoridade *irracional* (...) a que não se baseia na competência mas se impõe pela força e se mantém pela propaganda, pela intimidação das massas por meio da perícia ou pela exploração dos ‘medos sociais’: o de ficar sem proteção, de ser destruído por inimigos externos e internos (...) Vou mencionar outro tipo de autoridade irracional (...) a família. (...) é a vida familiar que nos prepara para aceitar os ditadores que em última análise, não passam mesmo de uma projeção de nossos pais. E o tipo de educação que recebemos em casa, quando meninos, é responsável por esse sentimento de culpa, que carregamos pelo resto de nossas vidas”.¹⁵⁸

A contundente explanação de Floriano nos traça uma síntese da sociedade brasileira, que, ao ser classificada como tendo sua base identitária na família, se configura como patriarcal. Pegando uma “carona” em suas próprias reflexões, o filho mais velho de Rodrigo Cambará acaba por atribuir genericamente à educação recebida pelos filhos a culpa que sentem ao se tornarem adultos, justificando assim, a antítese que habita sua personalidade.

Roque Bandeira, uma importante e apaixonante personagem que ganha forma no último tomo de *O Tempo e o Vento*, sobretudo nas conversas que evidenciam a relação de carinho e amizade que tem para com Floriano, também destaca em um de seus discursos a questão da necessidade do pai na sociedade brasileira:

¹⁵⁸ VERÍSSIMO, Érico. *O Arquipélago I*. Op. Cit, pp. 201-202.

“Dizem os entendidos que essa necessidade que as massas têm de submeter-se a um homem forte não passa duma saudade da autoridade paterna, que vem da infância. (...) No Brasil, tivemos no século passado, Pedro II, a imagem viva do pai, com suas barbas patriarcais, sua proverbial bondade e ‘bananice’, como querem os outros. (...) Uns pais são mais severos e autoritários que outros. Nós temos o nosso Getulinho, Pai dos Pobres...”¹⁵⁹

4.4 – Cabo Laurito

Quando a história de Ismália Caré é enunciada em *O Continente*, ficam claras para o leitor duas coisas: sua importância na vida do Coronel Licurgo Cambará e o seu desaparecimento durante as páginas restantes dos volumes do romance; a moça ressurgue algumas poucas vezes nos pensamentos do amante, em comentários dos moradores da cidade ou da própria família Terra - Cambará. Em “Ismália Caré”, parte do Capítulo I da presente dissertação, tratou-se o desaparecimento de Ismália como uma alegoria própria do caráter submisso da personagem, que viveu sempre à sombra de seu amante e senhor. Sabe-se, porém, que Ismália acaba sendo mãe de um herdeiro ilegítimo de Licurgo, personagem que em nenhum momento do romance é citada ou denominada.

O fenômeno que traz os Caré de volta às páginas de destaque de *O Tempo e o Vento* é a envio de Lauro, neto de Licurgo e Ismália, como integrante da Força Expedicionária Brasileira para as batalhas contra a Alemanha na Itália. Morto, Lauro se torna o último Cambará morto em combate, já que Rodrigo sucumbe ao seu maior temor: morrer acamado.

¹⁵⁹ VERÍSSIMO, Érico. *O Arquipélago I*. Op. Cit, p. 193.

Desde as primeiras linhas de *O Continente*, os Caré são descritos como homens que, apesar do caráter pária, jamais se deixaram abater pelo medo da guerra. Em uma das emblemáticas passagens, também já na presente dissertação trabalhada, diz-se que na paz, viviam como bichos, mas na guerra eram homens¹⁶⁰. Porém, a virtude do Caré guerreiro só é ressaltada quando destacada num evento que repercute positivamente em Santa Fé pelo fato de ser internacional. “Laurito”, como fica sendo conhecido entre as rodas santafezenses que comentam e fantasiam seus feitos durante a batalha, agora é reverenciado como aquele que representou o sangue caudilho no conflito contra os alemães.

O relacionamento entre Licurgo e Ismália, até então tabu dentro do Sobrado, acaba sendo tratado com naturalidade em nome do reconhecimento da braveza de Laurito. A proximidade expressada pelo apelido dado àquele que a família Cambará sabia da existência, mas preferia ignorar da mesma forma que se fizera com sua avó Ismália, mostra que seu reconhecimento vem através do orgulho de ter em sua homenagem, inaugurado na Praça de Santa Fé, bem em frente da estátua do fundador Ricardo Amaral, um busto do cabo Lauro Caré. A partir de então, se é ressaltado o caráter guerreiro dos Cambará, num primeiro reconhecimento de um Caré como indivíduo. Nas palavras de Floriano,

“Quem podia prever que um dia um obscuro membro do clã marginal dos Caré viesse a ter seu busto nesta praça, a menos de cem metros da estátua do Coronel Ricardo Amaral, fundador de Santa Fé e flor muito fina do patriciado do Rio Grande?... (...) Segundo a história (ou a lenda) de Santa Fé (...) há muitos e muitos anos, um Caré roubou um cavalo dum Amaral. Para castigar o ladrão o estancieiro mandou costurar o homem

¹⁶⁰ Cf. VERÍSSIMO, Érico. *O Continente*. Op. Cit.

dentro de um couro de vaca molhado e deixaram-no depois sob o olho do sol. O couro secou, e o Caré morreu asfíxiado e esmagado”.¹⁶¹

O trecho anterior faz parte de um dos diálogos desenvolvidos em “Reunião de Família”, capítulo dividido em seis partes pertencentes aos dois volumes que compõem *O Arquipélago*. Já nas primeiras páginas do segundo volume, Rodrigo Terra-Cambará discursa sobre o feito do “sobrinho”, ao dizer que “se o velho Licurgo fosse vivo, aposto como ele estaria rebentando de orgulho do neto, embora sua cara de pedra não revelasse nada. Era fechado como um Terra”¹⁶²; tenta-se com o caráter natural dado ao acontecimento, camuflar a distância social que sempre existiu entre os mais poderosos de Santa Fé e os Caré, sendo, inclusive, a mistura do sangue dos Cambará com o dos Caré, motivo de reflexão com repulsa por parte daqueles que se deitavam com as Caré que viviam no Angico. Em mais uma demonstração de reconhecimento, tal mistura é ignorada nos comentários ressalta Roque Bandeira: “(...) Os Carés sempre pelearam em campo aberto, mas esse menino teve que brigar em montanha, como cabrito. Mas brigou lindo, como um homem. Sangue não nega. Cambará misturado com Caré só podia dar isso”.¹⁶³

4.5 – Amor ao invés de piedade

Quando o comunista Eduardo indaga se os “pobres-diabos do barro Preto e do Purgatório, que andam descalços e molambentos (...) sabem o que é identidade, dignidade,

¹⁶¹ VERÍSSIMO, Érico. *O Arquipélago I*. Op. Cit, pp. 206-207.

¹⁶² VERÍSSIMO, Érico. *O Arquipélago II* Op. Cit, p. 25.

¹⁶³ Idem, p. 36.

ou mesmo liberdade”¹⁶⁴, fica clara a alienação da vontade daqueles que dependem de um poder tradicional que os ascendem. Porém, já em *O Retrato*, permeando as páginas do derradeiro *O Arquipélago* e com destaque que transmite ao leitor toda a força de sua personagem, Sílvia surge como aquela que viria substituir a figura da base fundante formada por Ana Terra, Bibiana e Maria Valéria.

Sílvia é uma das figuras mais representativas do agregado em *O Tempo e o Vento*. Porém, contradizendo a tese acima exposta por Eduardo, a maturidade, a inteligência e a formação que seu padrinho Rodrigo Cambará lhe proveu incutiram na menina pobre e franzina toda uma gama de conhecimentos e consciência que a fazem repensar toda a sua posição antes e após de integrar legitimamente o quadro familiar do Sobrado.

Todas as suas memórias e sentimentos mais íntimos estão emoldurados num quadro que compõem o capítulo “Do diário de Sílvia”. Ao rever sua condição e na tentativa de espantar a tristeza que permeia sua vida frustrada pela não realização pessoal de seu grande amor por Floriano e pelo “amor de segunda” que sempre recebera dos donos do Sobrado, o diário inaugura um instrumento de análise valioso em *O Tempo e o Vento*, que é justamente o momento em que uma pessoa que sempre vivera na condição de agregado se reconhece como tal.

Tal percepção de sua situação se dá de forma sofrida. Ao se encontrar grávida do primeiro filho e tendo a consciência de que seu amor por Floriano jamais se realizaria, Sílvia resolve se conformar com seu casamento, baseado no respeito e amizade por Jango, (filho de Rodrigo e irmão de Floriano) através do entendimento de seu puro sentimento de submissão:

“O respeito humano, a minha timidez e principalmente esse sentimento de inferioridade que sempre senti diante da ‘gente grande’ do Sobrado,

¹⁶⁴ VERÍSSIMO, Érico. *O Arquipélago II* Op. Cit, p. 200.

de mistura com gratidão e afeto – tudo isso fez com que eu ficasse muda e paralisada (...).”¹⁶⁵

Ao não ousar em tornar público seu amor diante da inferioridade consciente perante aos “grandes” do Sobrado, Sílvia renega seus sentimentos e faz-se agir através das vontades daqueles que detém o poder do Sobrado e daqueles que o servem. Em suas próprias palavras, “Sou ainda a filha da pobre modista, a menina de olhos assustados que nunca ousou contrariar o senhor do Sobrado”, Sílvia sedimenta sua condição; agora, porém, dotada de consciência. Consciência que a faz perceber toda a alienação de sua vontade perante a gente do Sobrado, que determinou seu destino e o casamento com Jango:

“Gosta de mandar. E como acontece com a maioria dos patrões, acha que ninguém sabe fazer nada, que os peões são uns ‘índios vadios’. Para Jango, o trabalho no campo é uma religião com seus sacramentos, seus pecados, seu ritual e seu calendário de santos e mártires”.¹⁶⁶

Jango é propriamente a antítese de Sílvia. Rústico e apegado às tradições, é o descendente dos Cambará que dá continuidade às atividades rurais da família; é o responsável pelo Angico e representa em sua imagem, o Rio Grande que mantém seu alicerce baseado nas formas tradicionais de poder. O Angico, nas palavras dos homens do Sobrado, é justamente a alegoria do Rio Grande que não se modernizou, onde os moldes político e social ainda são os mesmos. Nas palavras de Floriano,

“Repito que muitos gaúchos alimentam ainda uma bela ilusão, acreditando num Rio Grande que já não existe. Confundem o tradicional com o apenas velho. O

¹⁶⁵ VERÍSSIMO, Érico. *O Arquipélago II*. Op. Cit. p. 299.

¹⁶⁶ Idem p. 300.

autêntico com o puramente pitoresco. Parecem não ter compreendido que bombacha não é adjetivo qualificativo, mas substantivo comum. (...) Sobra o Rio Grande. (...) O Rio Grande sem máscaras. O Rio Grande sem belas mentiras. O Rio Grande autêntico. Acho que à nossa coragem física devemos acrescentar coragem moral e enfrentar a realidade”.¹⁶⁷

Inserida neste contexto, Sílvia reflete sobre a história e construção de sua posição de agregada. O silêncio constitui, em seu discurso, uma forte alegoria de sua submissão. A educação que lhe incutiu a capacidade de se silenciar diante de seus ímpetos e vontades, agindo como um elemento de sedimentação de sua condição perante aos donos do Sobrado se torna, em seu discurso, motivo de reflexão sobre sua condição:

“Nos meus seis, sete, oito e nove anos, o que eu tinha vontade de dizer a Floriano era: ‘Fica pra brincar com a gente’. Quando comecei a ficar mocinha, meu ímpeto era de lhe gritar: ‘Fica, fica *comigo!*’ Acontece que ‘gozo’ da reputação, talvez merecida, de ser uma pessoa silenciosa. Tenho pago um preço alto por meus silêncios”.¹⁶⁸

A dor que reside nos relatos da personagem se dá justamente no momento de ruptura em que se revela o caráter violento da dominação pessoal. A ilusão de aproximação social desenvolve na menina a dúvida de ser ou não de fato querida. A atitude, por Sílvia denominada como a de um “vira lata em busca de um amo”¹⁶⁹ revela a violência que se encontra impregnada em tal relação social, ao mesmo tempo em que aproxima e aliena

¹⁶⁷ VERÍSSIMO, Érico. *O Arquipélago II* Op. Cit, p. 280.

¹⁶⁸ Idem, p.302.

¹⁶⁹ Idem, 306.

também fere ao se revelar não como uma forma identitária dentro de um quadro social, mas justamente como uma maneira totalmente forjada do modo de se identificar como indivíduo. Ao refletir que recebera as roupas e o amor de segunda mão¹⁷⁰, respectivamente aqueles que não eram mais utilizados por Alicinha - a preferida filha de Rodrigo Terra-Cambará – Sílvia toma consciência, mas como sujeito da dominação pessoal que sempre foi, se conforma com a sua condição, mesmo que essa tenha sido iluminada pela reflexão que é feita através da escrita de seu diário. E, mais uma vez, acata à vontade do padrinho Rodrigo Terra-Cambará:

“- Confio em ti, minha filha. O Floriano vai voltar logo para o Rio, e tudo ficará mais fácil... para os dois. O Jango precisa de ti. As mulheres têm uma capacidade de renúncia maior que a dos homens. É por isso que elas são mais fortes que nós. - Sílvia ergueu-se e saiu do quarto sem dizer palavra”.¹⁷¹

Sílvia, mais uma vez, ao silenciar, consente. Mais uma vez, a sua vontade é a vontade de seu “amo” Rodrigo Cambará. Renúncia ao amor de Floriano e decidida a viver sua vida para o filho que ainda vai nascer, passa então, a ocupar o lugar daquelas que sempre calaram e resignaram vontades e existência; junta-se ao seleto quadro das fortes mulheres de Érico Veríssimo, tão reverenciadas em críticas e textos interpretativos de *O Tempo e o Vento*. No “panteão”, junto de Ana Terra, Bibiana e Maria Valéria, Sílvia sedimenta a sabedoria que se destina às mulheres do Sobrado baseada na alienação de sua vontade e na impossibilidade de traçar seu próprio destino como um ser autônomo. Ao acatar ao pedido de Rodrigo, Sílvia continua representando para os Cambará macho “o

¹⁷⁰ VERÍSSIMO, Érico. *O Arquipélago II* Op. Cit, p. 306

¹⁷¹ Idem, p.357.

chão firme que os heróis pisavam”¹⁷², tendo, neste contexto, um papel ainda mais relevante: carrega em seu ventre a continuidade da linhagem dos donos de Santa Fé, o legado de um certo capitão Rodrigo.

¹⁷² VERÍSSIMO, Érico. *O Arquipélago II*. Op. Cit. p. 281.

CAPÍTULO V - CONCLUSÃO

Érico Veríssimo, ao associar os ofícios de poeta e historiador, tece a história do Rio Grande do Sul construindo através do mito as informações que não conseguira obter de forma primária, ou seja, colhendo histórias daqueles que viveram momentos decisivos da história do antigo Continente de São Pedro. Tal empreitada, o que aqui podemos classificar como o ofício do poeta, se identifica, sobretudo no primeiro volume da trilogia, *O Continente*. Quando os fatos da saga rio-grandense encontram respaldo nos relatos historicamente vividos ou relatados, Veríssimo passa a exercer o papel do historiador. Alguns críticos relatam que, no momento em que ele começa a contrastar sua ficção com a história contemporânea, reside uma maior dificuldade em relatar os elementos historicamente comprovados. O exercício dá origem aos dois últimos tomos de *O Tempo e o Vento*, *O Retrato* e *O Arquipélago*, que têm, quando comparados com *O Continente*, a qualidade muitas vezes diminuída por alguns críticos literários. Contudo, os volumes contemplam o objeto de análise aqui se almejou, pois demonstram em suas linhas as relações patriarcalistas entre os senhores e os homens livres que constituem a base analítica do presente trabalho apresentado.

Para os propósitos da presente dissertação, *O Continente* tem importância a partir do momento em que justifica as origens do fenômeno da dominação pessoal no Brasil com base no estado metropolitano luso. Nesse sentido, as figuras do Coronel Ricardo Amaral e de Chico (Rodrigues) Cambará são emblemáticas na medida em que se fundamenta um poder de origem despótico e patriarcal, que se baseia no estamento político patrimonialista herdado das tradições do além-mar. Enquanto que o primeiro, apesar de atuar como ladrão de terras (assim como Chico Rodrigues) tem terras conquistadas em forma de sesmaria, o

ancestral dos Cambará representa o caudilho ladrão de terras, líder de um bando no qual possuía grande ascensão moral em decorrência de sua coragem e intrepidez. Ao ser focado desta forma, a personagem se fundamenta na dialética da malandragem proposta por Antonio Candido do homem que não se localiza nem na ordem nem na desordem social e que inventa, de certa forma, sua própria maneira de viver. A personagem de Chico Rodrigues, assim como seus descendentes Rodrigo Cambará e Toríbio Terra Cambará são extremamente carismáticos e, mesmo tendo condutas socialmente repreensíveis, conquistam o leitor de certa forma que sempre se toma seus partidos. É o caso de Rodrigo, mulherengo e preguiçoso, mas com um grande senso de justiça social.

Da mesma forma, seu descendente Toríbio, abriga uma das grandes contradições sociais caracterizadas pela dominação pessoal: a ilusão de não haver distância social entre ele, dono do Angico e seus peões. Exercendo quase as mesmas funções que seus subordinados nos rodeios ou pelejas, tais características se aliam ao temperamento e beleza herdados do ancestral Capitão Rodrigo. Seu forte senso de justiça social reconhecido pelos seus peões (e que também fora herdado do capitão), não impede que ele se prevaleça da posição para usar em próprio proveito tudo aquilo que o poder lhe dispunha, inclusive as mulheres pertencente à raça dos Caré, dos quais tem certeza “não saberem o que é honra”. Mesmo assim, camuflada a violência que se instaura na aplicação da dominação pessoal sobre agregados e peões, o episódio de sua morte é um dos mais marcantes e emocionantes de *O Tempo e o Vento*; o leitor se surpreende lendo o capítulo mais de uma vez, se inconformando com a morte daquele que mais se assemelhava ao lendário Capitão Rodrigo. Sua personagem, apesar de ficar à sombra da do irmão Rodrigo, assim como o fenômeno da dominação pessoal (quase imperceptível a olho nu), margeia a história. Porém, o domínio que se fundamenta em suas características são mesmo tempo carismáticas e tradicionais,

patrimonialistas e patriarcais ajudam a dar a tônica necessária à análise que aqui se pretendeu.

A alegoria da dialética da malandragem assume aqui um caráter explicativo para as ações daqueles que, não se localizando nem no topo nem na base da pirâmide social, entre a ordem e a desordem criam artifícios para viver em uma sociedade de caráter patrimonialista e patriarcal. Assim sendo, conclui-se que *O Tempo e o Vento* apresenta, nesse sentido, quatro sujeitos significativos, cuja mais importante é justamente uma figura feminina. Bibiana, neta de Ana Terra, então uma das fundadoras da cidade de Santa Fé, se desloca da posição social subalterna para a mais elevada casta do antigo povoado. Ao casar o filho Bolívar com Luzia, a herdeira de Aguinaldo Silva, comerciante de sucesso chegado de Pernambuco, e tomando o Sobrado “completamente desarmada”, ela coordena toda uma manobra da retomada das terras que antes fora de seu pai, Pedro. Com a morte de Luzia, seu neto, Licurgo, toma não só a terra que antes pertencia ao avô: acumula com a herança também as terras do Angico, que, aliadas à tradição social de sua família, faz dos Terra-Cambará um dos mais poderosos grupos da cidade, rivalizando em pé de igualdade com os Amaral, tradicionalmente “donos” de Santa Fé. É justamente a ascensão de Licurgo Terra Cambará que serve de desfecho para *O Continente*. Sua posição como aquele que tudo provém aos que mais precisam conferem-lhe uma aura de benfeitor através da qual aliena a vontade de todos aqueles que lhe são subordinados.

O poder personalista que se configura na imagem de um pai toma força com o enfoque de Rodrigo Terra Cambará. Em *O Retrato*, seus feitos, mandos e desmandos são de grande importância na análise aqui proposta. Sendo uma alegoria para a imagem do pai que tutela aqueles que não conseguem gerir a própria existência, o braço forte daquele que tudo comanda age em nome da filosofia iluminista, se configurando como um mandão contra o

mandonismo. Condena as formas de autoritarismo, mas seu status social e econômico engendram em sua pessoa a missão “natural” de controlar o destino das instituições e pessoas de Santa Fé. Seus atos de abuso estão fundamentados na assistência que de seu poder econômico provém. A violência que a dominação pessoal exerce sobre seus “súditos” é camuflada pelo favor. Seus desmandos acontecem e são baseados em uma estrutura social que ignora a existência de tal constrangimento na sociedade, e que pelo contrário, a tem como boa. Tal constatação se justifica quando os amigos, mesmo sabendo de seus abusos, o perdoam e defendem; ou quando a prostituta Anaurelina agradece por ter sido posta na vida por Rodrigo e completa que jamais conheceu na vida homem como ele.

Dessa forma, *O Retrato* representa as atitudes contraditórias de uma geração que almejava drásticas mudanças no quadro político e social do país. Imbuídos de uma tradição que se baseia no estamento político, apesar das idéias iluministas, tais “líderes” se assemelham muito com os déspotas esclarecidos do século XVIII. No exercício de seu poder, tais atores políticos continuaram se prevalecendo de sua posição, tradicionalmente fundamentada, para submeter à vontade de grupos de dependentes; ou seja, na prática, essa geração que pretendia revolucionar as estruturas políticas e sociais, ajudam a sedimentar na história do Brasil a tradição de poder patriarcal e patrimonial, como fica bem exposto com a personagem de Rodrigo Terra Cambará.

Rodrigo é o dono do Sobrado, que é uma alegoria de significação de poder importantíssima na construção literária feita por Érico Veríssimo. Os andares representam estratos sociais bem definidos nos dias de festa ou peleja entre os grupos rivais da cidade. O porão era destinado como mortalha de soldados dos quais não se sabia ao menos o nome, o andar superior era de domínio exclusivo da família Cambará enquanto que o estágio intermediário da construção era onde se admitia aqueles que eram os “agregados do

Sobrado”, recebidos nas festas, fundamentando a ilusão de ausência de distancia social entre as camadas, como se justifica na frase de Neco Rosa: “qualquer vagabundo entra no Sobrado”.

O desbotamento da cor do retrato de Rodrigo Cambará, que nada mais tem de semelhante com o Rodrigo de carne e osso dá lugar às vozes singulares que significam esclarecimento ao leitor e que, ao sociólogo, oferecem um grande material de análise da sociedade rio-grandense. Sendo assim e para fins de conclusão, se concentra a análise em duas ilhas do mesmo arquipélago: Sílvia e Floriano. A consciência daquele que faz parte dos que exercem a dominação sobre seus súditos encontra consonância nos relatos daquela que sempre foi agregada e que apesar de passar a pertencer legitimamente ao clã dos Cambará depois de se casar com Jango, filho mais novo de Rodrigo, ainda se sente como o “cão em busca de um dono”.

A personagem de Sílvia, que tem voz através dos relatos de Floriano com a publicação de partes de seu diário feita em *O Tempo e o Vento*, serve como agente catalisador da análise aqui presente. Ao se localizar e se conscientizar como aquela que sempre agiu de acordo com as vontades de Rodrigo Terra Cambará, Sílvia faz uma comovente análise de sua condição e da construção de sua subordinação aos Cambará. Sua vontade permanece por esse poder alienada quando se retrata a renúncia de Sílvia ao amor de Floriano em nome da manutenção da família Cambará; é ela que, grávida de Jango, será responsável pela continuidade da linhagem, assim como também continua garantindo “o chão firme no qual os homens pisavam”, preservando a força mantenedora da família, rememorando as figuras de Ana Terra, Bibiana e Maria Valéria.

APÊNDICE – UM RESUMO DA OBRA¹⁷³

O Tempo e o Vento, de Érico Veríssimo, é uma trilogia épica que remonta ao passado histórico do Rio Grande do Sul, dos séculos XVIII e XX, focalizando as disputas de terra e poder pelas famílias Amaral, Terra e Cambará. Está dividido em *O Continente*, cobrindo o período histórico do século XVIII até 1895, com as lutas do início da República. *O Retrato*, que trata das primeiras décadas do século XX e *O Arquipélago* chega até 1945, enfocando o fim do Estado Novo em 1945, a obra foi adaptada para a televisão em 1985, pela Globo, e tornou-se um dos seriados de maior sucesso da televisão brasileira.

Exímio contador de histórias, Erico Veríssimo cria, ao iniciar *O Continente*, um universo fechado, regido de acordo com suas próprias leis: é a fazenda e Maneco Terra. Ana Terra, sua filha, vive num isolamento atroz, encerrada em seu pequeno mundo. Quando aparece o índio Pedro Missioneiro, ela apaixona-se. Ao descobrir que a filha está grávida, o patriarca se mostra inflexível: mata o desonrador da família. Depois, quando a fazenda é assaltada por castelhanos, Ana Terra perde a propriedade, o pai e os irmãos. Está só com seu filho. É obrigada a partir e a fazer seu próprio destino, que acabará por ligar-se a fundação da vila de Santa Fé, depois transformada em cidade. E será Santa Fé o palco da sucessão de gerações filhas da matriarca Ana Terra, onde reina o Sobrado - casarão habitado pelos detentores do poder da cidade -, eterno alvo das disputas entre as famílias rivais Terra-Cambará e Amaral.

O primeiro capítulo do livro, que se intitula “O Sobrado” e tem outras cinco partes, intercala a história do sítio ao Sobrado, (onde morre Florêncio Terra e a filha recém-nascida

¹⁷³ O presente resumo de *O Tempo e o Vento* se fez baseado na excelente síntese feita por Felipe Zschornack no site <http://minerva.ufpel.edu.br/~felipezs/html/oarquip2.html> Acessado em 27.02.2009, modificado com o auxílio dos resumos encontrados nas capas e contracapas internas da 30ª edição de *O Tempo e o Vento* publicada pela Editora Globo em 1994.

de Licurgo, Aurora, durante uma revolta em 1895, onde aparecem também os ainda jovens Rodrigo e Toríbio Terra- Cambará), com os outros 150 anos da história do Rio Grande do Sul.

“A Fonte”, componente basilar de *O Continente*, conta história do mameluco Pedro Missioneiro, que nasceu em 1745, morou nos Sete Povos das Missões, adquirindo de um padre (seu padrinho, que o batizou com o nome de um homem que um dia quis matar pela amante antes de se tornar sacerdote) um punhal que passa por todas as gerações daquela que viria ser a família Terra-Cambará. Pedro tinha visões que se realizavam, dizia ser filho da Virgem Maria e sai da Missão três meses após a morte de Sepé Tiaraju durante a Guerra dos Sete Povos. É nesta fuga que Pedro chega à estância de Maneco Terra, onde encontra Ana, que, filha do estancieiro, ajuda Pedro Missioneiro a se curar após cair ferido, já homem, em seu rancho. Ana Terra se apaixona por Pedro e dele engravida, passando assim a ser desprezada pelo pai e os irmãos, que matam Pedro, num ato de vingança pela desonra da família. Anos depois, rancho é atacado por castelhanos, Maneco Terra e um de seus filhos, além de dois escravos são mortos e Ana é covardemente estuprada, salvando assim a sobrinha, o filho e a cunhada da fúria dos assaltantes. Após enterrar os cadáveres, ela segue para as terras do Coronel Amaral para ajudar na fundação de um povoado chamado Santa Fé. Lá se torna uma exímia parteira, responsável pelo nascimento da maioria dos então santafezenses.

“Um Certo Capitão Rodrigo” conta a história de Rodrigo Cambará, um anti-herói que chega ao povoado de Santa Fé e se apaixona por Bibiana, neta de Ana Terra e filha de seu único filho Pedro. Bibiana era disputada pelo jovem Bento Amaral, o que leva Rodrigo e ele a um duelo de arma branca. Rodrigo entalha um P na cara do outro, mas leva um tiro traiçoeiro antes de por a perninha do R, o que fomenta a rivalidade entre os Amaral e os

Cambará. Rodrigo mais tarde se casa com Bibiana, também apaixonada, apesar de contrariada pelo pai Pedro Terra. Rodrigo abre um negócio com Juvenal Terra, irmão de Bibiana e começa a se degenerar, traindo Bibiana, bebendo e jogando. Quando uma das filhas do casal, Anita, morre, Rodrigo está jogando e é avisado do estado da menina, mas demora a ir para casa. Quando o faz, revolta-se em negação, mas finalmente sucumbe ao choro. Redime-se e torna-se melhor que antes, bebendo após isso tudo um único gole, quando nasce sua nova filha, Leonor, que passa a ser companhia de seu primeiro filho Bolívar. Rodrigo vai então para a Guerra dos Farrapos e, ainda durante a guerra, volta para Santa Fé atacar a residência dos Amarais. Ele ama Bibiana mais uma vez e promete voltar, mas cai com um tiro no peito durante um ataque.

“A Teiniaguá” traça a história de uma enigmática personagem, Luzia, elem de enfocar a história dos jovens primos Florêncio e Bolívar. Florêncio é o filho de Juvenal (irmão de Bibiana) e melhor amigo de Bolívar durante a infância. Luzia é a neta de um agiota que se estabelece em Santa Fé. Doente mental, Luzia é sádica, como a Teiniaguá, uma lenda gaúcha que conta de uma princesa moura transformada em cobra com cabeça de diamante que gosta de ver outros sofrerem, porém, sua beleza atrai todos os homens, incluindo Florêncio e Bolívar. Ela se casa com Bolívar depois que este volta da guerra, muito perturbado. Lentamente eles começam a se afastar dos amigos. Por fim (quase tudo isto observado pelo ponto de vista do médico da cidade, Carl Winter) ela demonstra todo sadismo ao continuar em Porto Alegre durante uma visita mesmo estando uma epidemia do cólera acontecendo. Ao voltarem, ambos se trancam no quarto após uma violenta discussão de Luzia com Bibiana. Luzia se sente presa a Santa Fé. Bibiana, que estimulara a união para passar a viver no Sobrado, construído no terreno da casa de seu pai e tomado pelo agiota, sabe como Luzia é má. O doutor finalmente fala com Bolívar e este revela que tudo

que queria era fugir para uma guerra. Como eles estão de quarentena no Sobrado, obra de vingança do Coronel Bento Amaral por ser Bolívar filho do homem que lhe talhou o rosto, Rodrigo sai atirando do Sobrado contra os homens que lhe prendiam humilhantemente em casa e cai morto, enviuvando Luzia e deixando órfão de pai seu filho Licurgo.

“A Guerra” conta a história dos anos finais de Luzia e sua disputa com Bibiana pelo amor de Licurgo enquanto este cresce. Luzia está na época com um tumor no estômago, e a preocupação principal de Bibiana é permanecer no Sobrado. Luzia, ao final, perde a guerra não declarada, pois o que queria era um filho cosmopolita, e Licurgo continua em Santa Fé, apegado às tradições rurais.

“Ismália Caré” conta a história de Licurgo já mais velho trabalhando em Santa Fé com seu melhor amigo, o jornalista Toríbio Rezende, pela proclamação da República, tudo enquanto envolvido com o casamento com a prima Alice, filha de Florêncio Terra. Ismália Caré é uma china (palavra usada até hoje em partes do Rio Grande do Sul que designa uma "mulher da vida") submissa a Licurgo do qual este gosta e permanece assim pelos anos que seguem e engravida dele. A luta pela República enfim tem sucesso e a rivalidade dos Terra Cambará com os Amaral continua com Alvarino e Licurgo, como antes fora com Bento e Rodrigo.

Dividido em quatro partes, *O Retrato* conta a história da família Terra Cambará até 1945, completando junto com *O Arquipélago* e *O Continente* 250 anos da história do RS.

O primeiro capítulo, “Rosa-dos-ventos”, conta da chegada de Rodrigo Cambará do Rio de Janeiro logo após a deposição de Getúlio Vargas em 1945, visto apenas sob o ponto de vista dos habitantes da cidade que maldizem seu passado e sua atual situação de saúde, política e familiar, com opiniões variadas. Aparece aqui a explicação para o título do livro: o retrato é uma pintura feita por Pepe Garcia de Rodrigo então com vinte e quatro anos em

que a própria personalidade de Rodrigo, junto com seu passado presente e futuro, parecem transpirar.

“Chantecler” mostra o jovem Doutor Rodrigo Terra Cambará chegando a Santa Fé em fins de 1909, idealista, pensando em revolucionar a cidade. Sua primeira empreitada é a campanha civilista pelo candidato Rui Barbosa para presidente, pela qual ele funda o jornal “A Farpa”. Usando o meio de comunicação, Rodrigo e seus amigos, especialmente o pintor espanhol anarquista Don Pepe Garcia, que como o Doutor Winter se sente preso misteriosamente a Santa Fé. Pepe trabalha como tipógrafo n' “A Farpa” e Rodrigo escreve artigos em favor de Rui Barbosa, no contexto eleitoral em que este duelou pela presidência com Hermes da Fonseca. Porém, Fonseca vence a eleição e Rodrigo se desilude com a política. Rodrigo também age com um desprendimento total em relação a dinheiro, presenteando e ajudando muitos, como o jovem Marco Lunardi a quem dá dinheiro para começar uma fábrica, e os vários pobres das favelas de Santa Fé aos quais ele atende gratuitamente, distribuindo comida e alimentos no inverno, apesar da reprovação do anarquista Pepe e de seu positivista amigo, o Tenente Rubim.

No plano romântico Rodrigo se enamora de Flora e corteja-a do modo tradicional, muito a contragosto. Sua carne é fraca, no entanto, e ele acaba por se deitar algumas vezes com uma jovem Caré tal qual o pai. Mas ainda assim continua pensando em sua Flora, filha de um arruinado estancieiro, Aderbal Quadros. Também deve se destacar que Santa Fé está toda preocupada com a passagem do cometa Halley, já que diziam que este destruiria a Terra ou envenenaria a todos com sua cauda. O título deste segmento, Chantecler, deve-se ao personagem de uma peça de Rostand que estréia em Paris durante esta época, no qual o personagem principal é um galo imponente que se ilude achando que o sol não nasce sem o

seu cantar, tal qual Rodrigo se vê como uma figura capaz de corrigir todos os males de Santa Fé.

“A Sombra do Anjo” conta a história de Rodrigo já casado e com dois filhos em 1914-15, numa Santa Fé sem Pepe e com adversários inertes. Rodrigo continua fazendo clínica e morando na cidade, enquanto o pai e o irmão passam a maior parte do tempo no Angico, a fazenda da família. O que move a história é, no plano político, a candidatura ao Senado do Marechal Hermes da Fonseca, seu desafeto, e no plano pessoal a paixão que Rodrigo sente por Toni Weber. A família Weber é uma família de músicos austríacos que chegam a Santa Fé, com quem Rodrigo primeiro não simpatiza por serem da pátria aliada a Alemanha a quem odeia em tempos de guerra. Mas após conhecê-la, passa a simpatizar com a família e se apaixona por Toni. Quando estes são roubados por seu empresário, Rodrigo arranja uma maneira para que possam permanecer na cidade, trabalhando no cinema às suas custas. Numa das visitas ao Sobrado ele finalmente conquista Toni, que também o ama. Eles passam a se encontrar, pouco mas intensamente na casa dela. Um dia ela vai ao hospital de Rodrigo e conta a ele que está grávida. Rodrigo pensa em aborto, em casá-la, em várias alternativas para o “problema”. Mas nada adianta, pois quando Toni está para se casar com um colono, ela se mata. Rodrigo confessa ao irmão e ao padre, que cuidam dele. Se refugiando no Angico, tenta disfarçar a vergonha e a tristeza, mas acaba contando ao pai, que se desaponta com ele. Rodrigo fica então em sua cama, quase enlouquecido, pensando, delirando, com o mal que fizera àquela que amava.

“Uma Vela Para o Negrinho” versa, já em 1945, sobre os filhos de Rodrigo Cambará reagindo a conjuntura político-familiar do momento. Floriano está a visitar o cemitério e vê a tumba de Toni Weber sem conhecer a história por trás da moça, pensando numa história para escrever. Depois começa a inventariar a família e a pensar no irmão

mais novo, o comunista Eduardo. Eduardo está, enquanto isto, a fazer um discurso comunista na praça a frente do Sobrado enquanto Rodrigo convalesce. Após o discurso Floriano e Eduardo discutem e Rodrigo chama Eduardo para conversar. Floriano vai até o pátio com Maria Valéria, que acende uma vela para o Negrinho do Pastoreio (reza a tradição que ele acha o que foi perdido) para que os Terra-Cambará encontrem o que perderam, ou seja, os laços familiares.

O Arquipélago se entrelaça por seis capítulos intitulados “Reunião de Família”, a história da família se reunindo após a queda de Vargas, com Rodrigo a beira da morte em 1945, e com outros capítulos que dão continuidade à história de Rodrigo e Toríbio. Depois de dois infartos e sofrendo de edema pulmonar, Rodrigo passa ao tempo todo acamado, mantendo uma amante num hotel da cidade (ela veio do Rio de Janeiro por conta própria), e os filhos desentendidos. Floriano, o intelectual passivo, está apaixonado por Silvia, mulher de seu irmão Jango, um homem simples. Eduardo milita o comunismo e ataca o pai até em praça pública, enquanto Bibi simplesmente se sente deslocada em Santa Fé. Maria Valéria está cega e Flora mantém um casamento apenas de fachada com Rodrigo. No decorrer dos capítulos, presenciamos discussões políticas entre Rodrigo, Tio Bicho (amigo da família e confessor de Floriano), Irmão Zeca (filho bastardo de Toríbio que se tornou irmão marista), Terêncio Prates (sociólogo formado pela Sorbonne e estancieiro), culminando sempre no debate sobre a figura de Getúlio Vargas que Rodrigo tanto defende. Rodrigo, enquanto isso, também desobedece às ordens de Dante Camerino, seu médico.

As anotações - “Caderno de Pauta Simples” - de seu filho mais velho, o escritor Floriano, também intercalam a história. Elas são um preenchimento de lacunas sobre acontecimentos menores de *O Tempo e o Vento*, reminiscências de infância e adolescência, onde se lembra como se sentia por ser filho de Rodrigo, o colégio interno onde era um dos

amantes da mulher do diretor (eram ambos pederastas); impressões sobre o dia-a-dia daquela reunião; memórias de quando era professor universitário de Literatura Brasileira em San Francisco, onde reencontra Mandy Patterson, a americana que namorara no Rio de Janeiro e o afastou de Sílvia. E é onde também aparece o germe do romance que pretende escrever, fechando duzentos anos de história, que é na verdade a história da própria família Terra Cambará, dando caráter autobiográfico ao personagem (ele vai afinal, escrever o livro que lemos), começando pela história de Pedro Missioneiro, uma personagem que ele não chegou a conhecer já que Ana Terra nunca revelou. Essas duas últimas citações dão caráter autobiográfico a Floriano, já que o autor foi professor de Literatura Brasileira e, bem, escreveu a história que se apresenta.

“O Deputado” versa sobre Rodrigo em 1922, deputado estadual chimango. Mas a desilusão com o partido que ele e seu pai passam a sofrer leva ele a renunciar ao cargo com um discurso inflamado na Assembléia. Passa então mais uma noitada no Rio e volta para Santa Fé e discute política com os amigos e se prepara psicologicamente com o irmão para a revolução que eles temem que virá.

“Lenço Encarnado” conta sobre a revolução de 1923 e a participação dos Cambarás. Em decorrência das fraudes nas eleições estaduais, começa uma luta entre os borgistas (chimangos, situação, inimigos dos Cambarás) e assisitas (maragatos, oposição, derrotados pela fraude, ironicamente com a participação dos ex-inimigos jurados dos Cambarás). A revolução começa em janeiro e as tropas dos maragatos se reúnem, mas só partem com o consentimento e sob o comando de Licurgo quando Alvarino Amaral decide lutar separado. É um sinal das cicatrizes que ficaram da revolução de 95, quando a filha de Licurgo, seu sogro e um agregado morreram. A coluna dos Cambará leva consigo Miguel Ruas, o promotor que nem sequer gaúcho era; Liroca, o quixotesco; Cacique Fagundes e Juquinha

Macedo, dois chefes tradicionais (o primeiro morre); caboclos pegos no meio do caminho (vários dos quais morrem); Rodrigo, Toríbio e Licurgo. Eles marcham pelo estado, andando mais que lutando. Ruas morre na tomada de Santa Fé e Licurgo padece numa das últimas batalhas, com Rodrigo ao seu lado gritando por um médico, esquecido que ele mesmo era um. Por todo este tempo as mulheres e crianças ficam no Sobrado, Flora desesperada (este capítulo revela que Flora conhece as escapadas do marido, a de Toni Weber em especial) e Maria Valéria cuidando de tudo. A revolução acaba em outubro, com vários mortos e uma paz que manda que o governador reeleito Borges de Medeiros não o seja mais e outras concessões.

“Um Certo Major Toríbio” é a parte que relata sobre os três anos seguintes, as revoltas contra Artur Bernardes, presidente na maioria do tempo em que os anos decorrem (Washington Luís toma posse posteriormente). Toríbio se junta, contra a vontade de Rodrigo, à Coluna Prestes. O capítulo mostra também a partida do introspectivo Floriano, já com jeito para letras, para estudar em Porto Alegre. Quando finalmente recebe notícias de seu irmão, vindas do já Tenente-Coronel Rubim, Rodrigo parte para o Rio de Janeiro e Toríbio é liberto da prisão. Chegando ao Sobrado, Toríbio conta de sua experiência com a Coluna Prestes aos mais chegados e como só se salvara de morrer porque um militar cujo a vida Rodrigo havia salvo era o responsável pela execução. Mas foi preso ainda assim. É importante dizer também que, desiludido com a medicina após a morte de Alicinha, sua filha preferida, Rodrigo vende a farmácia e a Casa de Saúde aos médicos que o ajudavam - Dante Camerino e Carlo Carbone -; fecha o consultório e entrega a administração do Angico a Babalo, seu sogro.

“O Cavalo e o Obelisco” é a história da Revolução de 1930, mostrada desde poucos meses antes até poucos dias depois. À medida que a tensão cresce, vai mostrando-se a

confusão de sentimentos acerca de Getúlio Vargas, que Rodrigo desgosta, vindo admirar mais tarde. Como o pai, Rodrigo é obrigado a se aliar com os antigos inimigos (Laco Madruga dessa vez) relutantemente. Floriano, já mais velho, parasitando de modo ainda mais relutante em Rodrigo e sentindo-se mal por isso é obrigado pelo pai a lutar. Homem de paz, quando durante a tomada da guarnição federal de Santa Fé o pai é ameaçado de morte por um homem que era amigo, Floriano não o mata em defesa do pai, mesmo depois deste já ter sido alvejado pelo Tenente no ombro. Floriano foge então sendo chamado de covarde pelo pai. Rodrigo acaba por dar o primeiro dos tiros que mata este Tenente, que era apaixonado pela mulher com quem Rodrigo estava traindo Flora na época, uma poetisa. Rodrigo passa a se atormentar pela morte de Quaresma a partir daquele dia. Depois ele se encontra com Getúlio Vargas na estação, faz um discurso dramático e parte para o Rio de Janeiro.

“Noite de Ano-Bom” mostra um único dia: 31 de dezembro de 1937. Começando com o enterro da mãe de Arão Stein, que se encontrava na Guerra Civil na Espanha. Eduardo, influenciado por Stein, já principia a militar o comunismo. Floriano se sente um covarde por não ter revelado à Sílvia seus sentimentos, que agora percebe o quanto eram profundos ao vê-la, no dia de seu noivado com Jango. Se lembra então do relacionamento com a americana no Rio de Janeiro que o afastou de Sílvia. Já aqui a história se foca mais na figura de Floriano que em Rodrigo e mostra o quão corrompida foi a família desde 1930. O noivado de Sílvia e Jango realiza-se sob um clima pesado com Rodrigo defendendo, apesar de ainda não ter digerido, o Estado Novo de todos, inclusive de seu irmão Toríblio. Corre tudo relativamente bem, exceto pelo desentendimento entre Toríblio e Rodrigo, até que alguém propõem um brinde à Getúlio Vargas e ao Estado Novo. Toríblio se revolta, faz um pequeno escândalo e sai com Floriano para um baile numa das favelas de Santa Fé.

Tentando seduzir uma jovem mulata, mete-se numa briga com o outro pretendente. Floriano ainda ataca um de seus inimigos com uma garrafada (gesto que não pode realizar em prol do pai), mas era muito tarde: Toríbio é ferido na virilha e se esvai em sangue, chegando morto ao hospital, suas últimas palavras sendo "Um piazinho de merda...".

De “O Diário de Sílvia” vem o preenchimento dos anos seguintes à tragédia, com impressões sobre seus sentimentos em relação a Floriano, quase idênticos aos que este sentia; o casamento infeliz e sem amor com Jango; as dúvidas quanto a sua religiosidade; a correspondência com Floriano; as confidências com e de Arão Stein (de volta da Espanha. Mais tarde expulso do PC, e já enlouquecido) e Zeca (já usando o nome de Irmão Toríbio). Lembra-se também da infância infeliz e como idolatrava a "gente do Sobrado", sentindo-se em incesto quando dorme com Jango. E registra suas reações em relação à guerra, a volta de Don Pepe Garcia e sobre o que Floriano lhe escreve dos EUA.

“Encruzilhada”, a última parte, tem um título que define a situação em que a família e o país se encontram naquele final de 1945: estão numa encruzilhada da vida. Começa a história com Arão Stein, enlouquecido pela expulsão do PC se matando, enforcado na figueira na praça central de Santa Fé. Em seguida passa-se seu funeral e enterro (Rodrigo, acamado, não toma conhecimento do fato), onde Floriano, Zeca e Roque Bandeira discutem mais uma vez. Stein é enterrado sem ter a alma encomendada, como todo suicida pertencente à religião judaica. No Sobrado, Floriano cruza com Sílvia, abraça-a e beija-a, mas ambos se separam e ela foge. Depois ele e Sílvia tem uma conversa séria e ela lhe entrega para ler seu diário. Antes de lê-lo, Floriano tem a conversa definitiva no qual desabafa tudo o que pensava e sentia sobre sua relação com o pai, cortando definitivamente o cordão umbilical que os prendia, reconciliando-se com ele e consigo mesmo. Rodrigo, já liberado por Dante para voltar ao Rio, manda Sônia, sua amante de volta antes e planeja

romper com ela. Floriano sobe até seu refúgio no sótão e lê o diário de Sílvia, sente-se afinado, inveja Zeca por ter com ela uma intimidade que ele nunca terá e finalmente lê a última frase onde ela revela estar grávida. Rodrigo e Flora, sabendo que serão avós, ficam felizes. Rodrigo prepara-se então para voltar ao Rio de Janeiro, mas morre antes. Seu funeral se processa como era de se esperar. Na noite de Ano-Bom acontece a festa tradicional, morre Laco Madruga e vê-se todos os personagens por uma última vez. Floriano planeja construir as pontes que ligarão sua ilha a este Arquipélago de pessoas. E ao final, enquanto o neto de Alvarino Amaral, admirador do escritor e conterrâneo Floriano Cambará, compõem seu primeiro poema e pensa em se aconselhar com ele, Floriano escreve as primeiras linhas de seu romance catártico que contará a história de sua família: as primeiras palavras de O Tempo e O Vento.

BIBLIOGRAFIA

ANDREONI, João Antonio. *Cultura e opulência do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

BASTOS, Maria Elena Câmara e CUNHA, Maria Teresa Santos. Olhai o que o tempo não levou – A literatura de Érico Veríssimo, in GONÇALVES, Robson Pereira (org). O Tempo e o Vento – 50 anos. SP, RS: EDUSC e Editora UFSM, 2000.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2004.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A pesquisa fenomenológica à procura de procedimentos rigorosos. In *Fenomenologia: confrontos e avanços*. Editora Cortez: São Paulo, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BORDINI, Maria da Glória. *Criação literária em Érico Veríssimo*. Porto Alegre: L&PM e EDIPUCRS, 1995.

_____. O Continente: um romance de formação? Pós-colonialismo e identidade política in GONÇALVES, Robson Pereira (org). O Tempo e o Vento – 50 anos. SP, RS: EDUSC e Editora UFSM, 2000.

_____, e ZILBERMAN, Regina. O Tempo e o Vento revisitado in *O Tempo e o Vento: História, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. O continente: um romance de formação? Pós-colonialismo e identidade política in GONÇALVES, Robson Pereira (org). O Tempo e o Vento – 50 anos. SP, RS: EDUSC e Editora UFSM, 2000.

BRUM, Pedro. O tempo e o vento como romance histórico. in GONÇALVES, Robson Pereira (org). O Tempo e o Vento – 50 anos. SP, RS: EDUSC e Editora UFSM, 2000.

- CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo; Publifolha, 2000.
- _____. *O Discurso e a Cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- _____. *A personagem do romance*, in. *A personagem de Ficção*. Op. Cit, p. 63.
- _____. *Érico Veríssimo de trinta a setenta* in CHAVES, Flávio Loureiro (org.). *O Contador de Histórias*. Porto Alegre: Editora Globo, 1978.
- _____. *Entrevista com Antonio Candido* in PESAVENTO, Sandra Jatahy et al. *Érico Veríssimo: o Romance da História*. São Paulo, Nova Alexandria, 2001
- _____. *Literatura e subdesenvolvimento* in *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.
- CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003
- CESAR, Guilhermino. *O romance social de Érico Veríssimo*, in GONÇALVES, Robson Pereira (org). *O Tempo e o Vento – 50 anos*. SP, RS: EDUSC e Editora UFSM, 2000.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *Érico Veríssimo – realismo & sociedade*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.
- _____. *O narrador como testemunha da história*, in GONÇALVES, Robson Pereira (org). *O Tempo e o Vento – 50 anos*. SP, RS: EDUSC e Editora UFSM, 2000.
- CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.
- CUNHA, Euclides. *Os Sertões* in *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966.
- DUARTE, Nestor. *Ordem privada e organização política nacional*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: a origem do patronato brasileiro*. Vol. 1 e 2. São Paulo: Publifolha, 2000.

_____. *A pirâmide e o trapézio*. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

FAUSTO, Boris. *A revolução de 30*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Pensamento nacionalista autoritário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GOLDMANN, Lucién. *Sociologia do Romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GONÇALVES, Robson Pereira. No galope do tempo in GONÇALVES, Robson Pereira (org). *O Tempo e o Vento – 50 anos*. SP, RS: EDUSC e Editora UFSM, 2000.

HELENA, Lúcia. Figuração e questionamento da nação em O Tempo e o Vento. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias*, Porto Alegre: Programa de Pós Graduação em Letras da PURS, v.2, n.3, nov. 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KOSTER, Henry. *Viagem ao nordeste do Brasil*. São Paulo, Companhia Editorial Nacional, 1942 p.441, in FAORO, Raymundo. *Os donos do poder, Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

LEENHARDT, Jacques. Narrativa e história em O tempo e o vento, de Érico Veríssimo, in PESAVENTO, Sandra Jatahy et al. *Érico Veríssimo: o Romance da História*. São Paulo, Nova Alexandria, 2001.

LUKÁCS, Georg. *Teoria do Romance*. Rio de Janeiro – São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 200.

MAESTRI, Mário. A invenção da tradição: o movimento tradicionalista gaúcho. Disponível em http://www.lainsignia.org/2002/septiembre/dial_011.htm, acessado em 15.07.2008.

MENDILOW, A. A. *O Tempo e o Romance*. Trad. Flavio Wolf. Porto Alegre: Globo, 1972.

NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. Brasília: Editora UnB, 2003

NOVAIS, Fernando. Passagem para o novo mundo. São Paulo: Revista Novos Estudos, CEBRAP, nº 9.

PESAVENTO, Sandra Jatahy *et al.* *Érico Veríssimo: o Romance da História*. São Paulo, Nova Alexandria, 2001

_____. A memória da terra: missão feminina – leituras do sul do Brasil a partir d'O Tempo e o Vento, de Érico Veríssimo in PESAVENTO, Sandra Jatahy *et al.* *Érico Veríssimo: o Romance da História*. São Paulo, Nova Alexandria, 2001, pp. 185-206.

_____. Apresentação in PESAVENTO, Sandra Jatahy *et al.* *Érico Veríssimo: o Romance da História*. São Paulo, Nova Alexandria, 2001

PLATÃO, Fédon. In *Diálogos: Fédon, Sofista, Político*. Rio de Janeiro, Ediouro, s/d.

REICHEL, Heloisa Jochims. A identidade sul-rio-grandense no imaginário de Érico Veríssimo, GONÇALVES, Robson Pereira (org). *O Tempo e o Vento – 50 anos*. SP, RS: EDUSC e Editora UFSM, 2000.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem in CANDIDO, Antonio *et. al.* *A personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SCHWARZ, Roberto. *Que Horas São?* 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

- _____. *Os pobres na literatura Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. *Um Mestre na Periferia do Capitalismo*. 4ª Ed. Rio de Janeiro - São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2000.
- SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. Memória em Questão: uma perspectiva histórico-cultural. Revista Educação e Sociedade, ano XXI, nº 71 – Julho de 2000.
- TOLLENARE, L. F. *Notas dominicais*. Salvador: Progresso, 1953, *apud* FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: a origem do patronato brasileiro*. Vol. 1 e 2. São Paulo: Publifolha, 2000.
- TROLLOPE, A. On English Prose Fiction as Rational Amusement. (Conferência realizada em 1870) in MENDILOW. A. A. *O Tempo e o Romance*. Trad. Flavio Wolf. Porto Alegre: Globo, 1972.
- VERÍSSIMO, Érico. *O Tempo e o Vento – O Continente*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.
- _____. São Paulo, Editora Globo, 1994
- _____. *O Tempo e o Vento – O Retrato*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.
- _____. São Paulo, Editora Globo, 1994
- _____. *O Tempo e o Vento – O Arquipélago*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.
- _____. São Paulo, Editora Globo, 1994
- _____. *Musica ao Longe*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *Caminhos Cruzados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *O Resto é Silêncio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WEBER, Max. Classe, estamento, partido in *Ensaio de Sociologia*. Tradução de Walstenir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968.

_____. Os tipos de dominação in *Economia e Sociedade*. Brasília: Editora UnB, 1994, p. 148, vol. I.

_____. Los tipos de dominación in *Economia y sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1974.

WEINHARDT, Marilene. O tempo e o vento: um diálogo entre ficção e história, in GONÇALVES, Robson Pereira (org). O Tempo e o Vento – 50 anos. SP, RS: EDUSC e Editora UFSM, 2000.

WERNECK, L. P. de Lacerda. *Ideias sobre colonização precedidas de uma succinta exposição dos principios geraes que regem a população*. Rio de Janeiro: H. Laemmert, 1884.

WOOLF, Virginia. *The Waves* apud MENDILOW, A.A. *O Tempo e o Romance*. Trad. Flavio Wolf. Porto Alegre: Globo, 1972.

ZILBERMAN, Regina. Saga familiar e história política, GONÇALVES, Robson Pereira (org). O Tempo e o Vento – 50 anos. SP, RS: EDUSC e Editora UFSM, 2000.

ZSCHORNACK, Felipe. Página de Érico Veríssimo. Disponível em <http://minerva.ufpel.edu.br/~felipezs/html/oarquipe.html>, acessado em 27 de fevereiro de 2009.